

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – HISTÓRIA: CULTURA E
POLÍTICA LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA POLÍTICA**

PAULO JORGE CANDIDO FERREIRA LIMA

**A REVOLUÇÃO MEXICANA NA REVISTA *EL MAESTRO RURAL*
(1932-1940)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARINGÁ

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPH

PAULO JORGE CANDIDO FERREIRA LIMA

A REVOLUÇÃO MEXICANA NA REVISTA *EL MAESTRO RURAL* (1932-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Natally Vieira Dias.

Maringá, PR
2025

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

L732

Lima, Paulo Jorge Candido Ferreira

A Revolução Mexicana na revista El Maestro Rural (1932-1940) / Paulo Jorge Candido Ferreira Lima. -- Maringá, PR, 2025.
106 f. : il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Natally Vieira Dias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Revista El Maestro Rural. 2. Política cultural. 3. Revolução Mexicana. 4. Memória coletiva. I. Dias, Natally Vieira, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 972

Marinalva Aparecida Spolon Almeida - 9/1094

PAULO JORGE CANDIDO FERREIRA LIMA

A REVOLUÇÃO MEXICANA NA REVISTA *EL MAESTRO RURAL* (1932-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Natally Vieira Dias
Presidente/Orientador (PPH-UEM)

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva
Membro Convidado (DH-CLCH-UEL)

Prof. Dr. Leandro Brunelo
Membro Corpo Docente (PPH-UEM)

Maringá, PR
2025

Agradecimentos

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a presença de muitas pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para esta caminhada.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Natally Vieira Dias, pela orientação atenta, pelo auxílio constante e pelas sugestões valiosas. Seu comprometimento foi fundamental não apenas para a realização deste trabalho, mas também para minha formação.

À minha família, em especial aos meus irmãos, Pedro Henrique Lima e Vitor Hugo Lima, agradeço pela curiosidade genuína e pelo interesse demonstrado nas perguntas que me faziam ao se depararem com imagens que lhes chamavam a atenção — gestos simples que me ajudaram a refletir com mais clareza sobre o meu próprio caminho. Pequenas atitudes que tiveram um valor imenso.

Faço aqui uma homenagem ao meu avô, Manoel Ferreira Lima, já falecido, que sempre me apoiou com palavras de incentivo e confiança em meu caminho. Sua presença, mesmo na ausência, seguiu como uma fonte de força e inspiração ao longo deste percurso.

Aos colegas e amigos(as), deixo meu agradecimento, em especial, ao meu amigo de longa data Rodrigo Pedro Casteleira (PC) e ao amigo de laboratório Guilherme Gomes dos Santos, por todo apoio no início da pesquisa, pelas conversas e desabafos que foram fundamentais nesse processo.

Registro, de maneira especial, minha gratidão à minha companheira, Bruna Borges Almeida Tavares, cuja presença constante, apoio emocional e incentivo foram essenciais nos momentos mais desafiadores desta jornada.

Agradeço também aos professores Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva e Prof. Dr. Leandro Brunelo, que gentilmente aceitaram compor a banca examinadora e cujos apontamentos foram importantes para o aprimoramento deste trabalho.

Sou grato à Universidade Estadual de Maringá, ao Programa de Pós-Graduação em História e a todos os(as) professores(as) que contribuíram para minha formação.

Agradeço ainda à CAPES, cujo financiamento tornou possível a realização desta pesquisa de mestrado.

Por fim, agradeço à vida e aos encontros inesperados que, ao longo deste percurso, fortaleceram minha persistência e esperança.

Resumo

O presente trabalho analisa como a Revolução Mexicana foi representada na revista *El Maestro Rural* (EMR), criada em 1932 como uma publicação oficial da *Secretaría de Educación Pública* (SEP) do México e publicada até 1940. EMR cumpriu um importante papel como instrumento da política cultural do Estado mexicano pós-revolucionário, buscando levar aos professores e alunos das escolas rurais um discurso que visava a modernização e secularização do campo, como base dos princípios revolucionários. O foco da dissertação foi identificar as representações da Revolução Mexicana veiculadas pela revista e analisar como elas se relacionavam com o projeto educativo oficial do período, especialmente o projeto da educação socialista durante o cardenismo (1934-1940). Mostramos que houve uma enorme centralidade conferida à figura de Emiliano Zapata no discurso da revista, no qual o líder camponês aparece como o principal ícone revolucionário. Além de Zapata, houve uma presença significativa de outros líderes revolucionários, principalmente de Francisco I. Madero, Álvaro Obregón e Venustiano Carranza. Destacamos também a relativa ausência de Pancho Villa no discurso de EMR e analisamos o porquê dessa ausência, destacando que a figura de Villa apresentava elementos muito complexos para serem facilmente inseridos na narrativa conciliadora sobre o processo revolucionário, que era difundida pela revista visando construir uma memória oficial sobre a Revolução. Por fim, mostramos também que a Revolução Mexicana foi um tema muito presente nos discursos dos secretários de Educação Pública e do presidente Lázaro Cárdenas, sendo identificada como um processo ainda em curso e que precisava da ajuda dos professores rurais para se consolidar definitivamente.

Palavras-chave: Revistas; *El Maestro Rural*; Revolução Mexicana; política cultural; memória coletiva.

Abstract

This study analyzes how the Mexican Revolution was represented in the magazine *El Maestro Rural* (EMR), created in 1932 as an official publication of Mexico's *Secretaría de Educación Pública* (SEP) and published until 1940. EMR played an important role as an instrument of the post-revolutionary Mexican State's cultural policy, seeking to provide teachers and students in rural schools with a discourse aimed at the modernization and secularization of the countryside, grounded in revolutionary principles. The focus of the dissertation was to identify the representations of the Mexican Revolution conveyed by the magazine and to examine how they were related to the official educational project of the period, particularly the socialist education initiative during the Cardenista government (1934–1940). The analysis shows the centrality given to Emiliano Zapata, who appears in the magazine's discourse as the main revolutionary icon. Alongside Zapata, the magazine also emphasized other revolutionary leaders, mainly Francisco I. Madero, Álvaro Obregón, and Venustiano Carranza. Conversely, Pancho Villa was relatively absent from EMR's discourse. This absence was interpreted as resulting from the complexity and contradictions of Villa's figure, which made it difficult to incorporate him into the conciliatory narrative of the revolutionary process promoted by the magazine to construct an official memory of the Revolution. Finally, the research also demonstrates that the Mexican Revolution was a recurring theme in the speeches of the Secretaries of Public Education and President Lázaro Cárdenas, where it was presented as an unfinished process that required the active participation of rural teachers to be fully consolidated.

Keywords: Magazines; *El Maestro Rural*; Mexican Revolution; cultural policy; collective memory.

Sumário

Introdução	p. 9
Capítulo 1	
A revista <i>El Maestro Rural</i>: seu lugar na política cultural do México pós-revolucionário e os aspectos da sua materialidade	
1.1. <i>El Maestro Rural</i> e a política cultural do Estado mexicano pós-revolucionário	p. 15
1.2. Aspectos da materialidade da revista <i>El Maestro Rural</i>	p. 22
Capítulo 2	
Os líderes revolucionários e os aniversários da Revolução Mexicana na revista <i>El Maestro Rural</i>	
2.1. Zapata, o grande ícone da Revolução Mexicana na revista <i>El Maestro Rural</i>	p. 30
2.2. A presença de Madero e outros líderes revolucionários na revista	p. 43
2.3. Os líderes revolucionários destacados nas seções de tipo biográfico “ <i>Recortes de Figuras</i> ”, “ <i>Calendario Escolar</i> ” e “ <i>Biografías Críticas</i> ”	p. 50
2.4. A relativa ausência de Pancho Villa	p. 68
2.5. A representação dos líderes revolucionários e a construção de uma memória coletiva sobre a Revolução Mexicana	p. 73
Capítulo 3	
A Revolução Mexicana nos discursos oficiais dos secretários de Educação Pública e do presidente Lázaro Cárdenas publicados na revista <i>El Maestro Rural</i>	
3.1. Os discursos dos secretários de Educação Pública durante o cardenismo	p. 78
3.2. Os discursos do presidente Lázaro Cárdenas	p. 87
Considerações finais	p. 99
Fontes e referências bibliográficas	p. 102

Introdução

O que conhecemos como Revolução Mexicana foi um processo extremamente complexo e multifacetado, que envolveu uma década de guerra civil e contou com a participação de diferentes setores da sociedade, desde camponeses pobres até personagens das elites econômicas e intelectuais. Devido a essa diversidade social presente na Revolução, suas interpretações pela historiografia também foram muito diferentes e até mesmo divergentes ao longo do tempo.

Carlos Alberto Sampaio Barbosa e Maria Aparecida de Souza Lopes (2001), oferecem uma abrangente leitura da historiografia da Revolução Mexicana ao longo do século XX, dividindo as interpretações em três grandes correntes analíticas. Na primeira geração dessa historiografia, as chamadas “interpretações clássicas”, se destacam o historiador estadunidense Frank Tannenbaum e o mexicano Jesús Silva Herzog. Nas suas interpretações, a Revolução é compreendida como um movimento popular e agrário, motivado por profundas desigualdades sociais e econômicas, sobretudo no campo.

Os autores dessa primeira geração de interpretações sobre a Revolução enxergavam o México pré-revolucionário como um país polarizado entre grandes latifundiários e uma imensa massa camponesa despossuída. Como mostram Barbosa e Lopes (2001), “até meados da década de 1960, a explicação aceita das causas da Revolução se fundamentava nessa polarização: os camponeses mexicanos levantaram-se em 1910 contra essa opressão, para corrigir as injustiças, especialmente em matéria agrária, que a ditadura porfirista havia exacerbado.” (BARBOSA; LOPES, 2001, p. 166)

A segunda corrente historiográfica, surgida a partir dos anos 1960, ficou conhecida como “revisionista.” Seus representantes são principalmente autores mexicanos, como Adolfo Gilly, Arnaldo Córdova e Romana Falcón, além do estadunidense de ascendência mexicana Ramón Eduardo Ruiz. Eles propõem uma crítica direta à narrativa clássica, ao mesmo tempo em que questionam se o processo revolucionário mexicano pode, de fato, ser chamado de revolução. Para Ruiz, por exemplo, o movimento não teria passado de uma “grande rebelião.” Os autores revisionistas argumentam que as facções mais radicais do movimento revolucionário foram derrotadas e que a Revolução acabou sendo apropriada por setores conservadores das elites e das classes médias, com pouca ou nenhuma transformação estrutural. (BARBOSA; LOPES, 2001, p. 176-177)

A partir dos anos 1980, surge uma corrente crítica aos revisionismos. Essa nova linha interpretativa procura equilibrar os debates anteriores, reconhecendo os limites do processo revolucionário, mas reafirmando sua raiz popular e agrária. O principal nome dos chamados “pós-revisionistas” é o historiador britânico Alan Knight, que publicou, em 1986, uma obra enorme, em 2 volumes, intitulada *The Mexican Revolution*, e que foi traduzida para o espanhol como *La Revolución mexicana: del porfiriato al nuevo régimen constitucional*. No prefácio da obra original, que foi mantido na tradução, Knight se coloca dentro da historiografia da Revolução da seguinte forma: “*Soy, sin pudor, conservador o antirrevisionista. Es decir, creo que Tannenbaum y su generación captaron el carácter esencial de la Revolución de 1910 como movimiento popular y agrario.*” (KNIGHT, 2012, p. 13)

Concordamos com a visão do processo revolucionário mexicano colocada por Alan Knight, de que a Revolução foi essencialmente popular e camponesa, e entendemos que ela transformou profundamente o México, dando origem a uma série de mudanças estruturais no Estado e na sociedade. Uma das respostas do governo revolucionário às demandas populares presentes na Revolução Mexicana foi a ampliação da educação, principalmente em direção às zonas rurais, que eram historicamente as mais carentes de atenção do poder central. A articulação de um amplo projeto educativo foi vista como um mecanismo essencial para consolidar as mudanças e unir o país em torno de uma nova identidade nacional.

Em meio ao esforço para criar uma sociedade nova, a educação se tornou uma prioridade para os governos pós-revolucionários, culminando na criação da *Secretaría de Educación Pública* (SEP), em 1921. Essa instituição tinha como missão básica combater o analfabetismo e difundir valores laicos e revolucionários entre a população majoritariamente rural e indígena. A SEP não apenas buscou ampliar o ensino básico, mas também desenvolveu ações culturais que visavam a integração das massas rurais ao projeto revolucionário. (VAUGHAN, 2001)

É nesse contexto que se insere a revista *El Maestro Rural* (EMR), que surgiu como uma publicação oficial da SEP. Ela foi publicada de março de 1932 e até dezembro de 1940, com um pequeno período de interrupção (de janeiro a junho de 1937).¹ EMR foi um importante veículo estatal que permitia a comunicação da SEP com os professores

¹ A informação sobre a interrupção consta no catálogo online da Biblioteca Nacional de México/UNAM: <https://nautilo.iib.unam.mx/Record/000506303#details> (acesso em 12/07/2024)

rurais e com os camponeses. (PALACIOS, 1999) Ela foi utilizada para transmitir os ideais da Revolução, buscando integrar os habitantes das zonas rurais ao novo projeto nacional.

Apesar de EMR ser considerada por pesquisadores como Verónica Ruiz Lagier (2013, p. 44) “*la publicación más importante en la década de 1930 [...], por ser la primera en funcionar como intermediaria entre las clases populares rurales y la Secretaría*”, a revista não tem recebido muita atenção por parte da historiografia. Buscando por trabalhos dedicados a ela, encontramos apenas o livro de Guillermo Palacios (1999), que trata sobre os primeiros anos da publicação: “*La pluma y el arado: intelectuales pedagogos y la construcción sociocultural del ‘problema campesino’ en México (1932-1934)*”; e o artigo de Ruiz Lagier (2013), que não é apenas sobre EMR: “*El Maestro Rural y la Revista de Educación. El sueño de transformar al país desde la editorial.*”

Apesar dos poucos estudos sobre a revista EMR, ela é uma das fontes históricas mais importantes para entender a atuação da SEP no período, principalmente em relação ao meio rural. Como pontua Ruiz Lagier “*la publicación proporciona en la actualidad información relevante sobre el proyecto educativo de la década de 1930.*” (RUIZ LAGIER, 2013, p. 45)

No momento histórico em que EMR foi publicada o campo do político se encontrava bastante “dilatado” no México. Como explica René Rémond (2003), embora o campo político tenha características próprias, “ele também tem relações com os outros domínios” e “não tem fronteiras naturais”, “ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade”, “ora ele se retrai ao extremo.” (RÉMOND, 2003, p. 35; 442) Tendo em vista o contexto revolucionário vivido pelo país desde a década de 1910, no período estudado o campo da cultura (incluindo a educação) estava completamente permeado pela dimensão política.

Nesse sentido, a proposta desta dissertação é analisar como a Revolução Mexicana foi mobilizada no discurso da revista. Sendo EMR um dos principais veículos da política cultural do México pós-revolucionário, o conceito de política cultural é algo central para nosso trabalho. Ao tratar sobre ele, as autoras Mariana Villaça, Natália Schmiedecke e Tania Garcia (2023) argumentam que um ponto de partida adequado é definir o que ele não é, ou seja, começar a tratar o conceito por uma “negação”: “talvez uma negação fundamental seja aquela que diz respeito ao caráter unívoco da política cultural.” (VILLAÇA; SCHMIEDECKE e GARCIA, 2023, p. 6)

Segundo as autoras, é fundamental considerar a política cultural no plural, confirmando que ela é composta por várias expressões e formas de manifestação, em vez de ser algo homogêneo ou único. Essa visão pluralista é necessária porque a política cultural é formada e se desenvolve de maneira multifacetada, ou seja, ela assume diferentes formas e significados dependendo dos contextos nos quais é aplicada. Isso significa que uma política cultural não pode ser entendida como uma única prática ou ideia, mas deve ser vista como um conjunto de práticas variadas que atendem a necessidades, valores e interesses específicos de cada contexto. (VILLAÇA; SCHMIEDECKE e GARCIA, 2023)

Apesar de ser importante entender o caráter multifacetado da política cultural, acreditamos que também devemos pensar em termos de “convergência e coerência”, entendê-la ao mesmo tempo “no singular e no plural”, como coloca Philippe Urfalino (1998). Apesar de ser uma “totalidade não redutível às suas partes”, como define o autor, a política cultural “não se reduz [...] a justaposições de políticas setoriais [...], por ser uma totalidade construída por ideais, por práticas políticas e administrativas situadas num contexto intelectual e político.” (URFALINO, 1998, p. 298-299) Acreditamos que essa definição se adequa muito bem ao caso que estudamos, por se tratar de uma política estatal oficial.

A respeito da política cultural do Estado mexicano pós-revolucionário, nos anos 20 e 30, Mary Kay Vaughan (2001) explica que: “*la política cultural no quedó al margen de la Revolución. [...] Los victoriosos jefes constitucionalistas pusieron en claro su interés de transformar una sociedad llamada ‘feudal’ en una moderna y secular.*” (VAUGHAN, 2001, p. 15) A revista EMR foi criada como um instrumento estatal para ajudar a levar a cabo esse projeto. Ela foi um veículo essencial para difundir e reforçar os valores revolucionários no meio rural e para construir uma memória coletiva sobre a Revolução Mexicana que se adequasse ao projeto estatal. Mostraremos, por exemplo, como nessa construção de uma memória sobre a Revolução alguns líderes revolucionários foram destacados na revista e outros ficaram ausentes.

Do ponto de vista metodológico, ao trabalhar com a revista EMR como fonte, usamos a metodologia proposta pela historiadora Renée Barata Zicman (1981) para estudos que utilizam a fonte imprensa, como no caso de jornais ou revistas. Ela propõe usar a fórmula de Pierre Albert (1976) para contemplar os três campos envolvidos nesse tipo de fonte, o “atrás”, o “dentro” e o “em frente”, como ela explica:

O “atrás” [...] é tudo aquilo que contribui à sua realização e intervém no seu controle: sociedade proprietária, empresa editora e corpo de redatores e jornalistas. Por “dentro” [...] entende-se as características formais da publicação, o estilo de apresentação das matérias e notícias, o quadro redacional (distribuição dos artigos pelas várias colunas e seções [...]), a publicidade, a parte redacional (principais colunas e seções) e as principais tendências da publicação. Finalmente o “em frente” [...] diz respeito à audiência da publicação ou ainda seu público-leitor alvo. (ZICMAN, 1981, p. 92)

Zicman destaca que esses três campos definem os dois grandes momentos da pesquisa: primeiro, a caracterização geral do periódico trabalhado, e depois a análise de conteúdo do seu discurso. Na parte da análise de conteúdo, um dos caminhos possíveis a seguir é a análise temática, que “desenvolve-se a partir de temas ou itens de significação relativos a um determinado objeto de estudo e analisados em termos de sua presença e frequência de aparecimento.” Como observa a autora, a análise temática “revela-se especialmente interessante quando se trabalha sobre uma grande quantidade de documentos.” (ZICMAN, 1981, p. 94-95)

Esse é exatamente o caso da nossa pesquisa, pois analisamos uma revista que foi publicada durante mais de 8 anos (com uma pequena interrupção de alguns meses), com a periodicidade variando de quinzenal a bimensal e o número de páginas por edição de cerca de 25 a 40 páginas. Mesmo sem termos tido acesso a todas as edições, ainda é um volume bastante grande de material.

Como alerta Tania de Luca (2005) em seu artigo sobre o uso da imprensa como fonte e/ou objeto da história, um dos grandes desafios desses trabalhos é a “obtenção de séries longas”, pois os exemplares quase nunca estão organizados à espera do pesquisador. (DE LUCA, 2005, p. 141-142) Essa foi uma questão que nos deparamos no início da pesquisa, pois conseguimos localizar poucos exemplares de EMR dos anos iniciais, de 1932 e 1933. A princípio, pensamos em realizar a pesquisa só sobre o período do cardenismo, que encontramos quase todas as edições, mas acabamos decidindo trabalhar o período todo da revista (mesmo com as falhas), até para possibilitar uma comparação entre o antes e o durante o governo Cárdenas, que foi o período que mais teve publicações de EMR.

Sobre os exemplares da revista que usamos na pesquisa, trabalhamos com a digitalização existente no acervo do Laboratório de Estudos em História das Américas da Universidade Estadual de Maringá (LEHAM-UEM). A digitalização foi feita a partir dos

originais existentes nas bibliotecas do *Instituto Nacional de Antropología e Historia* (INAH), do México, e na *Biblioteca Nacional de Perú*.

O texto da dissertação se organiza da seguinte forma:

No primeiro capítulo, apresentamos a revista EMR mostrando como ela se inseriu no contexto da política cultural do México pós-revolucionário, e abordamos também seus aspectos materiais.

No segundo capítulo, entramos propriamente na análise de como a Revolução Mexicana foi mobilizada no discurso da revista. Mostramos que o tema aparece principalmente em momentos de efemérides, como os aniversários da Revolução e datas ligadas a alguns personagens importantes do movimento revolucionário, como Francisco Madero e principalmente Emiliano Zapata, que é o líder revolucionário mais homenageado na publicação. Além disso, mostramos como alguns desses personagens ganharam destaque em seções de tipo biográfico, que foram publicadas pela revista por certo período. Analisamos o discurso de EMR sobre os líderes revolucionários buscando compreender como se constrói nas páginas de EMR uma narrativa sobre a própria Revolução.

No terceiro capítulo, analisamos como a Revolução Mexicana aparece nos discursos oficiais dos secretários de Educação Pública e do presidente Lázaro Cárdenas (1934-1940) que foram reproduzidos na revista. Nas edições de EMR que possuímos do período anterior ao cardenismo, observamos que não houve menções à Revolução nem nos discursos do presidente Abelardo L. Rodríguez (1932-1934) nem do secretário Narciso Bassols que foram reproduzidos na revista.

Capítulo 1

A revista *El Maestro Rural*: seu lugar na política cultural do México pós-revolucionário e os aspectos da sua materialidade

1.1. *El Maestro Rural* e a política cultural do Estado mexicano pós-revolucionário

A partir da Revolução Mexicana, a escola pública passou a ser vista como uma instituição central para a construção do novo país e de uma nova identidade nacional, alinhada aos princípios revolucionários. Em termos de educação primária e principalmente rural, a ação governamental das décadas anteriores à Revolução foi praticamente inexistente. Como mostra Luis Álvarez Barret (2011) em seu artigo sobre “a obra educativa do porfiriato”, a educação primária só chegou à capital federal, capitais dos estados e municípios mais ricos, enquanto a educação rural foi, “*en la práctica, igual a cero.*” Segundo o autor, a historiografia da educação converge em que “*a administración porfiriana prestó mayor atención a la educación superior que a la primaria.*” Ele destaca que “*la Escuela Preparatoria [para la universidad], como institución ejemplar del plan educativo del gobierno se propagó a todo el país*”, ao contrário do que aconteceu com a educação primária. (ÁLVAREZ BARRET, 2011, p. 110-111)

Ainda segundo Álvarez Barret (2011), para entender esse perfil educativo priorizado pela ditadura porfirista, “*habrá que considerar el carácter socioeconómico del régimen [...], de los intereses que representó y de las fuerzas que lo apoyaron.*” Por isso, não é estranho que nessa época não tenha sido dada maior atenção à educação primária, principalmente rural, já que “*el porfiriato fue un régimen de hacendados, esto es, de señores de la tierra, de explotadores de [l]a población campesina.*” (ÁLVAREZ BARRET, 2011, p. 108)

Podemos perceber que o discurso oficial do Estado pós-revolucionário vai atacar duramente esse panorama e, na prática, tentar transformá-lo, dando ênfase à educação popular, principalmente a primária e rural. O primeiro passo dado para isso foi a federalização da educação pública, que permitiu ao governo federal estabelecer e manter escolas primárias em todo o país. Em 1921, durante o governo de Álvaro Obregón (1920-1924), foi criada a *Secretaría de Educación Pública* (SEP).

Nessa época, um dos principais desafios, além de dar fim à guerra civil e restabelecer as relações com os Estados Unidos, era ampliar a alfabetização. Como pontua Rosa Iris Guevara González (2002),

a pesar de que en el artículo 3º de la Constitución de 1917 se estableció que la educación debía ser gratuita y laica, el proceso para llevar la educación a la gran masa de la población comenzó realmente con la fundación de la Secretaría de Educación Pública. (GUEVARA GONZÁLEZ, 2002, p. 9)

O primeiro secretário de Educação Pública foi o filósofo José Vasconcelos, que anteriormente foi reitor da *Universidad Nacional Autónoma de México*, a UNAM, principal instituição universitária do país. O fato dele deixar a reitoria da universidade para assumir a SEP já mostra uma mudança de prioridade na educação pública. O discurso de Vasconcelos que foi publicado no 1º número da revista criada por ele à frente da SEP, em 1921, deixa bem claro qual seria a perspectiva educativa do governo e da nova Secretaria:

Deseamos antes que propagar la alta cultura, hacer llegar a todas las mentes los datos más elementales de la civilización. [...] Educar a la masa de los habitantes, es mucho más importante que producir genios [...]. Nuestra ciencia encerrada en las cuatro paredes de unos cuantos colegios ha sido [hasta entonces] vana y servil. (VASCONCELOS, 1921, p. 5-8)

Uma das primeiras iniciativas do secretário Vasconcelos à frente da SEP foi “*la campaña contra el analfabetismo, para la cual pidió a intelectuales y profesionales que prestaran sus servicios como maestros no remunerados.*” (GUEVARA GONZÁLES, 2002, p. 10) Esse movimento revelava o compromisso do secretário e da SEP em utilizar a educação como ferramenta de transformação social, mesmo diante de limitações orçamentárias e estruturais.

Como pontua Anderson M. Martins (2018), a SEP buscava atender às principais demandas educacionais da Revolução Mexicana, como o combate ao analfabetismo e a construção de escolas rurais, levando a educação a grande parte da população mexicana, que, na década de 1920, ainda era predominantemente rural. Mas muito além da alfabetização, o projeto da SEP ao levar a educação para o campo era também

“disciplinar y canalizar las energías de los campesinos.” Como explica Mary Kay Vaughan (2001), na visão da SEP:

La escuela les daría nacionalidad y modernidad. Transformaría a parias supersticiosos que sólo pensaban en su localidad, en productores comerciales patriotas y de orientación científica.
(VAUGHAN, 2001, p. 15)

Mais do que só a instrução, a SEP visava a formação de uma nova identidade nacional, entendendo que a educação e a cultura estavam totalmente relacionadas. O secretário José Vasconcelos reuniu intelectuais e artistas para colaborarem nos projetos da Secretaria, que foi organizada em três áreas principais: Educação, Belas Artes e Bibliotecas. O projeto ganhou o importante apoio de artistas ligados ao movimento muralista², como Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Orozco. (MARTINS, 2018, p. 285)

Com o início do mandato de Plutarco Elías Calles (1924-1928), o governo enfrentou novos desafios que influenciaram diretamente a política cultural da SEP. Como destaca Martins (2018):

Além de desencadear uma nova crise com os Estados Unidos ao não endossar os acordos feitos por Obregón, Calles colocou em prática algo que estava previsto na Constituição de 1917 e que Obregón teve o cuidado de não realizar: o controle da “profissão clerical”.
(MARTINS. 2018, p. 286)

O radicalismo anticlerical de Calles levou o país a uma nova guerra civil, a chamada Guerra ou Rebelião Cristera, que ocorreu entre 1926 e 1929, na qual grupos armados católicos, em sua maioria trabalhadores agrários, se levantaram contra alvos do Estado mexicano exigindo o fim das medidas anticlericais do governo. Como explica Caio Pedrosa da Silva (2015):

eram diversos grupos levantados, em especial nos estados do centro-oeste do país. Apesar de não agirem de forma totalmente conjunta, se

² O muralismo mexicano foi um movimento derivado do contexto revolucionário, em que vários pintores passaram a priorizar a arte pública monumental, com enormes murais alusivos à Revolução e à história mexicana sendo pintados em prédios públicos. O movimento surgiu no início da década de 1920 com apoio estatal, principalmente do secretário José Vasconcelos. Sobre o movimento muralista, consultar EDER, 1990.

identificavam como soldados que defendiam a Igreja católica contra um governo opressor e ímpio. O grito de guerra “Viva Cristo Rei!” era a marca dos rebeldes católicos que receberam de seus adversários o apelido *cristeros* que passaram a adotar com orgulho. O termo acabou por se tornar emblemático, dando nome à revolta – *rebelión de los cristeros*, em espanhol, é o nome mais utilizado para definir o conflito. [...] Calcula-se que os *cristeros* chegaram a formar um exército de 50 mil soldados, ainda que chegar a números precisos seja uma tarefa complicada em se tratando de diversos grupos armados pequenos, identificados em torno de suas lideranças, que trabalhavam muitas vezes de forma bastante independente. (SILVA, 2015, p. 5)

A rebelião *cristera* foi debelada pelo governo, mas deixou claro o poder da religião no México rural. A criação da revista *El Maestro Rural* (EMR) ocorreu exatamente no contexto pós-rebelião *cristera* e foi, em grande medida, uma tentativa do Estado de falar ao universo rural de forma mais efetiva. A publicação visava facilitar a comunicação entre a SEP, os professores rurais e os camponeses, buscando promover uma educação secular, como parte da política cultural do Estado pós-revolucionário.

Guillermo Palacios, em sua obra sobre os primeiros anos de EMR, explica o seguinte sobre o seu contexto de criação:

Era el momento preciso para descubrir que la fuerza de las armas no bastaba para la consolidación del nuevo poder – y en esto la cristiada parece haber sido fundamental – y, al mismo tiempo, que recurrir a un discurso de legitimidad sin más contenido que su propia racionalidad y evidencia, tampoco alcanzaba para garantizar la tranquilidad en el nuevo sistema. Parecía necesario combinar ambas cosas – fuerza y razón – y esto se intentó mediante un intenso proceso de producción de imágenes y símbolos que buscaban en publicaciones como El Maestro Rural los vehículos especializados para su difusión y realización en los espacios agrarios. (PALACIOS, 1999, p.14)

A revista EMR foi uma ferramenta essencial para o que Palacios denomina de “*asalto al imaginario*”, que foi operado pelo Estado buscando impor expressões culturais e valores consistentes com a ideologia revolucionária. Esse processo envolveu a construção simbólica do “camponês” e do “problema camponês” no início do regime pós-revolucionário e essa definição fazia parte de um esforço mais amplo para moldar a percepção do mundo social e legitimar o papel do Estado. Como parte desse processo, também se formou a representação do professor como “*instrumento de mediación que*

debía operar el proyecto cultural de la revolución en los espacios agrarios.” Como explica Palacios (1999):

el proceso de construcción de la representación del maestro rural se desarrolló por oposición a una representación no elaborada, “primitiva” y “prerrevolucionaria” del campesino [...]. Así, desde los albores de la formación del poder posrevolucionario, el campesino [...] comenzó a ser definido por oposición a su “civilizador.” (PALACIOS, 1999, p. 15)

Nesse contexto, além da campanha alfabetizadora, que já tinha sido iniciada na década de 20, a SEP procurou enfatizar a ação propriamente pedagógica. Com esse objetivo foi criada a revista EMR, em 1932. Como destaca Palacios (1999), a revista “*se propuso desde un principio cumplir el papel de vaso comunicante entre la cúpula de la SEP y los maestros rurales, por un lado, y entre la primera y los campesinos [...], por el otro.*” (PALACIOS, 1999, p. 17)

Durante a presidência de Lázaro Cárdenas (1934-1940), a política educacional – e por tanto a revista EMR – passou a enfatizar a reforma que buscava introduzir uma “educação socialista” nas escolas mexicanas. A reforma educacional era um projeto do Partido Nacional Revolucionário (PNR) – que tinha sido criado por Calles em 1929 e se tornou o partido oficial – e estava no plano de governo da candidatura de Cárdenas, o *Plan Sexenal*, de 1933.

É importante destacar que o projeto da “educação socialista” mexicana não tinha o sentido de adesão ao socialismo soviético. A proposta do PNR era que a educação deveria “*basarse en las orientaciones y postulados de la doctrina socialista que la Revolución mexicana sustenta.*” Na visão do partido oficial:

Nuestro socialismo, el socialismo de la Revolución mexicana, tiene su doctrina inmediata en los principios relativos de la Constitución General de la República, los que enseñarán al educando no como una categoría espiritual irrectificable, sino como principios y posiciones de lucha que hasta el presente se estiman eficaces para arrancar la costura de nuestros egoísmos, y para estructurar la nueva vida. (MÉXICO, 1933 apud ORTIZ-CIRILO, 2015, p. 47-48)

Como mostra Alejandro Ortiz-Cirilo (2015), o projeto da educação socialista envolveu muitos debates parlamentares e “*el gran problema se dio al tratar de definir el término ‘socialista’, que tenía connotaciones diversas para los distintos grupos que*

integraban la comisión.” (ORTIZ-CIRILO, 2015, p. 47) Apesar de muita discussão, a reforma foi aprovada e modificou o texto do Artigo 3º da Constituição de 1917, que já tinha um conteúdo anticlerical, definindo que o critério de orientação da educação pública “*se mantendrá por completo ajeno a cualquier doctrina religiosa.*” (MÉXICO, 1917) Com a reforma educacional de 1934, o Artigo 3º passou dizer:

la educación que imparta el Estado será socialista y además de excluir toda doctrina religiosa combatirá el fanatismo y los prejuicios, para lo cual la escuela organizará sus enseñanzas y actividades, en forma que permitan crear en la juventud un concepto racional y exacto del universo y de la vida social. (MÉXICO, 1934 apud ORTIZ-CIRILO, 2015, p. 56. Grifos nossos)

Agora não só se “excluía toda doutrina religiosa” como colocava o “combate ao fanatismo” como objetivo da educação pública. Outra importante mudança da nova legislação era que o Estado passava a ter exclusividade sobre a educação primária e secundária e órgãos particulares só podiam funcionar sob supervisão estatal, para garantir que não passassem nenhuma doutrina religiosa. Obviamente, a nova legislação gerou a reação dos setores religiosos. Como mostra Ortiz-Cirilo (2015):

en respuesta a esta medida [reforma educacional], la Iglesia católica intensificó sus hostilidades, ya que consideraban pernicioso el socialismo y más aún si se tratara dentro de la educación. Con la educación socialista, la Iglesia volvió a funcionar como un típico grupo de presión, al prohiar a la asociación de fieles en contra de la reforma del artículo 3o. constitucional y aportar el papel de “consejero” y “organizador”. (ORTIZ-CIRILO, 2015, p. 58)

As reações contra a implantação da educação socialista permaneceram durante todo o governo Cárdenas e, como mostram Susana Quintanilla e Mary Kay Vaughan (1997), “*la fuerza de la oposición católica a la reforma varió en cada estado, región y comunidad.*” (QUINTANILLA; VAUGHAN, 1997, p. 32) As autoras explicam que a presença militar, social e política foi mais poderosa em locais como o estado de Jalisco, por exemplo, onde a mobilização católica já havia começado muito antes e feito parte da rebelião *cristera*. Já em lugares como o estado de Sonora, onde o movimento católico era mais fraco e estava localizado em áreas específicas e em certos núcleos dos seus habitantes, esses elementos estavam ausentes.

Quintanilla e Vaughan (1997) mostram que, em alguns casos, a campanha religiosa contra a educação socialista era uma cortina atrás da qual se encontravam preocupações e interesses locais que não eram estritamente religiosos. Na região de Zacapoaxtla, na Serra Norte de Puebla, a elite pecuária e comercial apelou à religiosidade das comunidades indígenas para combater os professores federais, cujo programa de reformas os ameaçava. Este exemplo de movimento liderado pela elite para proteger os seus interesses difere do que aconteceu nas comunidades indígenas do Sul e centro de Tlaxcala, onde surgiram conflitos em torno da questão do controle estatal sobre suas escolas. (QUINTANILLA; VAUGHAN, 1997, p. 32-33)

Por outro lado, também houve manifestações de adesão à educação socialista. Ainda segundo as autoras, mesmo num estado tão militantemente católico como Jalisco, os camponeses da região de Chapala aderiram à escola federal. Em outros casos, como em Malinalco, no Estado do México, a relação cordial, forjada há muitos anos entre as organizações agrárias hegemônicas, nascidas na luta zapatista, e os professores federais e outros órgãos governamentais favoreceu a resposta positiva à educação socialista. (QUINTANILLA; VAUGHAN, 1997, p. 33-35)

Precisamos ter em mente todo esse cenário de disputa sobre a reforma educacional para analisar o discurso da revista EMR durante o cardenismo. Como ressalta Anderson Martins (2018), a publicação oficial da SEP, “além de auxiliar os maestros em questões intelectuais e práticas, serviu como principal meio de divulgação da reforma educacional.” (MARTINS, 2018, p. 35)

Também é muito importante pontuar que durante o cardenismo os professores rurais foram encarados pelo governo não apenas como atores pedagógicos, mas como agentes sociais responsáveis por ajudar na orientação e organização dos camponeses. A reforma agrária foi a política priorizada por Cárdenas e a organização dos camponeses também foi fomentada, com a criação da Confederação Nacional Camponesa, em 1938. Enquanto os trabalhadores urbanos já tinham um histórico sindical, no meio rural ainda se fazia necessária uma organização desse tipo. Então, o governo atribuiu principalmente aos professores rurais a tarefa de conscientização dos camponeses sobre a necessidade de sindicalização. Como comenta Arnaldo Córdova (1974), durante o cardenismo

ningún grupo social se distinguió tanto como los maestros de escuela primaria y entre éstos, en especial, los maestros rurales, por su actividad política en el seno de las masas trabajadoras. De hecho, casi no hubo organización o lucha popular en que los maestros elementales

no jugaran un papel destacado como agitadores, propagandistas y organizadores. Sin exageración, se puede afirmar que en buena medida el cardenismo cumplió su obra gracias al concurso extraordinario de los trabajadores de la enseñanza, sobre todo en el campo, y que de no haber contado con ellos sus esfuerzos se habrían frustrado o habrían sido muy limitados. (CÓRDOVA, 1974, p. 2)

Ainda segundo o autor, ao tomar os professores da educação primária, principalmente os das escolas rurais, como agentes centrais do projeto político do governo, o cardenismo precisou direcionar os esforços para fortalecer “*un aparato institucional, político e ideológico a la vez, que enmarcara a la educación como una política de desarrollo social que proporcionara a los maestros los medios y el ambiente propicio para el cumplimiento de su misión.*” (CÓRDOVA, 1974, p. 4) Percebemos esse fortalecimento no caso da revista EMR, que já fazia parte do aparato institucional, sendo uma publicação oficial da SEP desde o início da década de 30. Durante o governo Cárdenas, observamos que a revista ficou visualmente mais convidativa, com o uso de cores nas capas e a presença marcante de fotografias em suas páginas.

Apresentamos agora, a materialidade da revista.

1.2. Aspectos da materialidade da revista *El Maestro Rural*

O artigo de Verónica Ruiz Lagier (2013) traz informações sobre a tiragem e distribuição da revista EMR no início da publicação, além do corpo editorial:

el primer número, editado en 193[2], tuvo un tiraje quincenal de 10.000 ejemplares. La suscripción era gratuita y la revista se enviaba tanto a los hogares como a las escuelas rurales. Fue dirigida por Salvador Novo y como jefe de Redacción se encontraba Rómulo Velasco Ceballos, también redactor de periódicos de la capital (El Imparcial, El Universal y Excélsior). Se contó con la colaboración de intelectuales y autoridades educativas. (RUIZ LAGIER, 2013, p. 44)

É interessante notar a participação de um jornalista profissional como “chefe de redação”, o que mostra que a SEP procurou dar um perfil mais profissional para a revista desde o início. Sobre a participação de intelectuais importantes na revista, o primeiro diretor, o poeta Salvador Novo, fazia parte do famoso grupo *Contemporáneos*, ligado ao movimento das vanguardas artísticas. Ao longo do tempo, identificamos a participação de vários mexicanos de destaque, como o educador Moisés Sáenz, que já tinha sido

subsecretário de Educação Pública na década de 20 e foi responsável pela organização das escolas rurais; o sociólogo Pablo González Casanova; os historiadores Luis Chávez Orozco e Agustín Cué Cánovas, entre muitos outros. Também houve a participação de intelectuais de outros países, como a poeta chilena Gabriela Mistral e o socialista alemão Otto Rühle, entre outros.

Como destaca Ruiz Lagier (2013), EMR pretendia dotar o professor rural dos meios intelectuais para melhorar seu trabalho cotidiano. Assim, por meio de suas páginas, os professores tiveram acesso não apenas às últimas atualizações sobre a política educacional no país, mas também à literatura contemporânea e às técnicas pedagógicas da época, além do universo cultural, como o teatro e a música popular, que também foram divulgados na revista, incluindo a publicação de diversos *corridos*³ e partituras de domínio público. Além disso, EMR também funcionou como um espaço editorial para os professores que desejavam compartilhar suas experiências. (RUIZ LAGIER, 2013, p. 45)

Sobre a participação dos professores na revista, ela ocorreu de forma muito intensa, principalmente por meio da publicação de artigos em geral. Durante algum tempo, também chegou a ter uma coluna específica chamada “*La Voz del Maestro*”, mas ela não foi constante na revista. A coluna foi iniciada em fevereiro de 1933 e se estendeu até setembro de 1935, mas ela não aparecia em todas as edições e nem tinha uma periodicidade definida. Em 1933, por exemplo, ela aparece nas duas edições do mês de fevereiro e na edição de 15 de abril. Em 1934, ela volta a aparecer nos meses de fevereiro, março, maio, junho, agosto, setembro e outubro; já em 1935, ela aparece apenas em setembro.

Na verdade, de forma geral, a revista foi muito inconstante em termos de periodicidade, da divisão interna em seções temáticas e até em relação ao grupo editor. Nos primeiros números de EMR aparece como subtítulo “*Órgano de la Secretaría de Educación Pública*”, mas não aparecem nomes de pessoas como editores. No início de 1933, encontramos a seguinte apresentação da revista:

³ Os *corridos* são composições de caráter lírico-narrativo e uma das interpretações para o termo se relaciona ao modo como se canta, de maneira direta, corrida, sem interrupções, uma vez que, em geral, não existe um refrão ou estrofe que se repete. Outra hipótese para o termo *corrido* é o fato de as letras das canções serem impressas em *hojas sueltas*, que iam correndo de mão em mão, relatando e comunicando os acontecimentos de um evento importante. Como explica Ana Cristina Borges (2016), sua forma musical surgiu por volta do último quartel do século XIX e se consolidou justamente durante os eventos da Revolução Mexicana, quando foram produzidos inúmeros *corridos* sobre os eventos revolucionários.

El Maestro Rural. Órgano de la Secretaría de Educación Pública, consagrado a la Educación Rural. Aparece quincenalmente y se reparte gratis entre los maestros rurales y las comunidades de la República. / Director: Salvador Novo; Jefe de Redacción: R. Velasco Ceballos. / Oficina de Publicaciones de la Secretaría de Educación Pública. (EMR, 15/01/1933, 1ª p. Grifos no original)

A partir de fevereiro de 1934, continuam aparecendo essas mesmas informações, mas desaparecem os nomes do diretor e chefe de redação. A partir de julho do mesmo ano, passa a constar como órgão editor o “*Directorio de la SEP*”, encabeçado pelo “Secretario: Lic. Eduardo Vasconcelos.” A partir de dezembro do mesmo ano de 1934, na primeira edição do cardenismo, já muda o secretário, que passa a ser o “Lic. Ignacio García Téllez.” O subtítulo da revista passa a ser “*Órgano de la Secretaría de Educación Pública, para los maestros rurales*”, aparentemente indicando que agora somente os professores seriam o público-alvo da revista.

De fato, percebemos algumas mudanças no discurso de EMR. Ela passa a conter mais artigos assinados e editoriais do que seções temáticas, por exemplo. Antes do cardenismo, a revista possuía muitas seções, embora elas não fossem fixas, como: *sección editorial, sección pedagógica, sección de agricultura, sección de deportes, la voz del maestro, la biblioteca de la escuela rural, sección de arte*, entre outras.

Mas na nossa visão, a revista não deixou de ter os camponeses como público-alvo em nenhum momento, mesmo na época que usou o subtítulo “*para los maestros rurales*”, de dezembro de 1934 até o final de 1936. Podemos encontrar em várias edições desse período textos mais voltados para os camponeses, como, por exemplo, dando orientações sobre agricultura. Um exemplo é o texto “*Siembra de la morera y cría del gusano de seda*”, da edição de 01/08/1935. Não só pelo tema, mas pela linguagem mais simples, acreditamos que se trate de um texto que visava os camponeses. O texto começa da seguinte forma: “*al hacer el trasplante, es muy conveniente podar la planta dejándole un tronco de unos cincuenta centímetros (forma enana) y se continúa podándola cada año, hasta el tercero de su trasplante.*” (EMR, 01/08/1935, p. 32)

E isso sem contar que em algumas edições também aparecem orientações aos professores para afixarem partes da revista nas paredes das escolas, como aparece na edição de 15/06/1936, que apresenta a “*Campaña pro-aseo.*” Nela aparece o seguinte, em um quadro chamativo: “*MAESTRO RURAL: el grabado que se encuentra a la vuelta de esta página es un cartel ‘pro-aseo’, que es necesario desprender de esta revista y*

fijarlo en un lugar visible de la escuela.” (EMR, 15/06/1936, p. 19) Nesse caso, mesmo que os professores fossem os intermediários, o discurso também era direcionado aos camponeses alunos das escolas rurais.

Na edição de julho de 1935, a revista informa o nome de um novo secretário, o “Lic. Gonzalo Vásquez Vela”, encabeçando o “*Directorio de la SEP*”, o grupo editor de EMR. Durante o ano de 1936, o Diretório deixa de aparecer na revista como seu grupo editor e a também não é informado nenhum nome de diretor.

No ano de 1937, EMR deixa de ser publicada entre janeiro e junho. Quando ela volta a ser editada, em julho de 1937, observamos uma mudança bem grande. A revista deixa de ser distribuída de forma gratuita e passa a ser vendida por 25 centavos, podendo ser assinada pelo preço anual de 3 pesos mexicanos. Agora o órgão que aparece como editor não é mais a SEP, mas o *Departamento Autónomo de Prensa y Publicidad* (D.A.P.P.). A revista também perde o subtítulo, que aludia à SEP, e passa a se chamar apenas *El Maestro Rural*. Ela segue assim até o fim do ano de 1939, mas com uma mudança: a partir da edição de janeiro/fevereiro desse ano, aparece como editor além do D.A.P.P. o nome do “Prof. Guillermo Yaniz” na “*Jefatura de Redacción.*”

E mais uma mudança ocorre no último ano da revista. De janeiro a dezembro de 1940, EMR deixa de ser editada pelo D.A.P.P. e volta a aparecer com o subtítulo “*Órgano de la Secretaría de Educación Pública.*” Mas o prof. Guillermo Yaniz segue como o chefe de redação até o final da publicação, em dezembro de 1940.

Como se pode perceber, a revista passou por muitas mudanças durante os mais de 8 anos que foi publicada. Em relação ao grupo editor, a mudança da SEP para o D.A.P.P. foi uma mudança significativa, pois o órgão de propaganda era ligado diretamente ao presidente Cárdenas e cumpria a função de propaganda do governo, tanto dentro do México como no exterior. Sobre a criação do órgão, Tania C. Ruiz Ojeda (2021) explica:

los orígenes del DAPP se remiten al año de 1933, en el marco de la convención del Partido Nacional Revolucionario [...] Un grupo de delegados estableció la necesidad de organizar la propaganda oficial para que estuviera en condiciones de defender de manera eficiente el prestigio económico y social de la Revolución, a la vez que procuraría unificar la acción de todas las fuerzas vivas del país, cuya cooperación consideraban indispensable para convertir en realidad el Plan Sexenal’ adoptado por su candidato a la presidencia de la República, Lázaro Cárdenas. (RUIZ OJEDA, 2021, p. 136-137)

Como mostra a autora, durante o cardenismo inicialmente foi criada a *Dirección de Publicidad y Propaganda* (DPP), em 1936, diretamente ligada à *Secretaría de Gobernación* e com o objetivo de coordenar e intensificar a propaganda governamental por parte das diversas Secretarias de Estado do país. Já em relação ao exterior, “*se trabajó de manera intensa a través de los consulados y embajadas para lograr entender el funcionamiento de las distintas oficinas de comunicación en el mundo, hasta lograr conformar el decreto de creación del Departamento Autónomo de Prensa y Publicidad (DAPP)*”, o que ocorreu em 1937. (RUIZ OJEDA, 2021, p. 136-137)

Acreditamos que toda essa reformulação possa ter sido a causa da suspensão da publicação de EMR durante o primeiro semestre do ano de 1937, pois quando ela voltou a ser publicada já foi pelo D.A.P.P.

Todas as mudanças de direção que a revista passou ao longo dos anos também impactou muito na sua periodicidade, que começou quinzenal, passou para mensal e teve depois várias edições bimensais. Mostramos na (tabela 1) as mudanças de periodicidade da revista, para facilitar a visualização.

Tabela 1
Edições de EMR por periodicidade

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1932	----- -				X	X	X	X	X	X	X	X
1933					X	X	X	X	X	X	X	X
1934	X										X	
1935												
1936							X	X				
1937	A revista não circulou nesse período											
1938							X					
1939												
1940												

Legenda

Edições
quinzenais

Edições mensais

Edições bimensais

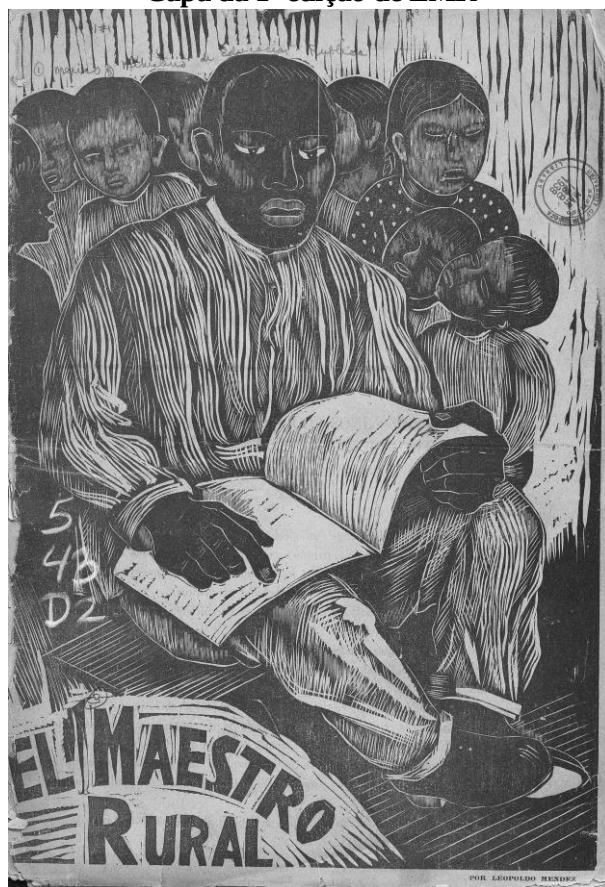
X (edições que
não temos)

----- (a revista
ainda não era
publicada)

De forma geral, dá para dizer que EMR começou quinzenal e terminou sendo bimensal. A periodicidade que a revista menos teve foi mensal. Mesmo com todas as mudanças que a revista teve, um aspecto que foi muito marcante durante todo o tempo que ela foi publicada foi a presença muito forte de elementos visuais. Mesmo sendo publicada praticamente em preto e branco, apresentando cores só nas capas (e no início nem nas capas), todas as edições da revista contaram com muitos elementos gráficos, como desenhos, gravuras/litografias e/ou fotografias.

É importante notar que diversos artistas estiveram entre os intelectuais mexicanos que colaboraram com EMR. Entre eles, se destacam pintores muralistas, como Diego Rivera e José Clemente Orozco, além do fotógrafo Álvarez Bravo e o gravurista Leopoldo Méndez, que foi o autor da gravura utilizada como capa da 1ª edição de EMR, representando um professor rural com seus alunos (figura 1).

Figura 1
Capa da 1ª edição de EMR



Leopoldo Méndez foi um artista ligado ao *Taller de Gráfica Popular*, do qual chegou a ser diretor, entre 1937 e 1952. Ele foi um membro ativo do Partido Comunista Mexicano e defendeu o uso da arte como uma arma poderosa para os movimentos sociais. Sua obra abordou temas diversos, incluindo a Revolução Mexicana, a Guerra Cristera, o fascismo na Europa, a educação socialista, o movimento trabalhista e as injustiças decorrentes do capitalismo. (DUPRAT, 2022 [2021])

Já o fotógrafo Manuel Álvarez Bravo (1902-2002), que foi o autor de muitas das fotografias publicadas na EMR, ele é destacado pelo estudioso da Arte Marcos Fabris (2014) como parte do panteão de fotógrafos latino-americanos consagrados pela História da Fotografia, pelo crescente mercado das artes fotográficas e pelo não menos significativo circuito de grandes exposições em prestigiosas vitrines nacionais e internacionais. (FABRIS, 2014, p. 91)

Portanto, podemos perceber que a revista recebeu a colaboração de prestigiados artistas da época. Dessa forma, eles também ajudaram na consolidação da política cultural que era voltada para a formação de uma mentalidade “revolucionária” entre os alunos do meio rural. As imagens somavam-se ao conteúdo escrito da revista de forma a potencializar a difusão de conteúdos alinhados com os ideais de transformação e justiça social defendidos pelo Estado pós-revolucionário. Isso exemplifica como a arte e a educação se uniram para formar e reforçar a mentalidade revolucionária que EMR buscava implantar nas zonas rurais do México.

É interessante observar que foi publicada na revista até mesmo obras do famoso gravurista José Guadalupe Posada, que já tinha falecido na época, pois ele morreu em 1913, durante a Revolução. Posada é até hoje um dos artistas mexicanos mais reconhecidos e possui uma imensa obra gráfica em meio a qual se destacam as imagens das *calaveras* alegres, como a famosa *Calavera Catrina*, além de caricaturas e outras gravuras, que foram publicadas principalmente em veículos da imprensa popular, como as chamadas *hojas sueltas* e periódicos da *prensa obrera de a centavo*. (DIAS, 2020, p. 445) No caso da imagem feita por ele que foi usada em EMR, ela se refere ao período da Revolução e representa o líder Francisco Madero, como mostraremos no capítulo 2.

A presença intensa de imagens de diversos tipos, como fotografias, gravuras e ilustrações é algo muito marcante no discurso de EMR. Isso provavelmente tinha relação com o fato da revista ser voltada para contextos escolares em que muitas pessoas ainda estavam sendo alfabetizadas, então as imagens poderiam ajudar na compreensão dos textos escritos. Em vários momentos da dissertação, vamos reproduzir as imagens das

páginas de EMR onde se encontram os textos que analisamos, pois acreditamos que as imagens, junto com os textos, conformavam o discurso que a revista queria difundir.

Destacamos que a abordagem que utilizamos para tratar das imagens que se encontram nas edições da revista em que identificamos a presença do tema da Revolução Mexicana é baseada na História Visual. Nessa metodologia, como propõe Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), as fontes iconográficas “não devem constituir objetos de investigação em si, mas vetores para a investigação de aspectos relevantes na organização, funcionamento e transformação de uma sociedade.” Portanto, trata-se da “formulação de problemas históricos, para serem encaminhados e resolvidos por intermédio das fontes visuais, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes.” (MENESES, 2003, p. 28)

Na nossa pesquisa, como já apresentamos, o “problema histórico” a ser tratado é como a Revolução Mexicana foi mobilizada no discurso da revista EMR, sendo ela parte da política cultural do Estado pós-revolucionário. Então, trabalharemos as imagens como parte integrante do discurso da revista, relacionando-as com os textos escritos que aparecem junto com elas nas edições de EMR.

Capítulo 2

Os líderes revolucionários e os aniversários da Revolução Mexicana na revista *El Maestro Rural*

Ao analisar como a Revolução Mexicana aparece na revista EMR, observamos que seu discurso constrói uma memória da Revolução, que evocava o passado e constrói uma interpretação dos acontecimentos de forma a servir aos interesses do Estado pós-revolucionário. Nessa narrativa, alguns líderes revolucionários foram destacados como emblemas de justiça, igualdade e transformação social e os aniversários da Revolução Mexicana foram sistematicamente comemorados. Mais do que relembrar os acontecimentos e personagens políticos da década de 1910, essas celebrações buscaram consolidar os ideais revolucionários como parte de um projeto político em curso, destacando a figura de certos líderes em detrimento de outros como símbolos de luta e transformação social.

As homenagens aos líderes da Revolução Mexicana nos dizem muito sobre a interpretação do processo revolucionário que se queria difundir. Emiliano Zapata e Francisco I. Madero são os personagens que mais receberam homenagens na revista. Álvaro Obregón e Venustiano Carranza também foram homenageados na publicação, mas em quantidade bem menor. Em relação ao Pancho Villa, sua figura se destaca mais pela ausência do que pela presença. Ele foi um dos líderes revolucionários populares mais famosos, mas não encontramos homenagens a ele na revista, como mostraremos no tópico 2.4 deste capítulo. Começaremos abordando as homenagens ao Zapata, que foi o que mais recebeu menções e honrarias na revista.

2.1. Zapata, o grande ícone da Revolução Mexicana na revista *El Maestro Rural*

Nas edições que possuímos de EMR em seus primeiros anos, observamos que Emiliano Zapata é o único revolucionário que recebeu homenagens na revista antes do período do cardenismo (1934-1940). O líder camponês revolucionário recebeu homenagens já na 1ª edição de EMR (01/03/1932), também nos seus aniversários de morte, nos meses de abril de 1932 e 1934 (edições de 15/04/1932 e 01/04/1934) e até em outros momentos não relacionados alguma efeméride, como na edição de 15/02/1934. Apenas no ano de 1933 não encontramos homenagens a ele na revista, nas edições a que temos acesso.

Durante o cardenismo, as homenagens a Zapata se multiplicaram, ocorrendo nos aniversários de morte e em outros momentos, como no mês de novembro de 1935, junto com a comemoração do início da Revolução em 1910; em março de 1938, com referência ao *Plan de Ayala*, principal documento do zapatismo durante a Revolução; e em outras edições sem ligação com uma data específica, como nos meses de maio e setembro de 1938 e na edição bimensal de janeiro/fevereiro de 1939.

Como mencionamos, a primeira homenagem a Zapata já aparece na 1ª edição de EMR, de março de 1932. Ela ocorre por meio da publicação do “*Corrido de la Revolución del Sur*”, de Vicente Ponce, que a revista apresenta como um “trovador popular já falecido.” O texto do *corrido* relaciona a luta de Zapata com o “grito” popular de “*pan, tierra y libertad*”, como um grito dado por “*todos en conformidad*.” O texto termina destacando a importância da memória da luta do líder camponês: “*De Zapata estos recuerdos/ Quedarán siempre grabados/ [...] ‘Por todito pongo aquí al siglo veinte/ Por más certero y seguro/ Para que atestigüe desde lo presente/ Cuando llegue a lo futuro.’*” (EMR, T. 1, nº 1, 01/03/1932, p. 9)

Ao associar a memória de Zapata ao “*siglo veinte*” e “*a lo futuro*”, o texto reafirma a centralidade de sua figura não apenas como um ator histórico do passado, mas também para a construção da identidade nacional e das lutas sociais no México pós-revolucionário. Dessa forma, o *corrido* assume um papel pedagógico e político, ao lembrar às novas gerações os ideais e sacrifícios que moldaram a nação.

Na segunda edição de EMR, de abril de 1932, temos uma nova homenagem a Emiliano Zapata, desta vez no mês do aniversário de sua morte. O texto é intitulado “*En memoria del caudillo del Sur*” e destaca uma estátua do líder revolucionário camponês montado em um cavalo, que o governo tinha mandado fazer na cidade onde ele foi morto, para ser inaugurada na data do seu aniversário de morte:

Hoy [...] la estatua ecuestre del caudillo del Sur será descubierta, en la heroica ciudad de Cuautla, como un homenaje que perpetúe la memoria del Apóstol del Agrarismo. [...] al rebelde enérgico y contumaz que descubrió el sentido social, reivindicador y trascendente, de la Revolución. Hoy sabemos que no hay democracia posible mientras no se obtenga previamente la liberación económica de las masas proletarias. [...] [Hoy] el campesino y el obrero cuentan con leyes de protección. (EMR, 15/04/1932, p. 11)

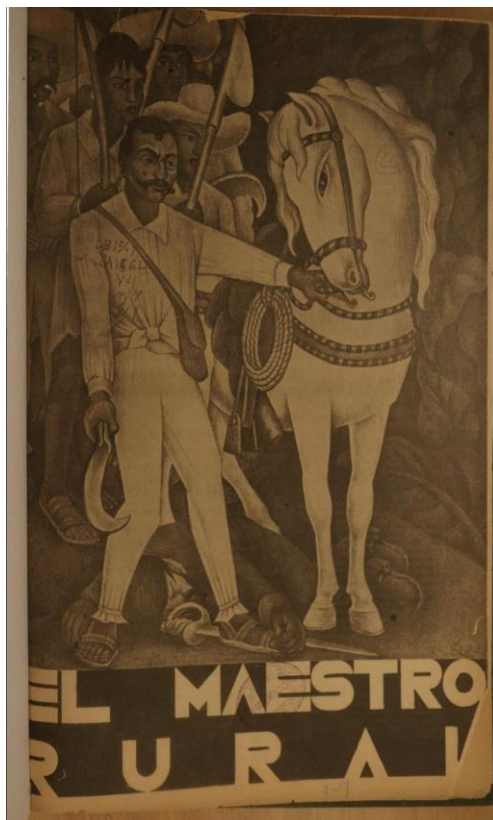
Esse texto tinha um caráter editorial, pois não aparece a assinatura de um autor, portanto ele pode ser visto como um discurso oficial da SEP, que editava a revista. Nesse discurso, podemos perceber que a luta de Zapata e a própria Revolução são colocadas no passado, como algo já terminado e não mais necessário, pois, naquele momento os camponeses e operários já contavam com “leis de proteção.” Ou seja, o Estado pós-revolucionário já encarnava a garantia dos direitos dos trabalhadores.

Podemos identificar também que a imagem do Zapata não é relacionada apenas ao passado imediato do período revolucionário, pois o líder camponês revolucionário foi colocado como um herói da história mexicana, junto com os grandes personagens da guerra de Independência do México no começo do século XIX:

[Zapata,] perseguido las más de las veces, halló refugio en las mismas montañas acogedoras que sirvieron de baluarte a los caudillos de la Guerra de Independencia. Los campos donde Morelos, Guerrero y Matamoros, consumaron sus épicas hazañas, fueron teatro, a cien años de distancia, de las hazañas de las huestes de Zapata. [...] Y la historia tendrá que señalar, a su vez, el movimiento zapatista, como una continuidad de la Revolución iniciada en 1810. [...] el pueblo todo de la República, rindan hoy su tributo a la memoria del paladín genuino de nuestra revolución agraria. (EMR, 15/04/1932, p. 11)

Essa foi a primeira homenagem de EMR a Zapata em seu aniversário de morte, no mês de abril de 1932, o que voltou a ocorrer na revista nos anos seguintes, a partir de 1934. Observamos que, a partir de então, as homenagens a ele passaram a aparecer já nas capas da revista, como mostramos na (figura 2).

Figura 2
Capa de EMR, 01/04/1934



A imagem que aparece nessa capa é uma reprodução de parte do mural *Historia de Cuernavaca y Morelos*, pintado por Diego Rivera em 1930 no *Palacio de Cortés*, em Cuernavaca, estado natal de Emiliano Zapata (mostramos o mural completo na figura 3). A parte que foi reproduzida na capa da revista encontra-se na parte de baixo, do lado esquerdo do mural, e é identificada como “Zapata e seu cavalo.”

Figura 3
Mural *Historia de Cuernavaca y Morelos* (Diego Rivera, 1930)



Fonte da imagem: <https://pt.wahooart.com/@/8BWP48-Diego-Rivera-A-Hist%C3%B3ria-de-Cuernavaca-e-Morelos>

Na imagem da capa da revista (figura 2), observa-se que Emiliano Zapata aparece em primeiro plano, mas também aparecem vários camponeses com ele, ao fundo. O líder está segurando o cavalo com a mão esquerda e com a direita ele segura uma foice, que é um típico instrumento de trabalho rural. Podemos relacionar essa representação de Zapata com seu papel de liderança camponesa na luta pela reforma agrária, principalmente a devolução das terras às comunidades indígenas, que foi a maior bandeira de zapatismo.

Além disso, a foice que aparece na mão de Zapata também pode remeter ao famoso símbolo comunista da foice e o martelo, no qual a foice representa os trabalhadores rurais. Diego Rivera, que pintou o mural do qual retiraram a imagem da capa de EMR, era um reconhecido militante comunista e costumava incluir símbolos desta ideologia política em seus murais. A época que ele pintou o *Historia de Cuernavaca* (1930) inclusive é a mesma que ele estava pintando o famoso mural do *Palacio Nacional*, *Epopéya del Pueblo mexicano* (1929-1935), no qual ele representou Karl Marx indicando o caminho do futuro para o México.⁴

É importante ressaltar que justamente essa representação de Zapata por Rivera foi a escolhida para a capa da revista de abril de 1934. Nesse contexto, Lázaro Cárdenas já

⁴ A imagem desse mural está disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Epopéya_del_pueblo_mexicano_\(Diego_Rivera\)](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Epopéya_del_pueblo_mexicano_(Diego_Rivera))

era candidato do PNR para as eleições presidenciais, que ocorreriam em julho de 1934, e inclusive já tinha sido publicado o *Plan Sexenal* para o seu governo, que incluía temas como o projeto da educação socialista, o apoio à organização sindical e, principalmente, a ênfase que o governo daria à reforma agrária. Dessa forma, vários setores ligados às esquerdas e defensores dos ideais da Revolução Mexicana acreditavam que, se eleito, Cárdenas ampliaria as conquistas sociais do movimento revolucionário e alguns defendiam que a Revolução poderia seguir para um caminho socialista.

Na parte interna dessa edição da revista, de 01/04/1934, temos ainda dois textos e três *corridos* em homenagem ao líder revolucionário camponês. O primeiro texto intitula-se “*En el XV Aniversario de la muerte de Zapata*” e é de carácter editorial, pois não tem assinatura de um autor. O segundo é o texto “*El Sacrificio*”, do poeta vanguardista Germán List Arzubide, ligado ao *estridentismo*, que foi um dos movimentos das vanguardas artísticas mais importantes no México.⁵

O texto de carácter editorial apresenta algumas lendas correntes em torno da figura de Zapata, entrelaçando sua biografia histórica com elementos míticos e lendários que reforçam sua centralidade na memória coletiva do povo mexicano. Segundo o texto:

Dos leyendas corren en tierras del Estado de Morelos sobre Emiliano Zapata, la primera dice que, de niño ya el dolor de sus padres, siervos de la gleba, y ante el desmán del hacendado que los ultrajaba, dejándolos sin tierra que pisar, se juramentó: “Cuando yo sea hombre, haré que nos devuelva estas tierras nuestras.” La otra cuenta que Zapata no ha muerto, que vive aún oculto en sus laberintos; acaso entre los torreones feudales de la sierra de Tepoztlán, tal vez tras el bastión magnífico de Jonacatepec, o acaso entre los barrancas y hondonadas del Plan de Amilpas. (EMR, 01/04/1934, p. 9)

Observamos na citação a lenda de um herói popular, que em sua infância tinha sido vítima das injustiças sociais, mas que demonstrou sua indignação e, desde criança, fez o juramento de lutar para recuperar as terras que eram de direito das comunidades camponesas. Nessa narrativa, Zapata aparece como um escolhido, quase predestinado a liderar a luta por justiça. Ao mesmo tempo, destaca-se o mito de que Zapata não morreu: a ideia de que ele vive escondido nos labirintos das montanhas ou que seu espírito ainda cavalga em um cavalo branco transforma Zapata em um ser mítico imortal. Segundo o

⁵ Sobre o poeta Germán List Arzubide e o *estridentismo* mexicano, consultar MORA, 1999.

texto, isso refletia a “sensibilidade indígena primitiva” que continuava a criar e sustentar mitos como forma de manter vivos os ideais que ele representava.

O texto segue enfatizando Zapata como um grande ícone da luta pela terra, apresentando-o como uma espécie de porta-voz, o estandarte de uma causa “nobre e eterna.” Ele é retratado como alguém que, mesmo sem cultura formal, compreende instintivamente o “drama secular do México.” Isso o torna um representante genuíno das massas oprimidas, alguém que encarnava suas esperanças e sofrimentos. O texto critica fortemente a ditadura de Porfirio Díaz, que foi derrubada pela Revolução, como “porfirismo latifundiário e concessionário”, como um sistema de despotismo e ganância que expropriou milhões de hectares dos camponeses. Ao situar a trajetória de Zapata contra esse contexto de opressão, o texto posiciona sua luta como uma resposta inevitável e legítima à exploração desenfreada, como no trecho a seguir:

En 1910 este campesino humilde, este labriego sin cultura, pero que por instinto comprende todo el drama secular de México, secunda la insurrección maderista; se alza, como voz de sus compañeros de esclavitud, como rayo de su venganza, y en pocos meses, secundado por ellos, se convierte en un jefe de multitudes, en una amenaza cierta para los latifundistas morelenses y para el despotismo entronizado en la República entera. (EMR, 01/04/1934, p. 9)

Observe que o texto destaca o apoio de Zapata ao maderismo e o coloca como a voz dos camponeses e uma ameaça real aos latifundiários, não apenas do estado de Morelos, mas da “república inteira.”

Ao combinar fatos históricos com um discurso poético e mítico, o texto constrói uma memória de Zapata que serve tanto para educar quanto para inspirar. Ele é apresentado como um exemplo de resistência e liderança, alinhado ao ideal revolucionário de transformação social. Podemos entender que o objetivo é reforçar o papel de Zapata como um símbolo de identidade e orgulho camponês. A mensagem final é que o mito de Zapata vive, como um ideal de justiça social que ainda devia guiar as atuais gerações do México rural.

Dando continuidade a uma visão mítica sobre Zapata, aparece na página seguinte o artigo “*El Sacrificio*”, de Germán List Arzubide, que a revista explica que era o capítulo final do seu livro “*Emiliano Zapata. Exaltación.*” (EMR, 01/04/1934, p. 10) O texto é um tributo a Zapata, apresentando-o como símbolo da luta agrária e da resistência dos oprimidos. Ele é descrito como um “novo Espártaco” em referência ao escravo romano

que liderou uma rebelião contra Roma. No texto, a figura mítica de Zapata representa o ideal da justiça social, que perpassa os séculos:

Así murió Emiliano Zapata, el último caudillo de la gleba. Nuevo Espartaco, que se hizo todo de luz para ir entre la noche de cuatro siglos, guiando a las desoladas muchedumbres hacia una cumbre de paz. [...] Así la leyenda lo mantiene vivo y amenazador para quienes intenten poner su planta en el ejido. (EMR, 01/04/1934, p. 10)

É interessante observar no texto que o sentido mítico de Zapata não é colocado como lenda no sentido de algo afastado da realidade ou do presente, muito ao contrário. No texto de List Arzubide, é “a lenda” que mantém o líder camponês revolucionário “vivo e ameaçador” para os que tentam tomar as terras camponesas, os *ejidos*. Percebemos claramente como o texto busca conectar o mito de Zapata com a luta do presente, ao fazer referência aos *ejidos*, que eram uma forma de propriedade comum da terra, assegurado pela Constituição de 1917, fruto do processo revolucionário.⁶

Entendemos que a representação de Zapata como um “novo Espártaco” inscreve-se perfeitamente na lógica mítica do “salvador”, dentro da tipologia das “mitologias políticas” identificada por Raoul Girardet (1987). Nessa lógica mítica, destaca-se a necessidade de personificar, em meio às transformações sociais e políticas, uma figura capaz de guiar e inspirar o povo: um salvador, cuja imagem mítica fornece sentido e legitimidade a projetos históricos e reivindicações concretas. Zapata se inscreve na tradição de salvadores trágicos: heróis cuja grandeza se constrói a partir da dor, da luta e do martírio, mas que não desaparecem com a morte, pois são reapropriados pelas lutas que continuam. Assim, como explica Girardet, essas figuras funcionam como personagens-símbolos, através das quais “exprime-se uma visão coerente e completa do destino coletivo.” (GIRARDET, 1987, p. 70)

Destacamos que, até atualmente, a figura do Zapata continua sendo um dos personagens mais lembrados e reproduzidos da história mexicana, ao ponto do historiador estadunidense Samuel Brunk (2019), falar em uma “vida póstuma de Emiliano Zapata.” O autor destaca que a onipresença do nome e imagem do líder camponês revolucionário nos espaços públicos e privados revela não apenas sua importância histórica, mas também

⁶ No Artigo 27 da Constituição de 1917 foi estabelecida forma *ejidal* de propriedade da terra, que era do Estado, mas cedidas para usufruto dos habitantes. Essas terras não podiam ser vendidas, para evitar a formação de novos latifúndios, mas elas eram vitalícias e hereditárias.

sua transformação em símbolo cultural e político. Como afirma o autor, *“ningún libro podría contener un registro completo de las innumerables formas en que los mexicanos han guardado el recuerdo de Emiliano Zapata”*, tamanha é a variedade de meios em que sua memória foi evocada, desde nomes de cidades, escolas, restaurantes e estações de metrô, até sua apropriação por marcas comerciais e bandas de rock. No entanto, Brunk destaca que essa onipresença tem um duplo efeito, pois Zapata está em todas as partes, mas também em lugar nenhum, já que muitos vivem em bairros com seu nome e não sabem quase nada sobre sua vida. (BRUNK, 2019, p. 94)

Acreditamos que a revista EMR pode ter sido um dos primeiros meios pelos quais se formou toda uma mitologia em torno da figura do Zapata. Nesse caso, com um sentido político muito evidente, ligado à consolidação e legitimação do Estado pós-revolucionário. Continuaremos nossa análise sobre as menções ao líder camponês revolucionário agora durante o cardenismo. Mostraremos que Emiliano Zapata continuou sendo recorrentemente homenageado também nesse período.

A primeira homenagem ao Zapata durante o cardenismo ocorreu em abril de 1935, no mês do seu aniversário de morte. Começando pela capa, a edição de 15/04/1935 traz várias fotografias do Zapata. A foto da capa é em preto e branco como as demais, mas a capa possui detalhes na cor vermelha, cor na qual aparece o próprio título da revista. Na parte interna, aparece um texto intitulado *“La muerte de Zapata”*, que ocupa 4 páginas e possui 3 fotografias grandes do líder camponês (figuras 4 e 5).

Logo após esse texto mais diretamente ligado à homenagem ao Zapata em seu aniversário de morte, aparece outro texto, intitulado *“El movimiento agrario en México”*, que também apresenta fotografias do líder camponês (figuras 6 e 7). A primeira delas se trata da foto icônica de Emiliano Zapata que é a mais conhecida até hoje (figura 6).⁷ Sobre todas as fotografias usadas nesta edição, a revista informa o seguinte: *“Los retratos de Emiliano Zapata que ilustran este número forman la iconografía más conocida del infortunado caudillo del Sur.”* (EMR, p. 15/04/1935, p. 16)

⁷ Sobre essa foto, Ariel Arnal (2016) afirma que foi *“reproducida hasta la saciedad en nuestro imaginario colectivo posrevolucionario por inmensidad de medios, estilos y técnicas artísticas”* e que se sabe que foi tirada em 1911 em um hotel na cidade de Cuernavaca. Porém, não é possível comprovar que seja do fotógrafo alemão Hugo Brehme, como se acreditava. Segundo Arnal, *“no podemos asegurar que dicha fotografía sea efectivamente del fotógrafo alemán Hugo Brehme o cualquier otro. [...] Lo cierto es que en los últimos cinco años se han acumulado estudios e información que no hacen sino poner en duda cualquier afirmación contundente.”* (ARNAL, 2016, p. 63; 68)

Figura 4
Capa e parte interna de EMR, 15/04/1935, p. 11



Figura 5
Parte interna de EMR, 15/04/1935, p. 12 e 13

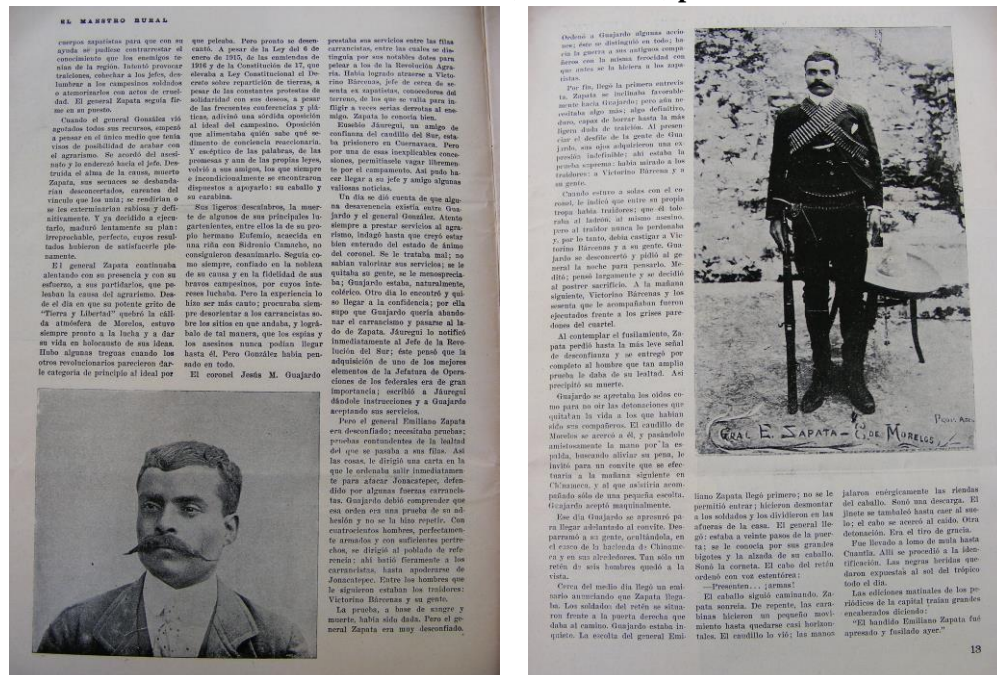
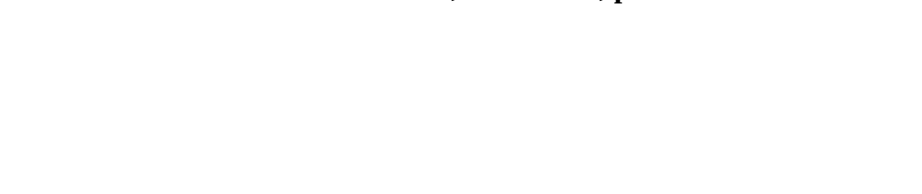


Figura 6
EMR, 15/04/1934, p. 14



Se olharmos apenas as fotografias, antes mesmo da leitura dos textos, percebemos que elas trazem uma iconografia simbólica de Zapata como herói revolucionário, em que as fotos permitem trazer ao presente a imagem do líder camponês revolucionário, tornando sua figura reconhecível para o público da revista. Se pensarmos que, além dos professores, o público-alvo da revista também eram os camponeses que ainda estavam aprendendo a ler, notamos que as imagens podiam servir como uma ferramenta primordial dentro da política cultural estatal.

Ao ler os textos presentes nessa edição da revista, o que mais chama a atenção é que a questão agrária foi o foco dela, com três textos editoriais sobre assunto e que incluem as fotografias do Zapata. Os títulos dos textos são: *“La cuestión agraria siempre ha conmovido al mundo”*, *“La muerte de Zapata”* e *“El movimiento agrario en México.”*

No artigo *“La muerte de Zapata”*, a revista apresenta uma narrativa que explica os acontecimentos revolucionários, antes de falar da morte do líder camponês em si. Observamos que Carranza é apresentado de forma positiva nessa interpretação da Revolução Mexicana, ao explicar o período de disputa entre vários grupos revolucionários, após a morte do líder inicial da Revolução, Francisco Madero. Carranza aparece nessa narrativa como um líder interessado na unificação nacional, mas sem sucesso, pois *“la lucha continuaba enconada, aunque el general Venustiano Carranza hiciera todos los esfuerzos posibles por pacificar al país.”* (EMR, 15/04/1935, p. 11)

Podemos perceber que, mesmo citando Carranza e Madero, nesse texto a ênfase é colocada na forte liderança de Zapata, que encorajou seus apoiadores na defesa da causa agrária, não importando os sacrifícios que teria que fazer: *“desde el día en que su potente grito de ‘Tierra y Libertad’ quebró la cálida atmósfera de Morelos, estuvo siempre pronto a la lucha y a dar su vida en holocausto de sus ideas.”* (EMR, 15/04/1935, p. 12)

O artigo, *“El Movimiento Agrario en México”* aborda a luta pela terra desde a Roma antiga e a França revolucionária do século XVIII, chegando ao México do século XX. O texto afirma que esses tipos de movimentos são quase sempre violentos e que, no caso do México, *“el problema agrario empezó a resolverse en esa forma: por medio del levantamiento armado de las masas campesinas que estaban sujetas a un régimen de miseria y de esclavitud.”* (EMR, 15/04/1935, p. 14) Ou seja, o discurso da revista busca situar a questão da violência do processo revolucionário mexicano na história de outros movimentos de luta pela terra.

Junto com fotos do Zapata, o texto também apresenta uma tabela com dados estatísticos que mostram o aumento crescente dos latifúndios no México desde o início

do movimento de Independência, em 1810, até o ano de 1908, durante o regime porfirista, pouco antes do início da Revolução. Segundo o discurso da revista, esses dados serviam para mostrar que *“la Dictadura de Porfirio Díaz había sido funesta para el Pueblo.”* (EMR, 15/04/1935, p. 15)

Ainda nesse texto, percebemos claramente como a narrativa da revista procura relacionar a luta do Zapata durante a Revolução com a ação do Estado pós-revolucionário:

En 1919 Zapata es asesinado [...], el zapatismo se desorganiza [...] La revolución agraria termina. Pero la fecunda semilla del agrarismo, sembrada en los campos del Sur y abonada por diez largos años de sangre y fuego fructifica. [...] [Hoy] la Comisión Nacional Agraria trabaja organizadamente y contribuye con eficacia a llevar a cabo los ideales porque peleara años atrás el General Zapata. [...] El problema agrario va resolviéndose paulatinamente. Un día llegará en que México, con su extenso territorio repartido equilibradamente, podrá desarrollar sus grandes posibilidades agrícolas [...] en beneficio de las grandes masas, que son las que, en último término, hicieron la Revolución. (EMR, 15/04/1935, p. 14)

Podemos ver que o texto identifica a resolução do “problema agrário” ao Estado pós-revolucionário, mas também observamos que ele coloca isso como resultado da ação das “grandes massas” populares e identifica que foram elas que realmente “fizeram a revolução.”

Essa abordagem da revista na primeira homenagem feita ao Zapata no seu aniversário de morte durante o cardenismo já nos mostra uma grande diferença, quando comparamos com o período anterior. Como mostramos, a segunda edição de EMR, de abril de 1932, já tinha uma homenagem ao Zapata no aniversário de morte dele, mas naquela edição os textos da homenagem enfatizavam o passado, como algo mais distante no tempo. Os textos de 1932, falavam da estátua que o governo tinha mandado fazer em memória do Zapata e o colocavam como parte do panteão da história nacional, junto com os líderes da Independência, do século XIX.

Diferente disso, no período cardenista notamos que a figura de Zapata é tratada como herói de uma luta nacional vista como algo ainda presente, que seguia viva por meio das transformações sociais trazidas pelo Estado pós-revolucionário. Abordaremos essas edições no tópico 2.3., ao tratar das seções de tipo biográfico publicadas em EMR, pois essas homenagens ao Zapata foram publicadas nessas partes da revista.

2.2. A presença de Madero e outros líderes revolucionários na revista

Depois de Zapata, o líder revolucionário que mais aparece em EMR é Francisco I. Madero, que foi quem liderou o início do movimento de derrubada da ditadura de Porfirio Díaz. Por isso, as menções a Madero aparecem geralmente no mês de novembro, quando se iniciou a Revolução em 1910.

O primeiro destaque à figura do Madero que localizamos, ocorre na edição de novembro de 1935, na qual aparece uma fotografia dele na capa. Apesar de ele aparecer na capa, observamos que na parte interna da revista, junto com o texto editorial sobre o movimento revolucionário, intitulado “*La Revolución, segundo movimiento de Independencia*”, as fotos que aparecem são de outros personagens: Aquiles Serdán e Abraham González. Esses dois foram pessoas ligados ao movimento antirrelecionista liderado pelo Madero, antes do início da Revolução (figura 8).

Figura 8
Capa e parte interna EMR, 15/11/1935, p. 3 e 4

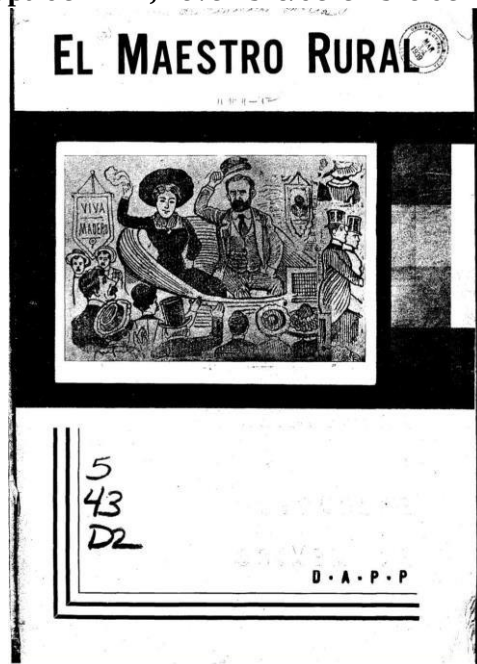


Quando lemos o texto “*La Revolución, segundo movimiento de Independencia*”, percebemos que ele não faz exatamente uma homenagem ao Madero. Na narrativa da revista, o início da Revolução é atribuído a figuras como o anarquista Ricardo Flores Magón e Abraham González (a terceira imagem da direita para esquerda, figura 8) que “*prepararon, ya con las armas en mano, ya propagando la ideología y cimentándola en el pueblo, el gran movimiento de 1910.*” Sobre Madero, o texto o identifica como “*el apóstol de la obra revolucionaria [que] fue victimado por los mercenarios de Huerta.*”

Mas a sua morte não pôs fim à Revolução porque *“el puñal y la bala pueden hallar la carne de los hombres, pero no la carne del espíritu. La semilla reivindicadora había sido esparcida en todo el territorio; como un solo hombre el pueblo se levantó contra el asesino.”* (EMR, 15/11/1935, p. 4) Dessa forma, a ênfase é colocada no “povo”, que se levantou após o assassinato de Madero e deu continuidade à Revolução.

Na edição bimensal de novembro/dezembro de 1938, aparece novamente um destaque a Madero na capa (figura 9). A imagem é uma gravura de José Guadalupe Posada, que já era falecido na época, como comentamos no capítulo 1. A imagem se refere ao período da Revolução e representa Francisco Madero entrando vitorioso na capital do país, em 1911. A origem dessa gravura de Posada, que a revista escolheu para sua capa, era uma *hoja suelta* da imprensa popular de António Vanegas Arroyo, na qual o artista trabalhava. (DÍAZ FRENE, 2022)

Figura 9
Capa de EMR, novembro/dezembro de 1938



No caso dessa edição de 1938 – diferente da anterior, de 1935, que tinha a foto do Madero na capa, mas o texto sobre a Revolução não enfatizava ele, o texto sobre a Revolução na parte interna da revista também se relaciona com ele. O título do artigo é *“Madero y la Revolución Mexicana”* e contém uma foto dele (figura 10).

Figura 10



Esse texto foi escrito pelo historiador Agustín Cué Cánovas, que, pouco tempo depois, passou a ter uma seção temática assinada na revista chamada “*Biografías Críticas*”, que abordaremos no próximo tópico.

Na visão desse historiador no texto “*Madero y la Revolución Mexicana*”, de 1938, o maderismo representou a “*bandera democrática*” e “*un conjunto de conceptos políticos que en manera alguna podían construir un programa auténtico de reivindicaciones populares.*” Segundo ele, “*en los primeros meses de su Gobierno, Madero se dedicó a complacer a los miembros de su clase [...] y se olvidó por completo del pueblo que había puesto en él su confianza y su destino.*” Porém, depois Madero teria mudado de atitude por causa da mobilização popular:

arrastrado por la corriente revolucionaria [Madero] cambia de actitud. La rebelión de Zapata y la presión ejercida sobre él por los sectores más importantes de la población, lo obliga a adoptar un programa revolucionario, en oposición radical a los intereses de la clase social a la que él pertenecía. (CUÉ CÁNOVAS, EMR, nov/dez, 1938, p. 9-10)

Dessa forma, o texto coloca as classes populares como os grandes atores históricos da Revolução Mexicana e desataca a “rebelião de Zapata.” O Madero é colocado como alguém que pertencia a outra classe social e até possuía a “bandeira democrática”, mas não buscava atender as reivindicações populares. O maderismo só teria mudado e ido nessa direção por causa da pressão popular.

Esse texto foi publicado no ano de 1938, na edição que comemorava o início da Revolução no mês de novembro. Madero foi o líder inicial do movimento revolucionário, provavelmente por isso ele aparece na capa e o texto sobre a Revolução Mexicana também aborda a figura dele. Mas, como mostramos, a interpretação do movimento revolucionário apresentada por esse texto não coloca o destaque no Madero, mas sim nas classes populares, principalmente a “rebelião de Zapata.” Apesar de não ser um texto editorial, acreditamos que ele foi publicado por passar uma visão que ia ao encontro do que o governo queria difundir, lembrando que nessa época a revista estava sendo publicada pelo D.A.P.P.

Além de Madero e principalmente Zapata, os outros revolucionários que ganharam destaque na revista EMR foram Álvaro Obregón e Venustiano Carranza. A primeira menção ao Carranza que encontramos é feita na edição de 01/02/1936, em um texto editorial intitulado *“Plática sobre la historia de las Constituciones Mexicanas.”* O texto fala do longo caminho que o país percorreu, repleto de conflitos, reformas e avanços, rumo à construção de um Estado moderno, que ele identifica à Constituição de 1917, promulgada no governo de Carranza.

O texto remonta a história das Constituições mexicanas ao ano de 1813, no início do processo de Independência, quando o padre José María Morelos, um dos líderes do movimento popular pela Independência, convocou o Congresso de Chilpancingo, com o objetivo de estabelecer os fundamentos de um novo governo. Na narrativa da revista EMR, os constituintes começaram seus trabalhos embasados no manifesto de Morelos, *“que tenía ideas demasiado avanzadas para aquella época y sosteniendo el principio de que el nuevo Estado debería fundarse conforme a la doctrina del Contrato Social.”*

Entre os pontos defendidos por Morelos, destacavam-se a crítica à concentração do poder nas mãos da elite espanhola e *criolla* e ele teria afirmado que deveriam ser considerados inimigos da nação, *“todos los ricos, nobles y empleados de primer orden, criollos o gachupines [españoles]”*, por estarem ligados aos vícios do antigo sistema de governo. (EMR, 01/02/1936, p. 24)

Após abordar essa primeira proposta constitucional, o texto destaca a Constituição de 1924, logo após a Independência, e as lei da Reforma, realizadas por Benito Juárez, em meados do século XIX, antes de chegar ao que seria o ápice do Estado moderno mexicano: a Constituição de 1917. Ao longo do texto, aparecem as imagens de Morelos, Juárez e Carranza. Mas a que aparece em tamanho maior é uma fotografia que mostra “*Los ‘constituyentes de Querétaro’ protestando la Constitución de 1917*” (figura 11).

Figura 11
EMR, 01/02/1936, p. 26



Segundo a narrativa da revista, “*al triunfo de la Revolución Constitucionalista, encabezada por el ciudadano Venustiano Carranza [...] fue promulgada una nueva Constitución Federal.*” (EMR, 01/02/1936, p. 26) O texto segue descrevendo a Constituição de 1917 como muito avançada para a época, ao oferecer garantias individuais e sociais, incluindo a reforma agrária e a educação gratuita, laica e obrigatória. Ainda segundo o texto editorial, alguns artigos da Constituição de 1917 haviam sido reformados, “*siendo una de las reformas más trascendentales las hechas al artículo 3º*”, que trata da educação. A revista deu destaque para a reforma que havia instituído a educação socialista, no início do governo Cárdenas, e reproduziu o texto da reforma praticamente na íntegra, terminando da seguinte forma:

*El laicismo que deja en libertad a los padres para inculcar en sus hijos las modalidades espirituales que mayor arraigo tienen en su hogar, prácticamente produce resultados negativos en la escuela, porque quita a ésta la posibilidad de **unificar las conciencias hacia el fin para el cual viene luchando la Revolución** y que consiste en impartir a los hombres y pueblos nociones claras de conceptos racionales en que se mueve la vida. (EMR, 01/02/1936, p. 38. Grifos nossos)*

Como se observa pela citação, o grande objetivo da escola seria “unificar as consciências”, formando cidadãos conscientes e críticos, através de um ensino organizando de forma científica e racional. O que mais chama a atenção no fragmento citado é a ideia de que esse era “o fim para o qual vem lutando a Revolução”, ou seja, a ideia de que a revolução ainda estava em curso.

Dessa forma, o texto que era intitulado “Conversa sobre a história das Constituições mexicanas” acabava destacando mais a reforma da educação socialista do que a história das constituições ou a Constituição de 1917 em si e procurava legitimar a reforma educacional como uma continuação da própria Revolução. Entendemos essa abordagem por parte da revista como uma forma de resposta à significativa resistência que a educação socialista enfrentou em diversas regiões do país, como comentamos no capítulo 1.

O outro líder revolucionário – além de Zapata, Madero e Carranza – que recebe destaque em EMR durante o cardenismo é Álvaro Obregón. Na edição de julho de 1939, a revista publica um texto de homenagem a ele, em seu aniversário de morte. O texto é intitulado “*Álvaro Obregón – In memoriam*”, vem acompanhado por uma fotografia do líder revolucionário e ex-presidente e ocupa uma página inteira da revista (figura 12).

O texto é assinado por M. D. Martínez Rendon e é, na verdade, uma republicação de um texto que o autor havia publicado na revista *Crisol*⁸ 10 anos antes, no primeiro aniversário da morte de Obregón. Ao republicar seu texto em EMR, em 1939, Martínez Rendon incluiu uma pequena introdução, explicando: “*nosotros repetimos aquí las palabras que dejamos caer, como una ofrenda, en aquellos dolorosos días.*” O texto reproduzido, remetia à morte do líder revolucionário e ex-presidente:

⁸ Segundo a *Enciclopedia de la Literatura en México* (ELEM), *Crisol. Revista de crítica* foi uma importante publicação de esquerda mexicana, fundada em 1929. Martínez Rendon era chefe de redação da revista, quando publicou o texto de homenagem ao Obregón. Nessa época, *Crisol* era publicada pelo *Bloque de Obreros Intelectuales de México*, uma associação de artistas e escritores de tendência esquerdista. A revista circulou até 1938 e, depois, teve um grande período de interrupção, só voltando a ser publicada em 1952. Seu último número apareceu em 1958.

No podíamos haberte visto bajar inmóvil a una tumba, porque las ideas no se sepultan.

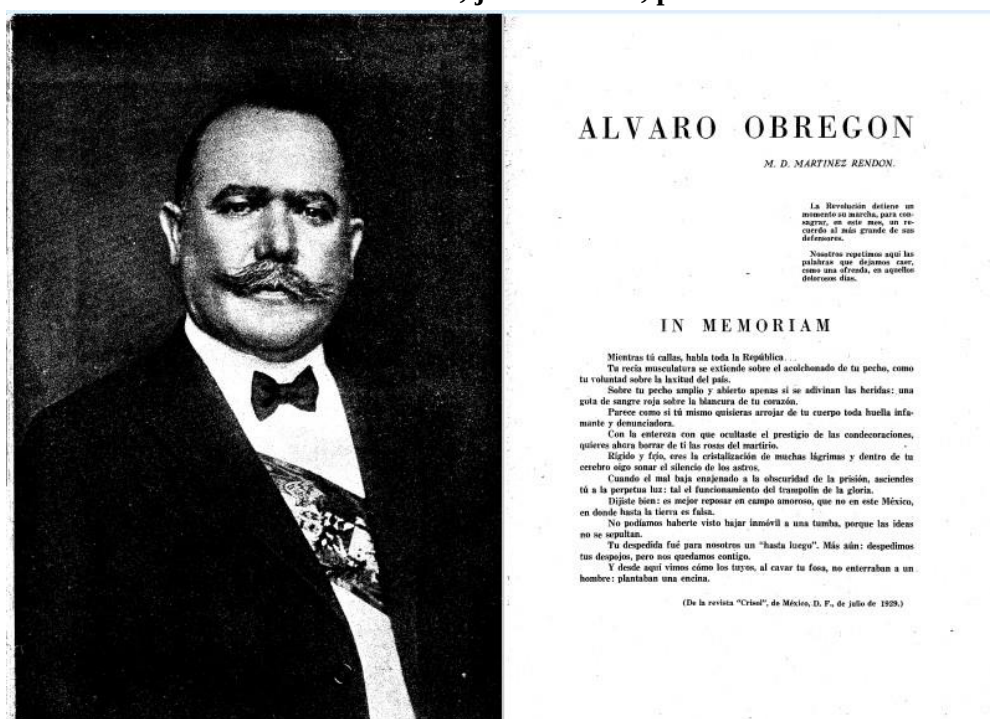
[...] Despedimos tus despojos, pero nos quedamos contigo.

Y desde aquí vimos cómo los tuyos, al cavar tu fosa, no enterraban a un hombre: plantaban a una encina.

(MARTÍNEZ RENDON, EMR, jul./ 1939. p. 20)

Como se pode ver na citação, o texto de Martínez Rendon destacava que os ideais, “as ideias”, defendidos por Obregón continuavam vivos, apesar da sua morte. Ele era conhecido por sua postura anticlerical e morreu de forma trágica, sendo assassinado por um fanático católico, após ter sido eleito como presidente novamente, em 1928, em meio ao contexto da Guerra Cristera. Essa homenagem de EMR a ele, em 1939, dialogava com o discurso anticlerical da revista, ao destacar que as ideias defendidas por ele permaneciam firmes.

Figura 12
EMR, julho de 1939, p. 20



Podemos perceber que, ao longo do tempo, foram o Madero e, principalmente, o Zapata os personagens que receberam maior destaque na revista. Ambos apareceram nas capas, por exemplo, e foram tema de textos inteiramente dedicados a eles e, no caso de Zapata, até mesmo de editoriais. Por outro lado, Carranza e Obregón não alcançaram a

mesma centralidade, apesar de aparecerem.

Além de ocasiões de efemérides, principalmente de morte, dos líderes revolucionários e os aniversários da Revolução, alguns personagens ligados ao movimento revolucionário também foram destacados em EMR em seções temáticas que tinham um sentido biográfico, como analisamos no próximo tópico.

2.3. Os líderes revolucionários destacados nas seções de tipo biográfico “*Recortes de Figuras*”, “*Calendario Escolar*” e “*Biografías Críticas*”

Ao longo do período em que a revista EMR foi publicada, de 1932 a 1940, observamos que, em alguns momentos, foram publicadas seções que destacavam personagens históricos considerados importantes. Essas seções foram “*Recortes de Figuras*”, que foi publicada nos anos de 1934 e 1935; “*Calendario Escolar*”, publicada em 1935 e 1936; e “*Biografías Críticas*”, nos anos finais do cardenismo, 1939 e 1940.

A seção “*Recortes de Figuras*” apareceu geralmente sem a assinatura de um autor específico. Ao longo do ano de 1934, foram homenageados nessa seção vários mexicanos, principalmente professores, como Dolores Correa Zapata (edição 15/08/1934) e Teodomiro Manzano (15/10/1934); e até mesmo personagens estrangeiros, como o argentino José Ingenieros (01/09/1934). Mas observamos que figuras da Revolução Mexicana só começaram a aparecer nessa seção durante o cardenismo.

O primeiro personagem ligado à Revolução que aparece em “*Recortes de Figuras*” é Andrés Molina Enríquez, que é homenageado na edição de 15/12/1934. O artigo se intitula “*Don Andrés Molina Enríquez*” e o apresenta como uma das figuras intelectuais mais influentes na construção do pensamento social que deu origem à Revolução Mexicana. Na narrativa da revista, Molina Enríquez foi um dos homens que “*trazaron el programa del Agrarismo.*” Sua obra mais importante, *Los Grandes Problemas Nacionales*, de 1908, é apresentada como um estudo profundo da realidade mexicana nas vésperas da revolução, na qual o autor denunciava os abusos das *haciendas*: “*el punto culminante lo constituye el ataque económico a las haciendas, en su aspecto de rémora feudal, profundamente antieconómicas, generadoras del físico, tormentas de hambre y de tremendos injusticias humanas.*” (EMR, 15/12/1934, p. 28)

O texto destaca ainda que a crítica de Molina Enríquez ao latifúndio era acompanhada de uma defesa da reforma agrária, com destaque para a ideia da formação de *ejidos*, o que posteriormente foi adotado como base da redistribuição de terras no

México pós-revolucionário. Segundo a narrativa da revista, o “*ejido, base del México Revolucionario*”, já era defendido por ele em 1908, antes mesmo da Revolução. (EMR, 15/12/1934, p. 28)

Um outro personagem ligado à Revolução Mexicana que encontramos na coluna “*Recortes de Figuras*”, e que também aparece no início do cardenismo, é Ricardo Flores Magón. O texto sobre ele, publicado na edição de 01/01/1935, possui algumas particularidades. Primeiro, ele foi uma exceção quanto ao caráter de não assinatura da seção, pois apareceu assinada pelo escritor e pedagogo Armando List Arzubide. Esse autor era irmão do poeta *estridentista* Germán List Arzubide, que, como já mostramos, publicou um texto em EMR intitulado “*El Sacrificio*”, em 1934, em homenagem ao Zapata.

Os irmãos List Arzubide foram figuras muito próximas de Lázaro Cárdenas, desde o período em que ele era governador de Michoacán, antes de ser presidente. Durante o cardenismo, Armando List Arzubide foi nomeado professor e escreveu diversas obras sobre a Revolução, como explica o verbete da UNAM:

Para 1930, [Armando] junto con su hermano quien era poeta, colaboró con el gobernador de Michoacán, Lázaro Cárdenas. Al llegar éste a la presidencia de la República lo nombró jefe del Departamento de Inspección de Escuelas Particulares. En 1934 recibió el nombramiento como profesor de materias pos-primarias [...] Sus dotes de escritor los manifiesta en varias obras, entre ellas se encuentra la que hizo con su hermano llamada Historia de México, obra que fue dramatizada y transmitida durante cinco años por Radio Educación en lecciones, dirigida a estudiantes y obreros. Escribió varias obras teatrales, algunas de ellas fueron premiadas como Don Francisco I. Madero viene. La recopilación de este género de obras se encuentra en el libro Teatro histórico escolar. La SEP le editó La huelga de Río Blanco, El primero de mayo, Emiliano Zapata y Ricardo Flores Magón. (Verbetes List Arzubide, Armando. DGSCA-UNAM)

O livro *Ricardo Flores Magón*, de Armando List Arzubide, foi publicado pela SEP em 1938, então, o artigo homônimo publicado por ele na seção “*Recortes de Figuras*” é anterior.

Outra coisa que chama muito a atenção nesse texto de List Arzubide sobre Magón na revista EMR é que ele é descrito como “*el gran anarquista*”, símbolo da luta contra todas as formas de opressão – política, econômica, moral e espiritual – e como um “*mártir*

[que] pagó con su vida el haber sembrado la simiente que ya empieza a germinar”, mas em nenhum momento ele é relacionado ao processo revolucionário.

Acreditamos que certamente os professores das escolas rurais, que eram o principal público-alvo da revista, conheciam a relação do líder anarquista com o Partido Liberal Mexicano (PLM), que fez parte do movimento de contestação ao porfiriato. Os membros do PLM são considerados pela historiografia como “precursores intelectuais” da Revolução Mexicana. Além disso, mesmo estando exilados nos Estados Unidos, Magón e outros anarquistas ligados ao PLM publicaram o periódico *Regeneración* durante o movimento revolucionário, apoiando a Revolução e buscando que ela se convertesse em uma revolução anarquista. (COCKCROFT, 1971; BARTRA, 1985)

A seção “*Recortes de Figuras*”, que tinha começado a ser publicada antes do cardenismo, teve sua última edição em 15/01/1935. Mas surgiu uma nova seção, “*Calendario Escolar*”, que começou a ser publicada em julho do mesmo ano, que também possuía um caráter biográfico. Na verdade, essa não era uma seção somente biográfica, como ocorria com a “*Recortes de Figuras*”, mas ela dava destaque a eventos e personagens históricos considerados importantes de serem lembrados em cada mês. “*Calendario Escolar*” também não era assinada, assim como a seção biográfica anterior, sendo, portanto, uma seção editorial. Ela abordava principalmente eventos e personagens mexicanos, mas também incluía referências a acontecimentos históricos de importância mundial, como a tomada da Bastilha na Revolução Francesa, um dos destaques da primeira edição da seção.

Aparentemente, “*Calendario Escolar*” tinha o propósito de orientar o trabalho docente nas escolas rurais, destacando as datas comemorativas que a SEP queria reforçar em cada mês. Dessa forma, ela funcionava como um guia prático e ideológico, articulando o calendário das atividades escolares com os interesses da SEP.

Percebemos que essa seção possui um número significativo de textos que abordam os revolucionários e eventos da Revolução Mexicana, como: as mortes de Madero e Obregón; o lançamento do Plano de San Luis Potosí, por Madero, no início do movimento revolucionário; e dos Planos de Ayala, por Zapata, e de Guadalupe, por Carranza, durante o período revolucionário.

O primeiro tema relacionado com a Revolução que encontramos na seção “*Calendario Escolar*”, aparece na segunda edição da seção, em 15/07/1935, com destaque para a morte de Álvaro Obregón, no dia 17, ao lado das mortes de Benito Juárez, no dia 18, e do líder independentista Miguel Hidalgo, no dia 30. Além desses

acontecimentos históricos, a seção também destacou no mês de julho, no dia 26, o “*paso del sol por el cenit*”, pontuando que esse fenômeno já era observado pelos indígenas que ocupavam a América antes da conquista europeia.

No texto “*Muerte del Gral. ÁLVARO OBREGÓN*”, publicado na seção “*Calendario Escolar*”, seu assassino é identificado aos “*vestigios dispersos del fanatismo [, que] se habían despertado súbitamente en el año de 1927*”, com a reorganização das forças conservadoras diante do avanço de um projeto de país voltado à justiça social. Na narrativa da revista, esses setores, viram-se privados dos benefícios que tinham no regime anterior e tiveram que enfrentar “*un progreso emanado de la Revolución; es decir, los principios de un bienestar para el Pueblo*”, o que não teriam aceitado e, por isso, mataram Obregón. De acordo com o texto da seção “*Calendario Escolar*”:

los que todavía pensaban en la dictadura otorgadora de privilegios, creían que haciendo desaparecer a la figura militar más importante de la Revolución, se conjuraría el peligro y seguirían gozando de sus prerrogativas. Así la conspiración, tendió a dar muerte al General Obregón. (EMR, 15/07/1935, p. 18-19. Grifos nossos)

Chama muito a atenção nessa narrativa a visão de Álvaro Obregón como o principal líder militar revolucionário, o que é relacionado indiretamente no texto com a ideia de que ele foi “*el héroe de Celaya, vencedor de Pancho Villa.*” (EMR, 15/07/1935, p. 18) Analisaremos o discurso da revista sobre Villa no próximo tópico, mostrando como sua pequena presença é bastante reveladora do discurso oficial que EMR difundia sobre a Revolução Mexicana.

O texto seguinte relacionado à Revolução, presente na coluna “*Calendario Escolar*”, aparece na edição de 01/10/1935 e é intitulado “*Plan de San Luis Potosí.*” EMR reproduz na íntegra o texto original do Plano de Madero, ocupando três páginas completas da revista, e publica também uma fotografia dele com seus apoiadores (figura 13).

Figura 13
EMR, 01/10/1935, p. 14



O Plano de Madero, que é considerado parte do momento fundador do processo revolucionário, foi divulgado no dia 5 de outubro de 1910, conclamando a população para se levantar em armas contra o regime de Porfirio Díaz. O Plano, reproduzido na seção “*Calendario Escolar*”, denunciava a ausência de uma real divisão de poderes durante o porfiriato, com o predomínio do Executivo e a corrupção das instituições, principalmente da Justiça:

la división de los Poderes, la soberanía de los Estados, la libertad de los Ayuntamientos y los derechos del ciudadano, sólo existen escritos en nuestra Carta Magna. [...] La justicia, en vez de impartir su protección al débil, sólo sirve para legalizar los despojos que comete el fuerte; los jueces, en vez de ser los representantes de la Justicia, son agentes del Ejecutivo, cuyos intereses sirven fielmente. (MADERO [1910], EMR, 01/10/1935, p. 14)

A princípio, a proposta do Francisco Madero para transformar a realidade do México era resumida na ideia de “*sufragio efectivo y no reelección.*” Ele concorreu contra Porfirio Díaz nas eleições de 1910, porém, mais uma vez a fraude eleitoral vigorou e deu vitória ao antigo presidente. Então, Madero tomou uma posição mais drástica e convocou o país para a luta armada, por meio do *Plan de San Luis Potosí*:

Como es necesario que el nuevo gobierno dimanado del último fraude no pueda recibirse ya el poder, o por lo menos se encuentre con la mayor parte de la Nación protestando con las armas en la mano, contra esa usurpación, he designado el DOMINGO 20 del entrante noviembre, para que, de las seis de la tarde en adelante, en todas las poblaciones de la República se levanten en armas. (MADERO [1910], EMR, 01/10/1935, p. 15)

A reprodução na íntegra do Plano de Madero pela revista EMR, em 1935, ocorria no primeiro aniversário durante o cardenismo desse documento iniciador da Revolução. Acreditamos que retomar o *Plan de San Luis* naquele momento, 25 anos após o início do processo revolucionário, contribuía para reforçar a ideia de que, apesar de toda a violência envolvida nele, se tratou de uma luta justa, contra as arbitrariedades da ditadura porfirista.

No mês seguinte, na seção “*Calendario Escolar*” de novembro, o destaque foi dado para o *Plan de Ayala*, de Emiliano Zapata. Observamos que, ao contrário das edições anteriores da seção, nesta de novembro de 1935, não foi dado destaque para nenhum outro tema, somente o Plano de Zapata. O texto sobre o documento ocupa metade da página da revista; a outra metade é ocupada por uma imagem do líder camponês revolucionário com um olhar bastante incisivo (figura 14). Embora a revista não coloque identificação de autoria da imagem, se trata de um fragmento de um dos murais pintados pelo Diego Rivera nas paredes da SEP, na década de 20. O fragmento reproduzido na revista provavelmente se trata de uma fotografia do mural feita por Manuel Álvarez Bravo, que consta no Arquivo Histórico da UNAM.⁹

Figura 14
EMR, 15/11/1935, p. 18

⁹ A fotografia do fragmento do mural, com a identificação da autoria de Álvarez Bravo, pode ser acessada pelo link: <http://www.ahunam.unam.mx:8081/index.php/doc-0727>



Essa seção “*Calendario Escolar*” dedicada ao Plano de Ayala, aparece na mesma edição da revista de 15/11/1935, que já comentamos que tinha uma fotografia do Madero na capa e, na parte interna, um texto sobre a Revolução, já que novembro era o mês de aniversário do início do processo revolucionário. Mas chama a atenção que a referida seção, que normalmente destacava várias datas do mês em questão, foi totalmente dedicada ao documento do zapatismo, não destacando nem mesmo a data de 20 de novembro, do início da Revolução.

Outro ponto que chama a atenção em relação a essa edição da seção “*Calendario Escolar*” é que ela não reproduz o *Plan de Ayala* na íntegra, ao contrário do caso do *Plan de San Luis*, que, como mostramos foi reproduzido integralmente na mesma seção no mês anterior. No caso do documento do Madero, ele foi apresentado completo e sem nenhum texto introdutório por parte da revista. Já no caso do Plano de Ayala, do Zapata, os editores de EMR colocaram uma apresentação do documento, explicando que esse Plano era

el que inicia una lucha por el mejoramiento de los trabajadores del campo, quienes, en realidad, eran los que más habían sufrido y soportado las consecuencias de la dictadura porfirista [,] que despojó de las tierras al propietario rural para beneficiar a los grandes latifundistas. (EMR, 15/11/1935, p. 18)

Ainda segundo a narrativa da revista sobre o documento do zapatismo:

El Plan de Ayala es el que viene a ampliar y definir el capítulo del Plan de San Luis, referente a la repartición de las tierras que injustamente habían sido arrebatadas a los pequeños propietarios por los terratenientes, y que es indudablemente uno de los principios fundamentales de la Revolución. (EMR, 15/11/1935, p. 18)

Depois dessa apresentação, os editores de EMR explicam que serão reproduzidos do *Plan de Ayala* apenas os artigos 6º a 9º, “*que son los que tratan de la devolución de tierras, montes y aguas usurpados por los hacendados.*” (EMR, 15/11/1935, p. 18)

Fica bem nítida nessa narrativa a intenção de passar uma imagem conciliadora da Revolução, colocando o Plano de Ayala como uma espécie de continuação do Plano de San Luis. Os primeiros artigos do documento do zapatismo não foram reproduzidos em EMR porque era justamente a parte do texto que desconhecia a autoridade de Madero como o principal líder do movimento revolucionário e deixava claro que Zapata e seus seguidores lutariam por si mesmos a partir de então.

Percebemos que essa mesma visão conciliadora sobre o processo revolucionário, que buscava invisibilizar a ruptura entre Zapata e Madero, também aparece sutilmente na próxima edição de “*Calendario Escolar*” que destaca um tema ligado à Revolução. Foi na edição de 15/02/1936, que apresentou novamente apenas um evento de destaque para o mês: “*22 de Febrero de 1913. Muerte del presidente Francisco I. Madero.*”

O texto ocupa 3 páginas da revista e apresenta várias fotografias, com destaque para a primeira, que aparece no alto da primeira página do texto, que é uma foto bastante conhecida do período revolucionário e mostra Madero entrando em Cuernavaca, cidade de origem de Zapata. A imagem mostra Francisco Madero sendo aclamado pelos zapatistas, em junho de 1911 (figura 15).¹⁰

¹⁰ Essa está presente no livro *Revoluções*, de Michael Löwy (2009), como uma das imagens mais icônicas da Revolução Mexicana. Ela também faz parte do acervo do Wikimedia Commons, com o título de “*Madero en Cuernavaca.*”

Figura 15
EMR, 15/02/1936, p. 18



Ao destacar a fotografia de Madero sendo recebido com entusiasmo pelos zapatistas, logo após a sua eleição e antes da publicação do *Plan de Ayala* pelo Exército Libertador do Sul, encabeçado por Emiliano Zapata, essa abordagem da revista contribuía para reiterar a mesma narrativa de união entre os líderes revolucionários Zapata e Madero, que tinha aparecido na mesma seção “*Calendario Escolar*”, poucos meses antes, como mostramos. O artigo junto da foto destaca Madero como quem “*encabezó la Revolución que derrocó al señor Porfirio Díaz [...], [y] subió a la Presidencia de la República, por la voluntad de una inmensa mayoría de sufragantes, que pusieron en él sus esperanzas de reivindicación de los derechos cívicos y sociales del pueblo.*” (EMR, 15/02/1936, p. 12)

Nesse texto, Madero é identificado como “*el Apóstol de la Democracia*” e seu assassinato, junto com o vice-presidente José María Pino Suárez, é explicado com bastante detalhes, inclusive destacando o apoio do embaixador estadunidense Henry Lane Wilson à trama golpista. (EMR, 15/02/1936, p. 12) Dessa forma, além de uma visão conciliadora da Revolução, como mostramos, essa narrativa também permitia reforçar a

ideia de que a Revolução Mexicana teve um caráter anti-imperialista, ao destacar o envolvimento estadunidense no assassinato do “Apóstolo da Democracia.”

O último destaque que encontramos na seção “*Calendario Escolar*” sobre um tema ligado à Revolução ocorre na edição de 15/03/1936, que destaca: “*26 de marzo de 1913. Plan de Guadalupe.*” O texto ocupa 1 página e meia da revista e uma fotografia do Venustiano Carranza, autor do documento, é colocada no final do texto (figura 16).

Figura 16
EMR, 15/03/1936, p. 29



A revista reproduz praticamente na íntegra o Plano de Guadalupe, colocando todos os seus 7 pontos, só não entrando o parágrafo inicial, em que Carranza explica o contexto, que era o governo ditatorial de Victoriano Huerta, após o assassinato do presidente Madero. Então, os editores de EMR fizeram um texto próprio de apresentação do documento, no qual destacaram o contexto e a atuação de Carranza naquele momento: “*el Gobernador del Estado de Coahuila, señor don Venustiano Carranza, decidió*

desconocer al Gobierno ilegal y declaró que estaba en la forzosa obligación de empuñar las armas para sostener el orden constitucional.” (EMR, 15/03/1936, p. 28)

Depois de listar os pontos do *Plan de Guadalupe*, o texto dos editores da revista continua destacando que “*mucha sangre generosa se derramó durante un largo año que duró la lucha*” entre o grupo dos constitucionalistas, liderados por Carranza, e o ditador Huerta, até que “*por fin, a mediados de agosto de 1914, el usurpador huyó.*” Então, “*a fines de ese mismo mes hizo su entrada a la capital de la República el Primer Jefe del Ejército Constitucionalista, don Venustiano Carranza, quien, de acuerdo con las bases del Plan de Guadalupe, asumió el carácter de Encargado del Poder Ejecutivo.*” (EMR, 15/03/1936, p. 29)

A narrativa presente na seção “*Calendario Escolar*” legitima a atuação de Venustiano Carranza e a coloca até mesmo como heroica, ao afirmar que ele se viu “na forçosa obrigação de empunhar armas para sustentar a ordem constitucional.” Ela também legitima a tomada do poder por Carranza, após vencer o “usurpador” Huerta, sem mencionar, por exemplo, que os zapatistas seguiam em armas e não apoiaram os constitucionalistas. Nessa história oficial, difundida por meio da revista EMR, encontramos ainda duas questões importantes para entender a visão a respeito da Revolução Mexicana que o governo, por meio da SEP e sua publicação, buscou difundir: o lugar marginal ocupado por Pancho Villa e a visão de que, a partir de 1917, com a promulgação da Constituição, teria terminado a violência revolucionária:

Desgraciadamente surgieron dificultades entre él [Carranza] y el jefe de la División del Norte, general Francisco Villa, lo que hizo que la lucha se prolongara largamente durante tres años, pues hasta el de 1917 en que se promulgó la Constitución de Querétaro, se inició francamente el restablecimiento de la paz y del orden. (EMR, 15/03/1936, p. 29)

Essa menção ao Villa foi uma das poucas que encontramos na revista ao longo de todo o período estudado e iremos analisar a visão que é passada sobre ele no próximo tópico. Sobre o Carranza, o que observamos nessa narrativa da seção “*Calendario Escolar*” é que sua atuação é legitimada como sendo ele o grande líder revolucionário, que conseguiu vencer a ditadura de Huerta, que se opunha à Revolução, e depois conseguiu “o restabelecimento da paz e da ordem” no país, colocando fim à guerra civil e trazendo uma nova ordem, representada pela nova Constituição.

Esse foi o último destaque a um tema ligado à Revolução Mexicana que encontramos na seção “*Calendario Escolar*.” A última publicação dela ocorreu dois meses depois, na edição de 15/05/1936. Após essa edição, a revista deixou de publicar seções de tipo biográfico por bastante tempo e a própria revista EMR deixou de ser publicada de janeiro a junho de 1937. Somente em 1939 identificamos outra coluna do tipo, intitulada “*Biografías Críticas*.”

A primeira publicação dela que encontramos é na edição de junho de 1939, então, ela começou a ser editada dentro do período que EMR foi publicada pelo D.A.P.P., o que ocorreu de julho de 1937 a dezembro de 1939. Além disso, “*Biografías Críticas*” se diferencia das seções de tipo biográfico anteriores, “*Recortes de Figuras*” e “*Calendario Escolar*”, por não ser uma seção editorial, mas uma coluna assinada pelo historiador Agustín Cué Cánovas. Portanto, buscaremos identificar se a visão geral sobre a Revolução Mexicana e sobre os líderes revolucionários sofre alguma modificação nessa coluna, em comparação com a visão anterior que percebemos na seção “*Calendario Escolar*.”

Na coluna “*Biografías Críticas*”, Cué Cánovas publicou textos sobre importantes personagens da história do México, como: “*Zaragoza y la Lucha contra el Imperialismo*” (junho de 1939) e “*Obregón, Reformador Social*” (edição de julho/agosto de 1940). Mas ele também publicou outros textos biográficos na revista, inclusive sobre personagens da Revolução Mexicana, sem ser em uma seção específica: “*Emiliano Zapata*” (maio de 1938); “*Cuauhtémoc y la conquista*” (agosto de 1938); “*Madero y la Revolución Mexicana*” (na edição de novembro/dezembro de 1938); “*La obra de los Constituyentes*” (edição de março/abril de 1939).

Então, optamos por analisar aqui neste tópico todos os textos assinados pelo historiador Cué Cánovas que tratam da Revolução e seus líderes, mesmo os que não foram publicados em “*Biografías Críticas*” ou outra seção específica. Antes de começar a análise, é fundamental apresentar brevemente esse historiador, pois ele foi o autor com mais textos assinados sobre a Revolução Mexicana e seus líderes que identificamos em EMR.

A trajetória de Agustín Cué Cánovas (1913-1971) foi marcada pelo compromisso com a educação popular, a memória histórica e os ideais revolucionários. Encontramos algumas informações sobre esse personagem em um texto de homenagem póstuma dedicado a ele pelo também historiador Ernesto de la Torre Villar. Cué Cánovas é retratado como um educador exemplar, especialmente na Escola Normal Superior, onde

“formó escuela y a él son deudores miles de maestros normalistas.” Lecionou também na UNAM e, além da docência, atuou intensamente no jornalismo, escrevendo em diversos periódicos. Segundo Javier Arias e Josep Francesc Sanmartín Cava, (2013) o historiador contribuiu em jornais como *El Nacional*, *El Día*, *Política y Sucesos* e fundou e dirigiu, juntamente com Vicente Lombardo Toledano, *El Popular*.

Segundo De la Torre Villar, a obra histórica de Cué Cánovas visava construir uma consciência nacional, com interpretações que *“permitieran situarla en la coyuntura de un desarrollo universal más vasto y eficaz.”* Ele se dedicou ao estudo da Independência, da Reforma e da Revolução Mexicana, com destaque para figuras como Hidalgo, Juárez, Madero, Zapata e Cárdenas, reafirmando seu compromisso com os ideais revolucionários e com a formação de cidadãos críticos. (DE LA TORRE VILLAR, 1971, p. 537-539)

Portanto, além de um historiador importante, Cué Cánovas era um apoiador do cardenismo, o que ajuda a entender sua presença marcante em EMR. Em seus textos biográficos publicados na revista, podemos observar que Zapata segue sendo – como já era no discurso editorial – o grande ícone revolucionário.

Na edição de maio de 1938, aparece o primeiro texto assinado pelo historiador que identificamos em EMR e intitula-se justamente *“Emiliano Zapata.”* O texto ocupa 2 páginas completas da revista e conta com uma fotografia do líder camponês revolucionário em tamanho bem grande (figura 17).

Figura 17
EMR, maio de 1938, p. 14-15



Cué Cánovas apresenta Zapata como a expressão mais autêntica da “Revolução Agrária Mexicana” e o zapatismo como “*un momento culminante y transcendental*” da Revolução, pois emergia como uma resposta orgânica de uma classe historicamente explorada. O autor identifica Emiliano Zapata como símbolo de uma necessidade histórica de justiça agrária, nascido da miséria rural e dotado de um “*noble espíritu*”, capaz de entender com profundidade o problema estrutural da terra no México. (CUÉ CÁNOVAS, EMR, maio, 1938, p. 14)

Observamos que a narrativa de Cué Cánovas faz toda uma construção simbólica de Zapata e principalmente de sua morte. O líder camponês é apresentado como “*hijo predilecto de la tierra*”, cujo corpo é descrito como “*carne de explotación*”, expressão que o funde ao povo camponês, materializando a resistência popular. Seu assassinato é interpretado como um sacrifício fecundo: “*el milagro de hacer su sangre más fértil y su recuerdo más eterno.*” (CUÉ CÁNOVAS, EMR, maio, 1938, p. 14)

Além dessa construção simbólica de exaltação da figura de Emiliano Zapata, que era algo muito presente na revista, como já mostramos, notamos que o texto do historiador também apresenta a ideia de que o movimento liderado por Zapata teria representado apenas o começo de uma “grande Revolução”, que continuava ocorrendo durante o cardenismo e que deveria caminhar no sentido socialista:

En el periodo inicial de la Revolución Agraria del Sur que produce a Zapata [...], se habla sólo y se lucha sólo también, por el reparto de la tercera parte de los latifundios y la entrega de la tierra a todos los campesinos que la cultivaran con sus manos, pretensión acorde con un anhelo en gestación, superada ya ahora por el impulso ascensional y creciente de una Revolución que promete convertirse – y pronto – en una gran Revolución, que se transforma – y no puede hacer otra cosa – dialécticamente, en un movimiento de verdadero carácter proletarista, que encontrará, en su más genuina y completa expresión histórica, en la socialización de la tierra y en general de todos los instrumentos del trabajo productivo social. (CUÉ CÁNOVAS, EMR, maio, 1938, p. 14)

Como se pode observar pela citação, a interpretação de Cué Cánovas sobre a Revolução Mexicana é que ela ainda continuava durante o cardenismo e que iria se tornar uma revolução socialista. Apesar de ele exaltar a figura de Zapata, ele entendia que a luta camponesa se tratou de “um anelo em gestação”, que foi superado pelo “impulso ascendente” para se tornar uma “grande Revolução”, ou seja, “um movimento de verdadeiro caráter proletário.”

Essa interpretação da Revolução de 1910 como um movimento que continuava e caminhava rumo ao socialismo pode ser atribuída ao fato de o autor ser identificado à esquerda e, por isso, defender uma revolução proletária. Mas além disso, como mostrou Natally V. Dias (2015), desde o início da década de 30, ainda antes do cardenismo, o discurso oficial mexicano, que era inclusive propagado internacionalmente, era de que a Revolução continuava em marcha e o Estado dito revolucionário desenvolvia “*una política social económica de preparación socialista*”, que foi o título de um livro assinado pelo secretário de Relações Exteriores José Manuel Puig Casauranc, publicado em 1933 e enviado para as embaixadas mexicanas em outros países, inclusive o Brasil. (DIAS, 2015 p. 250-251) No período do cardenismo, esse discurso se fortaleceu ainda mais, principalmente com a reforma que instaurou a educação socialista como política oficial da SEP.

O texto seguinte assinado pelo historiador Agustín Cué Cánovas que trata de um personagem da Revolução Mexicana está na edição de março/abril de 1939. O texto se intitula “*La obra de los Constituyentes*”, mas antes de iniciar o próprio texto, a figura que aparece em destaque é Venustiano Carranza, contando com uma foto dele ocupando quase uma página completa e trazendo junto uma apresentação dele, destacando que “*su figura es de gran relieve en la historia de la Revolución.*” (CUÉ CÁNOVAS, EMR, mar/abr, 1939, p. 2)

A fotografia (figura 18) que aparece junto ao texto mostra Carranza em um ambiente formal, vestindo traje elegante, em uma pose séria, passando a imagem de um estadista. O fundo ricamente decorado e o enquadramento destacado contribuem para valorizar sua imagem como um grande líder.

Figura 18
EMR, março/abril de 1939, p. 2-3



Mas no artigo “La obra de los Constituyentes”, situado ao lado da fotografia, Venustiano Carranza não é a figura central. O texto discute os trabalhos da Assembleia Constituinte e a Carta Constitucional de 1917 como a realização mais concreta e duradoura dos ideais da Revolução Mexicana. A menção ao Carranza é feita apenas como parte do contexto histórico, não como o personagem principal da narrativa e o texto faz inclusive uma crítica a ele.

Na visão de Cué Cánovas, o projeto constitucional inicial apresentado por Carranza “no traía reformas sociales, estaba caracterizado por un estrecho espíritu legalista y demostraba el poco deseo que se tenía de cumplir con los compromisos contraídos por la Revolución.” Porém, os deputados demonstraram independência desde

as primeiras sessões e impediram que o projeto original fosse aprovado sem discussão. Foi essa intervenção abriu espaço para a incorporação de reformas sociais mais profundas na nova Carta Magna. (CUÉ CÁNOVAS, EMR, mar/abr, 1939, p. 3)

Segundo o historiador, *“al ordenar el fraccionamiento de los latifundios y autorizar las expropiaciones por causa de utilidad pública, los constituyentes dieron a la Constitución un franco carácter colectivista, que ninguna otra constitución había alcanzado entonces en todo el mundo.”* Em sua conclusão, ele apresenta a Constituição de 1917 como uma síntese entre os valores liberais do século XIX e as novas demandas de justiça social do século XX, um produto da luta revolucionária: *“una Constitución amasada con sangre y con dolor.”* (CUÉ CÁNOVAS, EMR, mar/abr, 1939, p. 4)

Notamos que essa interpretação bem crítica do historiador Cué Cánovas em relação ao papel do Carranza durante o processo revolucionário é muito diferente da visão que os textos editoriais da revista EMR passavam sobre ele. Como mostramos anteriormente, Carranza foi um dos líderes revolucionários destacados na revista, sendo citado o seu *Plan de Guadalupe* e sua liderança no movimento revolucionário após o assassinato do Madero e a promulgação da Constituição de 1917 durante seu governo. Das edições de EMR analisadas, em nenhum outro texto além desse do Cué Cánovas encontramos uma visão negativa sobre ele.

Acreditamos que a crítica do historiador em relação ao Carranza também se relaciona com a sua perspectiva ideológica de esquerda. Ele destaca que as reformas sociais incorporadas na Constituição 1917 foram conquistadas com “sangue e dor” da luta popular, e não pela ação do Carranza ou qualquer outro líder revolucionário. Dessa forma, podemos supor que a página ao lado do texto *“La obra de los Constituyentes”*, do Cué Cánovas, que contém uma foto do Carranza e um pequeno texto de elogio a ele, foi inserida pelos editores da revista, não fazendo parte do discurso do historiador.

Como já comentamos, a fotografia passa uma imagem do Carranza como um estadista e podemos ver que o pequeno texto junto dela também passa essa imagem. O texto afirma que, após a morte de Madero, Venustiano Carranza assumiu o comando do exército constitucionalista e, depois, *“fue elevado a la presidencia de la república, desde donde procuró el encauzamiento del país. Su figura es de gran relieve en la historia de la Revolución.”* (EMR, mar/abr, 1939, p. 2)

A última edição em que encontramos um personagem da Revolução Mexicana em um artigo assinado por Cué Cánovas é a de julho/agosto de 1940, na qual aparece o artigo *“Obregón, reformador social.”* Nesse texto, o historiador constrói uma imagem de

Álvaro Obregón como um líder revolucionário multifacetado, destacando suas vitórias militares, sua atuação como reformador social e sua contribuição educacional, no período como presidente da República. A narrativa começa destacando Obregón como um herói militar, primeiro na vitória sobre o exército do ditador Huerta e, depois, quando mesmo ferido, obteve uma vitória decisiva em Celaya, ao abater as tropas villistas. (CUÉ CÁNOVAS, EMR, jul/ago, 1940, p. 7)

A faceta de Obregón como “reformador” é destacada dando ênfase ao *Manifiesto de Nogales* de 1919, em que ele propôs a participação dos operários na luta revolucionária: “*Obregón había sido el primero en pensar en la necesidad de que los obreros participaran en ella y fue entonces cuando se organizaron los batallones rojos.*” (CUÉ CÁNOVAS, EMR, jul/ago, 1940, p. 7)

Nessa passagem, fica bastante nítido o viés ideológico da interpretação do historiador a respeito da Revolução Mexicana, quando ele elogia a formação dos “batalhões vermelhos.” Esse foi um exército composto por operários, criado por meio de uma aliança entre a central sindical “*Casa del Obrero Mundial*” com o grupo dos constitucionalistas, visando derrotar os camponeses. Estes, que eram a principal força popular do movimento revolucionário, passaram a ser atacados pelo discurso anticlerical dos operários e dos constitucionalistas, principalmente Obregón, devido a postura religiosa de muitos deles. (CARR, 1981, p. 64)

Cué Cánovas conclui o texto refletindo sobre o assassinato de Obregón em 1928, tratando-o como um reflexo da resistência conservadora às reformas. A imagem construída por ele é a de Álvaro Obregón como um revolucionário completo, que não se limitava apenas a um líder militar durante o movimento revolucionário, mas que também esteve envolvido na efetivação das profundas transformações sociais que o México necessitava, após o período da guerra civil, quando ocupou a presidência.

De uma forma geral, podemos perceber que a produção de Agustín Cué Cánovas na revista nos últimos anos do cardenismo tanto se aproxima quanto se distancia da versão oficial da Revolução Mexicana que vinha sendo difundida pela revista. Como mostramos anteriormente, nas narrativas produzidas pelos editores de EMR encontramos uma visão conciliadora do movimento revolucionário, praticamente silenciando as divergências entre os diferentes grupos, em nome de uma visão unificadora da Revolução. A grande exceção em relação a essa visão conciliadora ocorre em relação à figura do Pancho Villa, que abordaremos no próximo tópico.

No caso das “*Biografías Críticas*”, não só na seção temática, mas em todos os textos assinados por Cué Cánovas, entendemos que elas passam realmente uma visão mais crítica, que permite questionar até mesmo um personagem como Carranza, líder do grupo dos constitucionalistas, que foi o que alcançou o poder a partir do movimento revolucionário. Mas, ao mesmo tempo, podemos perceber que a maior parte do discurso oficial sobre os líderes revolucionários se mantém nos textos do historiador, com destaque para a visão de Obregón como herói revolucionário e de Villa como inimigo da Revolução.

2.4. A relativa ausência de Pancho Villa

Pancho Villa raramente foi mencionado em EMR. Nas edições que possuímos da revista, ele não apareceu em nenhuma capa, nem foi contemplado em homenagens ou inserido em seções de tipo biográfico. Ao que tudo indica, sua figura não teve papel de destaque na versão oficial da Revolução promovida pela revista. É importante considerar, contudo, que não possuímos todas as edições da publicação, sobretudo do período inicial. Ainda assim, nas edições que temos acesso, o que percebemos é que a figura de Villa somente aparece no discurso de EMR de forma tangencial, em geral em textos que tem outros revolucionários como foco e, geralmente, de uma forma negativa.

Esse dado chama ainda mais atenção quando o comparamos com toda a ênfase dada à figura de Zapata, a visão completamente positiva desse líder camponês na revista e até mesmo uma certa idealização dele. No caso de Villa, que foi a outra grande liderança popular oriunda do campo na Revolução Mexicana, não ocorre nada parecido.

Consideramos que isso pode ser explicado pela complexa relação de Villa com o grupo dos constitucionalistas, liderado por Carranza, que ascendeu ao poder a partir de meados da década de 1910 e se tornou o grupo hegemônico desde então. Entender o lugar de Pancho Villa na construção da memória oficial da Revolução Mexicana nas páginas de EMR exige considerar que o processo de declínio político, militar e simbólico desse líder popular, a partir de 1915, teve relação direta com a vitória dos constitucionalistas sobre a sua Divisão do Norte nas batalhas do Bajío, especialmente em Celaya.

A partir de então, Villa viu seu movimento iniciar um rápido processo de desagregação. Como destaca Alan Knight (2012), já naquele momento “*el carro villista se había detenido*” e o prestígio do líder revolucionário começou a se esvaír: “*el prestigio de Villa se desvanecía.*” (KNIGHT, 2012, p. 1018) Em meio à crise militar, o villismo

enfrentou também graves dificuldades econômicas e sociais. A desvalorização da moeda emitida por Villa e a falta de recursos obrigaram o caudilho a recorrer a práticas cada vez mais arbitrárias. Expropriações forçadas, saques e medidas de caráter populista passaram a marcar a administração das zonas controladas pelos villistas.

Em um desses episódios, a expropriação de uma empresa, em Gómez, foi justificada por Villa com o argumento de que pertencia a “*mexicanos del partido científico reaccionario, enemigo de la causa democrática.*” Em outra ocasião, os comerciantes de Chihuahua, que segundo Villa haviam explorado o povo “*de manera escandalosa*”, também foram alvos de punições. No entanto, como observa Knight, mesmo essas ações de tom social não se sustentaram por muito tempo e “*fuleron superadas por los abusos*”, atingindo tanto ricos quanto pobres e ampliando o desgaste popular contra o villismo. (KNIGHT, 2012, p. 1019)

Como mostra Norma Sánchez Acosta (2023), após a derrota de Villa pelos constitucionalistas, em 1915, e principalmente após o líder popular invadir a cidade estadunidense de Columbus, em 1916, houve uma campanha ativa de deslegitimação da sua imagem como revolucionário, tanto por parte dos constitucionalistas quanto do governo dos EUA. Pancho Villa passou a ser ainda mais associado ao banditismo e à violência desmedida, sendo retratado como um inimigo da ordem e da modernização estatal.

A associação de Villa ao banditismo já existia desde o começo da Revolução, devido a sua origem, que era muito diferente de Zapata. Enquanto o líder camponês sulista encarnava a luta dos *pueblos* ancestrais cujas terras comunais estavam sendo atacadas pela expansão dos latifúndios, as *haciendas*; no caso de Villa, que era da região do norte do país, a realidade camponesa era a falta de acesso à terra e a superexploração do trabalho como *peones* nos latifúndios. (TUTINO, 1990)

Essa era a origem de Pancho Villa, cujo nome verdadeiro era Doroteo Arango. Ele provinha de uma família que trabalhava em uma *hacienda*, em Durango. Antes do início da Revolução, Villa teria matado o *hacendado*, que havia violado sua irmã, e, então, se tornou um fugitivo da polícia rural do porfiriato. Segundo o jornalista socialista John Reed, que entrevistou Pancho Villa durante o período da guerra civil e escreveu um dos primeiros relatos sobre ele, Villa era um conhecido bandido social que atuava nos estados de Durango e Chihuahua, roubando gado das grandes fazendas e entregando aos pobres, uma espécie de *Robin Hood* mexicano. (REED, 2005 [1914])

Durante a Revolução, a Divisão do Norte, comandada por Pancho Villa foi a principal força militar de origem popular, conseguindo confrontar o Exército Constitucionalista. Por isso, para vencer o villismo, os constitucionalistas precisaram recorrer aos Batalhões Vermelhos, que já comentamos antes. Além do poderio militar, como coloca Sánchez Acosta (2023), *“precisamente por tratarse de una figura de amplio impacto popular, fue prioritario que el grupo vencedor difundiera una imagen negativa de él [Villa].”* (SÁNCHEZ ACOSTA, 2023, p. 175)

Isso fez com que Villa não fosse incorporado ao discurso oficial como parte ativa da Revolução Mexicana. Essa exclusão já se delineava durante os governos de Carranza e Obregón, ambos diretamente ligados ao constitucionalismo – grupo que venceu militarmente o villismo – e se manteve nos anos seguintes. Por exemplo, durante o governo de Plutarco Elías Calles, quando foi criado o PNR, em 1929, visando unir a “família revolucionária”, não houve uma reavaliação do discurso oficial sobre a Revolução Mexicana. Como explica Sánchez Acosta (2023), a exclusão de Villa foi parte de um esforço para unificar o país sob um projeto institucional, rejeitando a imagem de caudilhos que representassem a desordem ou o regionalismo: *“1929 fue el año de plantear la integración de un discurso unificador sobre la revolución, sin embargo ni Villa ni el villismo tenían cabida en este proyecto.”* (SÁNCHEZ ACOSTA, 2023, p. 176)

Ainda segundo Sánchez Acosta, durante o cardenismo é possível observar uma certa transformação desse discurso oficial. A figura de Emiliano Zapata, por exemplo, passou a ser mais destacada e ressignificada como mártir da reforma agrária e símbolo do campesinato, alinhando-se ao projeto do governo Cárdenas. Quanto à percepção sobre Pancho Villa, ela passou por uma modificação significativa, ainda que sua incorporação ao discurso oficial tenha ocorrido de forma lenta e seletiva.

Segundo a autora, quando Cárdenas assume a presidência colocando como prioridade a reforma agrária, *“una de sus prioridades fue llevar a cabo el reparto agrario en los estados del norte, por lo que una aproximación a la figura de Pancho Villa facilitaría este proceso.”* Nesse contexto, começaram a emergir as primeiras defesas públicas da figura de Villa e de seu movimento, impulsionadas principalmente por veteranos villistas que passaram a reivindicar sua participação revolucionária com orgulho. No entanto, essa revalorização gerou disputas com antigos carrancistas e obregonistas, que mantinham uma visão muito negativa do Villa, considerando-o um *“personaje siniestro.”* (SÁNCHEZ ACOSTA, 2023, p. 177)

Com base no que é colocado pela autora, podemos dizer que na revista EMR a versão dos constitucionalistas foi a que prevaleceu, pois não encontramos nenhuma homenagem ao Pancho Villa, mesmo durante o cardenismo. Inclusive, desse último período da publicação possuímos praticamente todas as edições e as poucas menções a ele que encontramos aparecem sempre em textos cujo foco eram outros personagens.

A primeira referência ao Villa que identificamos ocorre na edição de 15/07/1935, na seção “*Calendario Escolar*”, na parte de homenagem a Álvaro Obregón em seu aniversário de morte. Obregón é apresentado no texto como “*el héroe de Celaya, vencedor de Pancho Villa y el triunfante de la revuelta reaccionaria liderada por el movimiento dela huertista.*” (EMR, 15/07/1935, p. 18) Nessa frase, apesar de Villa não ser explicitamente colocado como reacionário, ele é listado como um dos que Obregón venceu, juntamente com um movimento identificado como tal, o que indiretamente leva a identificar que o villismo não era parte da Revolução.

Outra menção ao Villa e seu exército em que aparece de forma bem explícita sua imagem como contrário ao movimento revolucionário ocorre na edição de julho/agosto de 1940, também em um texto de homenagem ao Obregón, dessa vez na seção “*Biografías Críticas*”, assinada por Agustín Cué Cánovas. A narrativa do historiador destaca a perda do braço de Obregón, justamente na batalha de Celaya, lutando “*contra las huestes de Francisco Villa*”, quando “*el villismo se declara en abierta actitud de rebeldía contra las instituciones.*” (CUÉ CÁNOVAS, EMR, jul./ago. 1940, p. 7)

Nesse texto, como se pode ver na citação, Villa aparece identificado como um rebelde, que lutava contra as instituições, que eram representadas nessa narrativa pelo poder dos constitucionalistas. Algo que chama bastante a atenção nesse texto é que o exército villista é chamado pejorativamente de “hostes.”

Além desses dois casos citados de visões mais claramente negativas sobre o Villa como um rebelde ou antirrevolucionário, também encontramos mais duas menções a ele que colocam o villismo como parte do movimento revolucionário, ainda que não como sua parte principal, que sempre é identificada ao constitucionalismo.

A primeira dessas menções menos negativas ocorre no texto intitulado “*La revolución, segundo movimiento de independencia*”, publicado na edição de 15/11/1935, no aniversário do início da luta revolucionária. Nessa narrativa, o assassinato de Madero teria unido todas as forças revolucionárias:

como un solo hombre el pueblo se levantó contra el asesino: Carranza, Zapata, Villa, y otros animaron el fuego de la causa y después de cruentas luchas, pudo instalarse en el poder el Gobierno Constitucionalista. (EMR, 15/11/1935, p, 4)

Nessa passagem, podemos perceber claramente a intenção de passar uma imagem unificada da Revolução, colocando Villa e até mesmo Zapata, como parte de um movimento em que todos lutaram juntos “como um só homem.” Essa é mais uma mostra da visão conciliadora da Revolução Mexicana que foi predominante no discurso de EMR, como já comentamos. Nesse caso, a narrativa exclui o fato de que Zapata em nenhum momento apoiou Carranza ou o constitucionalismo e oculta a ruptura do villismo em relação ao constitucionalismo.

Notamos essa mesma narrativa conciliadora em relação ao Villa como parte do constitucionalismo na edição de 15/03/1936, na seção “*Calendario Escolar*” que destaca o “*Plan de Guadalupe.*” O texto destaca que, após a vitória dos revolucionários sobre o ditador Huerta, “*desgraciadamente surgieron dificultades entre él [Carranza] y el Jefe de la División del Norte, el General Francisco Villa, lo que hizo que la lucha se prolongara largamente.*” (EMR, 15/03/1936, p. 29)

Essa foi a única das poucas menções a Villa que encontramos em que ele é apresentado como parte da Revolução, como um “general” revolucionário e inclusive o nome do seu exército é colocado. Mesmo assim, como aparece na parte citada, a figura central é o Carranza. Essa é uma constante nas narrativas sobre o movimento revolucionário presentes em EMR, Carranza, Obregón e o grupo dos constitucionalistas como um todo são sempre o centro da narrativa. A única exceção é a figura de Zapata, que é muito homenageado na revista, como já mostramos. Mas ele é muito mais associado a imagem de um mártir da Revolução – assim como Madero –, enquanto Carranza e Obregón são colocados como os principais personagens de liderança política, militar e institucional.

Essa tendência do discurso de EMR sobre a Revolução pode ser explicada pelo mesmo motivo que o historiador alemão Friedrich Katz (1989) identifica ao analisar o lugar marginal de Pancho Villa no panteão revolucionário: a história oficial é geralmente escrita pelos vencedores e Villa foi derrotado na guerra civil, exatamente pelos constitucionalistas, que foram o grupo que ascendeu e se perpetuou no poder. Portanto, foi a partir deles que se escreveu a história oficial.

Katz (1989) salienta que Villa foi uma figura difícil de definir, pois não se encaixava em categorias mais tradicionais. Enquanto Zapata foi facilmente transformado em símbolo do campesinato e da reforma agrária, Villa apresentava muitas contradições: proveniente das classes baixas, mas sem ligação direta com o campesinato; líder de um exército disciplinado, apesar de sua origem como “bandido social”; defensor de uma reforma agrária radical, mas sem ter implementado uma distribuição significativa de terras. Para o autor, essas ambiguidades tornavam Villa uma figura desconfortável para ser incorporada de forma clara em um discurso oficial que buscava exaltar símbolos revolucionários coesos e sem contradições.

2.5. A representação dos líderes revolucionários e a construção de uma memória coletiva sobre a Revolução Mexicana

Como explica Márcia Maria Menéndez Motta (2014), a memória coletiva é construída por meio de um processo seletivo, em que lembrar e esquecer são ações complementares e politicamente orientadas. Como afirma a autora: “é preciso estar atento ao fato de que sua construção implica não somente lembrar, como também esquecer. Estamos falando daquilo que se convencionou chamar de amnésia social.” (MOTTA, 2014, p. 185)

A memória não apenas define quais acontecimentos e personagens merecem ser rememorados, mas também estabelece silêncios intencionais, apagando ou relegando ao esquecimento aquilo que não se alinha ao projeto de identidade coletiva que se deseja construir. No caso aqui estudado, observamos claramente no discurso da revista EMR sobre a Revolução Mexicana a escolha de destacar figuras como Zapata, Madero, Obregón e Carranza, enquanto Villa permaneceu à margem ou foi associado a imagens negativas. Entendemos que se tratou de uma escolha consciente, que exemplifica claramente um processo de exclusão.

Ainda seguindo as proposições de Motta (2014), entendemos que “o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado, que – por uma razão ou outra – determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados. Ao fazer escolhas, o grupo também esquece e faz esquecer outros acontecimentos.” (MOTTA, 2014, p. 185) Nesse processo, lembrar e esquecer são ações interligadas, e a decisão de silenciar certos personagens históricos está diretamente relacionada aos projetos de identidade defendidos pelo grupo dominante.

No caso mexicano que estudamos, pensamos que a ausência de Villa nas seções de homenagens e biografias da revista EMR reflete o que Motta chama de “projetos de esquecimentos”, motivados por interesses políticos de preservação da unidade e da coesão social sob um discurso oficial. Como enfatiza a autora, “existem projetos de esquecimentos, coisas e fatos que não devem ser lembrados, sob pena de ser ameaçada a unidade do grupo, questionada sua identidade.” (MOTTA, 2014, p. 186)

Villa, por seu passado conflituoso com os constitucionalistas e sua imagem de caudilho insubordinado, representava justamente esse tipo de ameaça simbólica à memória oficial da Revolução, instituída pelo Estado que se julgava seu herdeiro e que tinha a autoridade para definir quem fazia ou não parte do panteão revolucionário. Entendemos que a “produção do esquecimento” de Villa não foi apenas um ato de omissão, mas uma construção ativa, fruto de um confronto entre memórias em disputa.

A própria estrutura da memória coletiva envolve a seleção de personagens que sirvam de referência para a construção de uma identidade social. Ao analisar os mecanismos de manipulação da memória coletiva, Michael Pollak (1989) destaca que “as verdadeiras batalhas da memória [...] assum[e]m uma amplitude particular em contextos de redefinição política e ideológica.” Esse tipo de reconfiguração da memória, segundo o autor, exprime-se inclusive na “destruição progressiva dos signos e símbolos que lembram” os personagens que já não servem ao novo projeto político. (POLLAK, 1989, p. 2)

Sem dúvida, a construção do novo Estado mexicano pós-revolucionário foi um contexto desse tipo, no qual os grupos vencedores trabalharam para consolidar uma memória coletiva e uma narrativa histórica que legitimasse o constitucionalismo e seus líderes, ao mesmo tempo em que apagavam figuras incômodas, como a de Pancho Villa.

Em nossa visão, a exclusão de Villa da galeria de heróis revolucionários, que observamos no discurso de EMR, exemplifica o que Jacques Le Goff (1990) coloca sobre a “manipulação da memória coletiva” envolvida nos processos de dominação. Como afirma o autor: “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, grupos e indivíduos que dominaram e dominam as sociedades.” (LE GOFF, 1990, p. 426) Entendemos que controlar a narrativa e a memória histórica é um mecanismo crucial para que os grupos dominantes se mantenham no poder. Quando pensamos no caso do México pós-revolucionário, isso se torna ainda mais importante, por se tratar de um Estado que procurava se legitimar como herdeiro da Revolução Mexicana.

Controlar o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido foi uma estratégia central para a consolidação da nova identidade nacional promovida pelo Estado pós-revolucionário e pensamos que a revista EMR cumpriu um importante papel nesse processo. Além do seu discurso sobre os líderes revolucionários, como uma revista oficial, EMR também publicou discursos de secretários de Educação Pública e do presidente da República – particularmente Lázaro Cárdenas –, que entendemos que também foram importantes no processo de definição de uma memória coletiva e uma narrativa histórica oficial sobre a Revolução Mexicana que permitissem a legitimação do Estado pós-revolucionário. Analisamos esses discursos no próximo capítulo.

Capítulo 3

A Revolução Mexicana nos discursos oficiais dos secretários de Educação Pública e do presidente Lázaro Cárdenas publicados na revista *El Maestro Rural*

Neste capítulo, analisamos como a Revolução Mexicana aparece nos discursos oficiais dos secretários de Educação Pública e do presidente Lázaro Cárdenas (1934-1940) reproduzidos na revista. Ao ler as fontes, observamos que, nas edições que possuímos de EMR dos primeiros anos da publicação, durante a presidência de Abelardo L. Rodríguez (1932-1934), não houve menções à Revolução, nem nos pronunciamentos do presidente nem nos do secretário Narciso Bassols. Essa situação mudou significativamente durante o cardenismo, como mostraremos.

Uma única exceção em relação ao período anterior ao governo de Lázaro Cárdenas que incluímos na análise é a reprodução de um discurso de Plutarco Elías Calles na edição de 01/08/1934, publicado na “*Sección Editorial*”, com o título “*La Revolución se apodera de la juventud por medio de la escuela – Comienza la batalla por el porvenir.*” Nessa data, Cárdenas já tinha sido eleito, mas ainda não havia tomado posse. Analisamos esse discurso de Calles pelo peso político desse personagem na política mexicana do período. Os anos de 1928 a 1934 são identificados pela historiografia como “*maximato*”, período após sua presidência (1924-1928), no qual Calles continuou sendo o principal articulador da política mexicana, sendo chamado de “*chefe máximo*” da Revolução, até a consolidação do governo de Cárdenas. (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 169-170; POZAS, 1983)

A grande maioria dos discursos presidenciais ou de secretários de Educação que mencionam a Revolução Mexicana foi publicada na revista durante o período cardenista. Entre 1934 e 1940, tanto o presidente Lázaro Cárdenas quanto os dois secretários de Educação Pública de seu governo — Ignacio García Téllez (1934-1935) e Gonzalo Vázquez Vela (1935-1940) — tiveram diversos pronunciamentos sobre a Revolução reproduzidos na revista.

A partir de uma análise quantitativa desses discursos em todas as edições da revista EMR que possuímos durante todo o período de sua publicação (1932-1940), identificamos um total de total 19 discursos de presidentes e secretários de Educação que fazem menção à Revolução Mexicana. Desses, encontramos apenas 1 no período anterior ao cardenismo, que é o discurso do Calles, ou seja, da principal figura política do México na época. Dos 18 restantes, todos são do período de governo do Cárdenas, sendo 8 do

próprio presidente e 10 dos secretários de Educação Pública (2 do Ignacio García Téllez e 8 do Gonzalo Vázquez Vela).

Antes de adentrarmos no período cardenista, no qual foi publicada a maior parte dos discursos, começaremos analisando o de Plutarco Elías Calles, reproduzido na edição de EMR de 01/08/1934. Os editores da revista introduzem o texto com a seguinte apresentação, antes de apresentar alguns trechos das palavras do próprio Calles:

El día 18 del presente mes de julio, ante más de diez mil ciudadanos, el señor General Plutarco Elías Calles pronunció en la ciudad de Guadalajara un discurso de la mayor importancia nacional. Después de referirse a la situación actual del país, y hacer los mejores augurios para el Gobierno que próximamente inaugurará el General Cárdenas, el General Calles, con su indiscutible autoridad de veterano revolucionario, que ha luchado por hacer una realidad los dos máximos postulados de la Revolución: el Ejido y la Escuela Rural. (CALLES, EMR, 01/08/1934, p. 3)

Nessa apresentação, percebemos duas coisas importantes. Uma é a busca por legitimar politicamente a figura de Calles, num momento em que Cárdenas já tinha sido eleito, por sua “indiscutível autoridade de veterano revolucionário.” A outra é a visão que os editores de EMR passam sobre a Revolução, colocando como seus principais objetivos os *ejidos* e a escola rural, ou seja, a reforma agrária e a educação popular. Mas o que mais chama a atenção em relação à visão sobre a Revolução é a primeira frase reproduzida do discurso do Calles, que diz: “*Pero la Revolución no ha terminado.*” (CALLES, EMR, 01/08/1934, p. 3)

No trecho do discurso que a revista publicou, Calles fez a seguinte interpretação sobre o processo revolucionário, que, para ele, ainda estava em curso:

Es necesario que entremos al nuevo periodo de la Revolución, al que yo llamaría el período de la revolución psicológica o de conquista espiritual; debemos entrar en ese período y apoderarnos de las conciencias de la niñez y de la juventud, porque la juventud y la niñez son y deben pertenecer a la Revolución. (CALLES, EMR, 01/08/1934, p. 3)

Na sequência da parte do discurso reproduzida por EMR, Calles critica a ideia de que as crianças e os jovens pertencem ao lar e à família, o que, segundo ele, era defendido por “reacionários e clericais.” Na sua visão,

esta es una doctrina egoísta, porque el niño y el joven pertenecen a la comunidad, pertenecen a la colectividad, y es la Revolución la que tiene el deber imprescindible de atacar ese sector y apoderarse de las conciencias, de destruir todos los prejuicios y de formar una nueva alma nacional. (CALLES, EMR, 01/08/1934, p. 3)

O trecho do discurso de Calles citado pela revista termina chamando “*a todos los elementos revolucionarios, para que demos esta batalla definitiva y vayamos al terreno que sea necesario ir, porque la niñez y la juventud deben pertenecer a la Revolución.*” (CALLES, EMR, 01/08/1934, p. 3)

Em nenhuma das partes do discurso que foram publicadas na revista aparece diretamente o termo educação socialista, mas provavelmente essa era a “batalla definitiva” a qual Calles estava se referindo, pois no momento que ele fez esse discurso, o Cárdenas já tinha sido eleito e seu plano de governo, o *Plan Sexenal* definido pelo PNR, apresentava a proposta da educação socialista.

Na interpretação da Revolução Mexicana colocada no discurso do Calles publicado pela revista, a Revolução somente estaria terminada quando se apoderasse das consciências das crianças e jovens através da escola, quando o Estado revolucionário assumisse o controle ideológico da educação, afastando a influência da Igreja e das famílias tradicionalistas na formação das novas gerações.

Dessa forma, Calles colocava a educação como um espaço estratégico de disputa política e cultural, fundamental para consolidar os valores revolucionários. Podemos perceber que essa perspectiva foi seguida e aprofundada nos pronunciamentos oficiais dos secretários de Educação Pública e do próprio presidente Lázaro Cárdenas durante o seu governo, como mostramos a seguir.

3.1. Os discursos dos secretários de Educação Pública durante o cardenismo

Das edições que possuímos de EMR, a primeira que contém um discurso de um secretário de Educação ocorre em 01/01/1935, no texto intitulado “*Las tendencias y fines de la reforma educacional.*” Trata-se da reprodução de um pronunciamento feito pelo secretário Ignacio García Téllez em 20/12/1934, menos de um mês após a posse do presidente Cárdenas e cerca de uma semana depois da aprovação da reforma do Artigo 3º da Constituição de 1917, que implantou a educação socialista. (MÉXICO, 1934)

Como já explicamos no capítulo 1, a educação socialista mexicana não tinha relação com o socialismo soviético, mas era entendida como um desdobramento da própria Revolução Mexicana e o principal objetivo apresentado no texto da reforma educacional era excluir do ambiente escolar qualquer tipo de doutrina religiosa e combater o “fanatismo.” A reforma gerou muitas resistências e muita discussão, principalmente por causa do termo “socialismo.” Não entraremos no debate sobre a reforma e sobre a educação socialista em si, mas apenas analisaremos a relação que foi estabelecida no discurso oficial entre esse projeto educacional e a Revolução Mexicana.

O discurso do primeiro secretário de Educação Pública nomeado por Cárdenas, que foi reproduzido em EMR, apresenta as primeiras declarações oficiais sobre os propósitos e os alcances da educação socialista. Pelo subtítulo dado à fala do secretário na reprodução feita pela revista, os objetivos da educação socialista seriam: *“liquidación del analfabetismo, equitativa distribución económica, redención material y espiritual de las clases asalariadas dentro de un orden de efectiva justicia social.”* (EMR, 01/01/1935, p. 3)

Os editores de EMR colocam uma pequena introdução explicativa sobre o discurso, afirmando que já tinham dado a conhecer na revista o texto da reforma e, agora, com a reprodução da fala do secretário, *“las maestras y maestros rurales encontrarán en estas declaraciones una primera explicación y ampliación oficial del texto de la ley.”* (EMR, 01/01/1935, p. 3) Ou seja, a fala do secretário teria o objetivo de esclarecer o novo projeto educativo oficial.

As primeiras palavras do secretário no discurso publicado na revista deixam bastante clara a relação que foi estabelecida no discurso oficial entre a reforma da educação socialista e a Revolução Mexicana:

*Deseoso de interpretar fielmente el criterio sustentado por el C. Presidente de la República en múltiples circunstancias, y para aclarar conceptos sobre las tendencias de la **Reforma Educacional**, que implica el sincero propósito de la Revolución de unificar el pensamiento de nuestras colectividades, encauzando la acción de las nuevas generaciones hacia la organización de un régimen en que la igualdad sea consecuencia de una equitativa distribución económica, esta Secretaría estima que la implantación de la Escuela Socialista significa un paso más hacia la redención material y espiritual de las clases asalariadas, dentro de un orden de efectiva justicia social.* (GARCÍA TÉLLEZ, EMR, 01/01/1935, p. 3. Grifos nossos)

Como se pode observar na citação, o primeiro secretário de Educação Pública do cardenismo apresenta a educação socialista como uma expressão do propósito da Revolução de unificar as consciências das novas gerações no sentido da justiça social e da elevação cultural das classes trabalhadoras. Na fala do novo secretário de Educação, indicado por Cárdenas, percebemos que a educação socialista é colocada não só como um desdobramento, mas como uma parte da própria Revolução, como “o sincero propósito da Revolução de unificar o pensamento d[as] coletividades” mexicanas.

Percebemos que essa fala do secretário García Téllez vai na mesma linha do discurso do Plutarco Elías Calles, que analisamos antes, de que a Revolução não havia terminado, mas entrava em um novo período, em que a deveria se “apoderar das consciências” e “formar uma nova alma nacional”, como afirmou Calles.

Segundo o primeiro secretário de Educação do cardenismo, a construção do “novo regime social”, por meio da Revolução, exigia a preparação de uma nova geração com uma nova mentalidade para dirigir o novo México que estava sendo criado pelo processo revolucionário. Uma parte da fala dele publicada na revista deixam isso bem claro:

La preparación armónica de las clases trabajadoras y de futuras generaciones en el trabajo colectivo, evitará que el desquiciamiento de la actual civilización, basada en la explotación del hombre por el hombre, en la mecanización del espíritu, en la deificación de la riqueza material [...], conduzca, al acontecer el derrumbe de las instituciones tradicionales, a la improvisación [...] producida por falta de cerebros y voluntades, selectamente educados para la dirección del nuevo régimen. (GARCÍA TÉLLEZ, EMR, 01/01/1935, p. 4-5)

Nesse primeiro discurso do secretário de Educação Ignacio García Téllez, como mostramos, a Revolução Mexicana foi referida de forma mais central. Mas observamos nos discursos seguintes dele que não houve um foco mais direto na Revolução, mas a prioridade foi a defesa imediata da educação socialista, rebatendo críticas feitas a ela especialmente por pessoas ligadas à Igreja.

Esse primeiro secretário ficou apenas alguns meses à frente da SEP. Segundo a pesquisadora Raquel Sosa Elízaga (2012), que estudou o papel dos secretários de Educação na construção da educação socialista, ele ficou pouco tempo no cargo porque foi convocado pelo presidente Cárdenas “*para apoyarlo en la superación de la crisis política desatada por el conflicto con Plutarco Elías Calles.*” Então, “*García Téllez debió abandonar la Secretaría de Educación Pública para ocupar la secretaría general*

del Partido Nacional Revolucionario”, indicado pelo presidente da República. (SOSA ELÍZAGA, 2012, p. 200)

Como já mencionamos, desde que quando foi presidente (1924-1928), Calles era quem controlava de fato a política nacional mexicana até ascensão de Cárdenas. Então, acabar com o “maximato” foi o primeiro desafio enfrentado pelo cardenismo e isso acabou envolvendo a figura do secretário García Téllez. Como pessoa de confiança do presidente, ele foi colocado à frente do PNR, que antes era controlado por Calles.

O novo secretário de Educação nomeado por Cárdenas foi Gonzalo Vázquez Vela, que ficou no cargo de julho de 1935 até o final do cardenismo, em dezembro de 1940. Ao contrário do secretário anterior, que era uma figura mais ligada à educação, pois tinha sido reitor da UNAM de 1929 a 1932, o novo dirigente da SEP era formado em Direito e exerceu carreira política, chegando a ser governador do estado de Veracruz. Ele deixou esse cargo para assumir a SEP. (CARRANZA PALACIOS, 2008, p. 30)

A apresentação do novo secretário na revista foi um pouco estranha, pois a edição de 01/07/1935 apenas publica uma fotografia dele, ocupando uma página inteira, mas não coloca nenhum texto explicando e inclusive nem coloca que é um novo secretário. A única informação presente na legenda da imagem é “*Lic. Gonzalo Vázquez Vela. Secretario de Educación Pública.*” (EMR, 01/07/1935, p. 19)

É importante destacar que a revista não tinha publicado uma foto do secretário de Educação anterior, nem destacado seu nome, apesar de que o tema da educação ganhou muito destaque na primeira edição de EMR do cardenismo. Nela, foi publicado em 1ª página e com o título em letras chamativas o texto intitulado “*El programa educativo y social del presidente Cárdenas*”, que começa dizendo:

Ya hemos insertado en esta revista, en diversas ocasiones, declaraciones del General Lázaro Cárdenas, que definían su orientación como candidato, en materia social y educativa. Ahora, coincidiendo con su protesta como presidente [...], para conocimiento del Magisterio Rural, copiamos sus declaraciones iniciales relativas a estos mismos problemas. (EMR, 15/12/1934, 1º pág.)

Chama a atenção que a questão da educação foi apresentada nessa primeira edição da revista durante o cardenismo como o programa educativo “do presidente Cárdenas”, sem fazer nenhuma menção a quem era o secretário de Educação. O primeiro discurso do

então secretário García Téllez só apareceu na edição seguinte da revista, de 01/01/1935, como mostramos.

Nesse primeiro momento do cardenismo, a impressão que passa no discurso de EMR é que era o próprio presidente da República quem dirigia educação, não importando com quem ocupava a SEP. Até mesmo o primeiro discurso de um secretário de Educação do cardenismo publicado na revista, que era o García Téllez, passava essa ideia, pois começava afirmando seu “desejo de interpretar fielmente o critério sustentado pelo Presidente da República”, como já citamos.

Já no caso do novo secretário, o Vázquez Vela, que assumiu em julho de 1935, percebemos que EMR dá mais destaque para sua figura. Além de publicar a fotografia dele logo que assumiu o cargo, na edição seguinte, a revista publica um texto em que o secretário, e não o presidente é destacado no título: *“Declaraciones del. C. secretario de Educación pública Lic. Gonzalo Vázquez Vela. Educación Socialista. Unidad Ideológica. Ayuda al niño proletario. Abaratamiento de los libros de texto.”* (VÁZQUEZ VELA, EMR, 15/07/1935, p. 9)

Em seu discurso reproduzido na revista, Vázquez Vela destaca o papel central da educação no projeto de transformação social do México. Logo no início, ele afirma que a reforma educacional era um esforço para *“unificar la orientación ideológica y la actuación magisterial en los distintos sectores escolares.”* Sobre o sentido da educação como parte da Revolução, ele afirma: *“yo juzgo que en la obra de reivindicación del proletariado emprendida por la Revolución Mexicana, es factor principalísimo la Escuela, ya que ella hace que los educandos adquieran el hábito del trabajo productivo y socialmente útil.”* (VÁZQUEZ VELA, EMR, 15/07/1935, p. 9)

Nesse discurso, podemos observar que, diferente do secretário de Educação anterior, o novo representante da SEP se coloca como a figura central da definição dos objetivos da educação. Mas notamos que permanece a mesma visão da Revolução como algo no presente e a educação socialista como parte dela. Na verdade, isso foi algo constante nos discursos dos secretários de Educação e do próprio presidente da República que foram publicados em EMR durante o cardenismo, como mostraremos.

Dois anos após esse primeiro pronunciamento, aparece um novo discurso do secretário Vázquez Vela na 1ª página da edição da revista na edição de agosto de 1937. O texto foi intitulado *“Mensaje del secretario de educación a los maestros de la república. Día del Maestro – 15 de mayo de 1937.”* Ou seja, EMR estava reproduzindo o discurso que tinha sido feito pelo secretário no Dia do Maestro, no mês de maio. Isso

aconteceu porque, após um período de interrupção que durou de janeiro a junho de 1937, a revista voltou a ser publicada em julho. Por isso o discurso do Dia do Professor, que era em maio, foi divulgado por ela bem depois. Nesse novo momento da publicação, EMR passou a ser publicada pelo D.A.P.P., o novo órgão oficial de propaganda do governo, ligado diretamente ao presidente Cárdenas.

Na mensagem do secretário aos professores no seu dia, ele destacou o empenho dos *maestros rurales* durante os dois anos que se passavam desde a implantação da educação socialista, destacando que “*durante todo este tiempo los maestros han luchado con gran entusiasmo por alcanzar las altas finalidades que con ella se persiguen*” e, apesar de toda a resistência que se colocou à reforma educativa, os professores “*han arrostrado con gran valor todos los peligros que su implantación ha entrañado frente a los ataques de los adversarios de la Revolución.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, ago, 1937, p. 1)

Nesse discurso aparece a ideia de que a educação socialista era parte da transformação revolucionária, que seguia em curso, e que quem não aceitava era “adversário da Revolução.” Essa visão fica mais clara ainda na parte seguinte do discurso, quando o secretário afirma:

*la finalidad que con ella [la educación socialista] se persigue es tan accesible para quien [...] aspira a poner fin a una etapa de inicua explotación, que puede asegurarse que **la principal garantía para que la Revolución Mexicana siga su curso, cada vez más acelerado, lo constituye la escuela.** La Revolución Mexicana ha depositado, en efecto, en el maestro, todas sus esperanzas. Las masas obreras y campesinas ven en él el principal motor y director de la Revolución.* (VÁZQUEZ VELA, EMR, ago, 1937, p. 1. Grifos nossos)

Esse discurso coloca de maneira bem explícita a visão que foi passada durante todo o cardenismo nos vários discursos oficiais publicados na revista: a ideia que a Revolução Mexicana seguia em curso e que a educação socialista era a principal expressão do processo revolucionário naquele momento. Além disso, também mostra que o governo entendia os professores, principalmente os *maestros rurales*, como “o principal motor” da Revolução.

De fato, ao ler os discursos reproduzidos em EMR, identificamos claramente o que afirma Arnaldo Córdova (1974), de que no processo de reorganização social e política empreendido pelo cardenismo “*ningún grupo social se distinguió tanto como los*

maestros de escuela primaria y, entre éstos, en especial, los maestros rurales, por su actividad política en el seno de las masas trabajadoras.” (CÓRDOVA, 1974, p. 2)

Inclusive, podemos identificar essa visão sobre os professores em um outro discurso do secretário Vázquez Vela, publicado pela revista na edição bimensal de janeiro/fevereiro de 1938, com o título “*Manifestó a los maestros de la república por el C. Srio. de Educación*”, em que ele se dirige aos professores do México, pedindo sua colaboração para defender a política do governo diante do conflito entre o Sindicato dos Petroleiros e as empresas estrangeiras que exploravam o petróleo nacional. Nesse contexto, que acabaria culminando na expropriação das empresas estrangeiras e nacionalização do petróleo pelo governo pouco tempo depois,¹¹ o Manifesto do secretário de Educação foi publicado em EMR, com um tom pedagógico e patriótico, no qual a figura do professor aparece como a de um “*orientador de la conciencia popular.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1938, p. 2)

Segundo o secretário de Educação, a propaganda feita pelas empresas estrangeiras e por setores conservadores mexicanos tinha como objetivo “*introducir la confusión, el pánico y el desconcierto en el ánimo del pueblo*”, tentando romper o apoio popular ao governo. Diante disso, a SEP conclamava os professores a esclarecerem a sociedade do que realmente estava em jogo na questão do petróleo, denunciando as mentiras e defendendo a Revolução Mexicana como processo de libertação do povo. (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1938, p. 2)

Esse chamado se materializou na convocação pelo governo do *Congreso Pro-Educación Popular*, que foi realizado no *Palacio de Bellas Artes*, na Cidade do México. Segundo a fala do secretário Vázquez Vela na abertura do evento, que foi publicada na revista EMR, o congresso se reuniu na capital mexicana “*delegaciones [...] de los Gobiernos de los Estados y agrupaciones magisteriales, de obreros y campesinos.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1938, p. 4) A fala do secretário foi publicada na revista com o título “*La educación de las masas. Puntos de vista del Gobierno.*”

¹¹ Como explicam Aguilar Camín e Lorenzo Meyer (2000), as desavenças entre o governo mexicano e as empresas estrangeiras que exploravam o petróleo do país começaram desde a promulgação da Constituição de 1917, que estabelecia que as reservas petrolíferas pertenciam à nação. As divergências continuaram existindo por mais de uma década, mas “o choque definitivo” entre o governo e as empresas petrolíferas teve origem em “um enfrentamento entre as empresas e seus operários”, que iniciaram uma greve do setor. O governo Cárdenas interveio em favor dos trabalhadores e a resistência das empresas estrangeiras em dar aumento de salário aos trabalhadores petroleiros, como ordenou a Suprema Corte do México, foi o estopim para a nacionalização petrolífera. (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 201-202)

Observamos que ela faz uma conexão muito forte entre o nacionalismo, a Revolução Mexicana e o papel da educação e dos professores. O secretário começa dizendo que está se dirigindo a “*todos que sienten hondamente su responsabilidad frente a los grandes problemas nacionales, se preocupan, en lo íntimo de su conciencia, por la inquietante interrogación que plantea la Revolución Mexicana en el momento actual de su desarrollo.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1938, p. 3)

Como já destacamos em discursos anteriores, a Revolução é colocada no presente, como algo ainda em curso. Notamos que de todos os discursos do secretário Vázquez Vela publicados na revista EMR, este, do *Congreso Pro-Educación Popular*, é o que mais apresenta menções à Revolução Mexicana. Nas palavras do secretário:

La Revolución, tal como la realiza en estos momentos la administración del General Lázaro Cárdenas, se caracteriza por la fórmula como sus postulados cristalizan en sí mismos aspiraciones de la Nacionalidad Mexicana. [...] La Secretaría de Educación Pública y el Magisterio Nacional organizado, tras de un examen concienzudo del momento histórico que vive la Revolución Mexicana, han llegado a la conclusión de que está dentro del sector de sus deberes convocar a este Primer Congreso Pro-Educación Popular, como el medio más adecuado para provocar el florecimiento de tal conciencia. [...] Un nacionalismo revolucionario de ese tipo sólo podrá alcanzarse a través de la cultura, que nos otorgará un conocimiento más profundo de nuestros problemas y mayores recursos para resolverlos. México precisa fortalecerse [...] para completar cuanto antes el ciclo social que traza la Revolución Mexicana. (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1938, p. 3-4. Grifos nossos)

Como se pode ver na citação, o nacionalismo foi colocado como questão central nesse discurso, que ocorria no contexto da disputa do Estado mexicano com as empresas estrangeiras de exploração do petróleo nacional. A ideia passada pelo secretário de Educação é que um verdadeiro “nacionalismo revolucionário” só poderia ser consolidado por meio da educação e a cultura seria o caminho para encontrar soluções para os problemas nacionais e completar a obra da Revolução.

No final de 1939, quando se iniciava o último ano do cardenismo, o governo convocou a *Primera Conferencia Nacional de Educación*, realizada em dezembro daquele ano. Em sua edição de janeiro/fevereiro de 1940, a revista EMR publicou o discurso do secretário Vázquez Vela realizado na inauguração da Conferência. Segundo a revista, foi reproduzido o texto completo do discurso pronunciado pelo secretário

“a nombre del señor Presidente de la República.” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1940, p. 3)

Nesse discurso, realizado “em nome do presidente Cárdenas”, o secretário de Educação fez um balanço geral das realizações do governo até então. Também celebrou a criação do *Sindicato de Trabajadores de la Enseñanza de la República Mexicana* “a iniciativa del Presidente Cárdenas” e afirmou que a Conferência seria um espaço para ouvir a “*palabra sincera, con la más clara orientación*” dos professores, que contavam “*con las capacidades adquiridas en los cinco años de vigencia de la reforma escolar.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1940, p. 3-4) Como ocorreu nos discursos anteriores, o secretário novamente vinculou o governo Cárdenas e a educação socialista com a Revolução Mexicana:

[México] llegó a esta etapa de lucha en que el Régimen Cardenista [...] implantó la Escuela Socialista, con mira de rectificar el presente y edificar el porvenir. [...] El carácter socialista de la enseñanza, unido al impulso reivindicativo de los trabajadores demandaba la unidad y la armonía de todos los sectores revolucionarios. [...] Desde entonces, México tiene una escuela propia, que avanza y fructifica, a medida que se esclarece y se depura la tesis filosófica de la Revolución. (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1940, p. 3. Grifos nossos)

Nesse discurso do secretário de Educação, que já era no período final do cardenismo, podemos perceber uma narrativa que não só coloca o governo Cárdenas como parte da Revolução, mas também afirma que esse governo, por meio da educação socialista, “depura[va] a tese filosófica da Revolução.” Entendemos que isso queria dizer que o cardenismo definia o sentido da revolução como socialista, mas que não tinha o caráter do socialismo identificado com o comunismo, que os setores reacionários acusavam o governo, pois era um regime político que mantinha e defendia a democracia e a liberdade de pensamento.

A fala do secretário, que foi reproduzida na revista EMR, ressalta exatamente aquilo que era chamado de socialista na educação estatal e na sociedade que o Estado revolucionário pretendia formar por meio dessa escola: “*una escuela que, por encima de los intereses individuales, proclama los derechos de la colectividad; que lejos de atacar la libertad de pensamiento, forma precisamente mentalidades libres, a salvo de dogmas, fanatismos y prejuicios.*” (VÁZQUEZ VELA, EMR, jan/fev, 1940, p. 3) Como já

explicamos no capítulo 1, o grande foco da educação socialista era acabar com a influência religiosa na educação.

No próximo tópico, analisaremos os discursos do presidente Cárdenas publicados na revista EMR. Mostraremos que as falas do presidente apresentam essa mesma linha discursiva, que vinculava os ideais da Revolução Mexicana ao desenvolvimento da educação socialista.

3.2. Os discursos do presidente Lázaro Cárdenas

A primeira reprodução de um discurso de Cárdenas já como presidente que encontramos em EMR ocorre na edição de 01/08/1935, em um texto intitulado *“Justificación de la Escuela Socialista: Conceptos del C. presidente de la República.”* Na introdução feita pelos editores da revista, eles explicam que reproduzem uma fala de Cárdenas realizada na cidade de Guadalajara, na qual *“las palabras del C. Presidente de la República afirman, una vez más, sus propósitos ya expresados anteriormente”* a respeito do seu projeto de governo para o campo. Podemos ver que a ênfase é colocada na sindicalização e na educação: *“que los campesinos, unificados, constituyan un organismo [...] y logren su emancipación material e intelectual mediante su preparación, al alcanzar los conocimientos [...] y adquirir la cultura que ha de liberar a los trabajadores del campo.”* (EMR, 01/08/1935, p. 3)

No início do discurso do presidente reproduzido na revista, percebemos que a primeira coisa feita por ele é a defesa da educação socialista dos ataques que vinha sofrendo da parte de *“los mismos opositores e, en muchos casos, desgraciadamente hasta [de] nuestra gente inconsciente, azuzada por los elementos intelectuales que no quieren la liberación espiritual y económica de las masas proletarias.”* Mas ele segue o discurso em um tom bem otimista dizendo:

*Afortunadamente para la Revolución, hemos visto con satisfacción a través de las jiras que hemos venido efectuando en la República [...] cómo numerosas familias se expresan ya con agrado, con cariño del programa de la Revolución, y es que las familias que ayer fueron indiferentes han podido ver que todo es nobleza en el programa de la Revolución. [...] En cuanto al problema educativo, éste sigue en pie en todo el país; tenemos una población inculta e impreparada que sigue en manos de los elementos que van a explotarlos. Por eso **el Gobierno de la Revolución** toma verdadero interés en que la Escuela vaya hasta*

*los centros más pequeños del país, para **que la Escuela pueda liberar espiritualmente a las clases obreras y campesinas.*** (CÁRDENAS, EMR, 01/08/1935, p. 3. Grifos nossos)

Além de vincular a Revolução Mexicana com a educação socialista, como mostramos que também ocorre nos discursos dos secretários de Educação, encontramos nessa primeira fala do presidente Cárdenas reproduzida na revista alguns elementos que foram um certo padrão nos discursos dele reproduzidos em EMR. Primeiramente, observamos que ele não usa a primeira pessoa, não fala como um “eu”, o presidente, mas sim em nome da Revolução: “o Governo da Revolução”; o “programa da Revolução”, etc. Isso é recorrente não só nos discursos que foram publicados na revista EMR, mas também em outras falas oficiais do Cárdenas, inclusive quando ele ainda era candidato à presidência, como mostra a compilação de discursos dele que foi publicada por Leonel Durán (1984).

Outro elemento recorrente nos discursos do presidente Cárdenas publicados na revista é que suas falas geralmente foram feitas fora da capital do país. No primeiro discurso, como citamos, era uma fala na cidade de Guadalajara. Depois foram publicados discursos dele em outras regiões, como nos estados de Yucatán, Guerrero e Chiapas, além de Michoacán, que era o seu estado de origem e onde ele havia sido governador. E mais um elemento recorrente na publicação dos discursos de Cárdenas na revista é a utilização de fotografias. Isso não aparece no primeiro discurso dele, que já comentamos, mas aparece nos outros que analisaremos.

O uso de imagens em EMR era bastante intenso, como mostramos na análise da sua materialidade, realizada no capítulo 1. No entanto, no caso das fotografias publicadas na revista junto com os discursos do presidente, principalmente a partir de 1937, acreditamos que isso tem relação com o fato de que a publicação passou a ser editada pelo novo órgão criado naquele ano e responsável pela propaganda do governo, o D.A.P.P. Como mostra a historiadora Priscila Pilatowsky Goñi em sua tese (2014), esse Departamento se utilizou muito das imagens de diversos tipos produzidas por “*artistas cuyas obras plasmaran elogios a los logros sociales de la revolución, o que construyeran imágenes icónicas de un México pintoresco, de bellezas naturales y de riqueza cultural.*” Segundo Goñi, o D.A.P.P.

adquirió trabajos de pintores, escultores, escritores y músicos nacionales y extranjeros. En la propaganda del DAPP fueron

frecuentes nombres como los del pintor guatemalteco Carlos Mérida, los fotógrafos Hugo Brehme y Manuel Álvarez Bravo y diferentes obras de miembros de la Liga de Escritores y Artistas Revolucionarios (LEAR). (PILATOWSKY GOÑI, 2014, p. 105)

No caso das fotos que foram publicadas na revista EMR junto com os discursos do presidente Cárdenas, a maioria não indica a autoria. Mas observamos que na edição bimensal de setembro/outubro de 1937, quando a revista começava a ser publicada pelo D.A.P.P., o fotógrafo Manuel Álvarez Bravo é identificado como o autor das fotografias. Este, como já comentamos no capítulo 1, é considerado um dos principais fotógrafos latino-americanos e esteve entre os importantes intelectuais e artistas que apoiaram a política cultural do Estado pós-revolucionário.

O discurso do presidente publicado na edição setembro/outubro de 1937 é intitulado “*Palabras del presidente Lázaro Cárdenas en Yucatán*” e os editores da revista informam que foram palavras dirigidas pelo presidente a “*un grupo de estudiantes y profesores jóvenes que celebraron un acto de adhesión y amistad hacia él.*” Após a reprodução do discurso, aparece a informação do local e a data em que ocorreu: “*Mérida, 9 de agosto de 1937.*” (EMR, set/out, 1937, p. 2)

As palavras de Cárdenas no Yucatán foram colocadas na página de EMR ao lado de várias fotografias referentes à “*jira por el Sureste [d]el Presidente de la República*” e, como se pode ver nas (figuras 19 e 20), as imagens ocupavam praticamente o mesmo espaço do discurso presidencial reproduzido na revista. Vale ressaltar que, nesta edição, além das fotos junto ao texto com as palavras do presidente, foram publicadas outras fotografias de Álvarez Bravo retratando essa região do México e sua população, inclusive na capa. Os editores da revista informam, na contracapa, que “*la fotografía de la portada representa una ceramista yucateca*”, como mostramos na (figura 21).

Figura 19
EMR, setembro/outubro de 1937, p. 2



Figura 20
Fotografias junto ao discurso de Cárdenas e ampliação da foto com a imagem dele

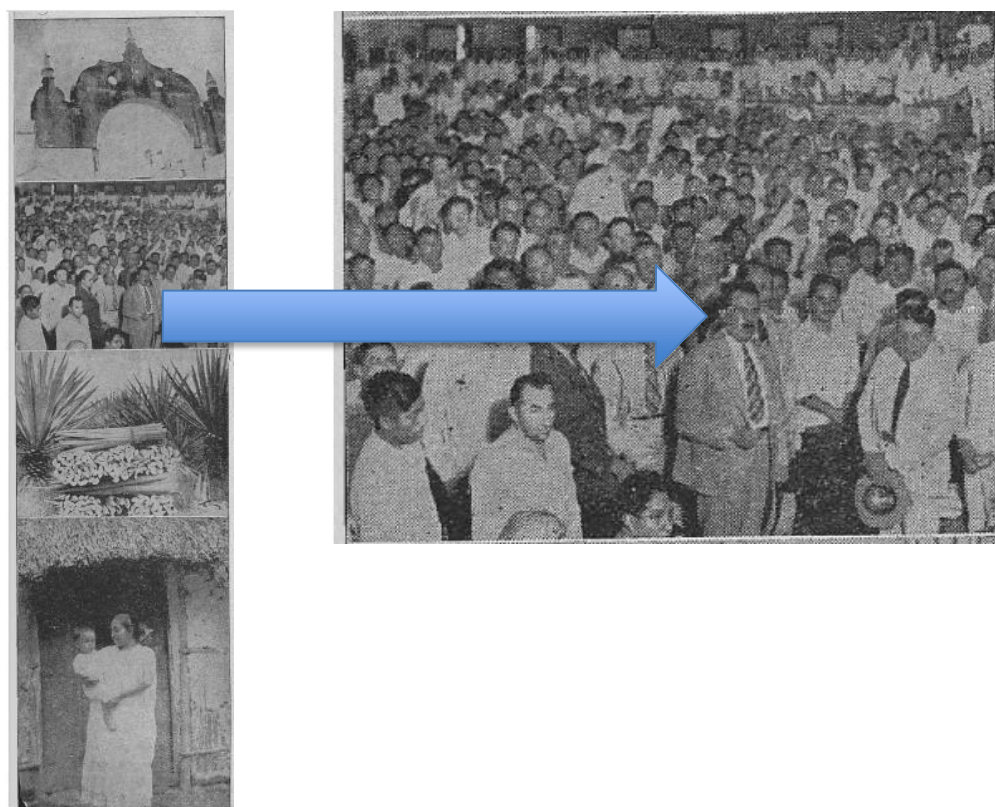


Figura 21
Capa e contracapa de EMR, setembro/outubro de 1937



Em relação às imagens da página em que a revista reproduz o discurso do Cárdenas, é interessante observar que o presidente só aparece em uma das fotografias e, além disso, sem muito destaque. Ele aparece na parte inferior da foto, que destaca a multidão reunida em torno dele, aparentemente em um auditório, que provavelmente foi o local do discurso (figura 21).

Em sua fala, o presidente Cárdenas se dirigiu a “*los jóvenes*”, estudantes e professores, alertando-os de que eles tinham uma luta a travar dentro do processo da Revolução, atuando como parte das “*juventudes revolucionarias*”, que deveriam “*ser factores eficaces de acción social mediante la ciencia y la técnica, trabajando cerca de los obreros y del campesino, mejorando sus medios de vida.*” No caso específico do Yucatán, o presidente destacou que “*e[ra] deber de los revolucionarios organizar su acción con sistema y persistencia tales, que nadie pueda desorientar la tarea que la Revolución se ha impuesto aquí.*” (CÁRDENAS, EMR, set/out, 1937, p. 2)

Com essas palavras, provavelmente, Cárdenas estava se referindo ao histórico socialista do estado, que vinha desde o período revolucionário. Em 1916, foi fundado o Partido Socialista do Yucatán, que se tornou Partido Socialista do Sudeste, em 1921, e

elegeu como governador Felipe Carillo Puerto, que acabou sendo assassinado em 1924. Durante seu governo, foi promulgada uma lei agrária estadual que dotou de categoria jurídica e política as comunidades indígenas que não possuíam os antigos títulos de propriedade comunal e outorgou *ejidos* a vários *pueblos* do estado. (ÁVILA AMEZOLA, 2021, p. 252-253)

Na edição seguinte de EMR, de novembro/ dezembro de 1937, foi publicado outro discurso do presidente Cárdenas voltado aos jovens. Dessa vez, ele discursou para o grupo “*Juventudes Socialistas Unificadas de México*”, reunido no Palácio de Belas Artes, na capital mexicana. A fala do presidente foi reproduzida na revista com o título “*Mensaje a la Juventud.*”

Nesse discurso, Cárdenas definiu a sua concepção da Revolução Mexicana de forma parecida com o que tinha falado no Yucatán, colocando o aspecto cultural, a ciência, como primeiro ponto: “*la Revolución significa ciencia a servicio del pueblo, disciplina y perseverancia en el trabajo organizado y justicia distributiva en el disfrute de los bienes.*” E como ocorreu no Yucatán, fez um chamado “*a las juventudes de mi país*” para “*que pongan todas sus energías, su capacidad y desinterés al servicio de la obra fundamental de la Revolución, basada en la liberación del pueblo mexicano.*” (EMR, nov/dez, 1937, p. 2)

No ano seguinte, na edição de março de 1938, a revista EMR publicou novamente um discurso do presidente, que foi intitulado “*El señor presidente de la república, general Lázaro Cárdenas, durante el magno desfile del día 23 de marzo.*” Esse desfile, foi um ato de apoio ao governo pela expropriação petrolífera, organizado pelos sindicatos e pelo PRM – Partido da Revolução Mexicana, que era o antigo PNR fundado por Calles, que Cárdenas mudou o nome. Esse ato ocorreu na frente do Palacio Nacional no dia seguinte a um outro encabeçado pelos estudantes universitários e reuniu cerca de 250 mil pessoas. (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 204)

Nesse contexto, falando aos seus apoiadores, o presidente Cárdenas colocou seu governo como “*la Revolución constituida en Gobierno*” e afirmou que tal governo “*en estrecho abrazo con los patriotas de todo el país, salvar[í]a el honor de México*” frente a “*la actitud rebelde de las compañías petroleras.*” (EMR, mar, 1938, p. 2) Pelo que foi publicado na revista EMR, parece que foi um discurso pequeno, só mesmo para agradecer o apoio popular à expropriação. Mas o que nos chama a atenção nesse discurso é o presidente apresentar o seu governo como “Revolução constituída em Governo.”

A questão petrolífera no México, como explica Omar Fabián Gonzáles Salinas (2016), transcende a dimensão econômica e se projeta como um símbolo de identidade nacional. Segundo o autor, *“el petróleo goza de una dimensión simbólica que lo ha posicionado como elemento formador de la identidad nacional de los mexicanos.”* (GONZÁLES SALINAS, 2016, p. 89)

Entendemos que a expropriação petrolífera realizada no cardenismo foi um momento fundamental dessa construção da identidade nacional, muito alinhada ao ideário anti-imperialista. Essa identidade mexicana nacionalista e anti-imperialista foi promovida por Lázaro Cárdenas, que, desde sua campanha presidencial, procurou difundir sua imagem como herdeiro legítimo dos grandes líderes revolucionários.

Gonzáles Salinas (2016) explica que durante o cardenismo o governo utilizou diversos mecanismos para difundir valores cívicos e programas governamentais, como publicações, transmissões radiofônicas e conferências. Nesse contexto, o D.A.P.P. tornou-se peça fundamental na construção de um discurso oficial que buscava articular identidade nacional, soberania e continuidade da Revolução. (GONZÁLES SALINAS, 2016, p. 91)

Podemos observar isso claramente nos discursos do presidente Cárdenas publicados na EMR. Durante boa parte do cardenismo, de julho de 1937 a dezembro de 1939, a revista foi publicada pelo D.A.P.P. Mesmo após esse período, quando a revista voltou a informar que era um *“Órgano de la Secretaría de Educación Pública”*, observamos que os discursos do presidente continuaram sendo apresentados na revista num formato muito próximo da ideia de propaganda, com bastante uso de fotografias que mostravam o presidente, inclusive na capa da revista.

Na edição de março/abril de 1940, quando a revista já tinha deixado de ser publicada pelo D.A.P.P. e voltado a ser um órgão da SEP, a imagem utilizada na capa é uma fotografia do presidente Cárdenas rodeado de pessoas (figura 22). Os editores de EMR não colocam nenhuma legenda da foto, nem na capa nem em outra parte da revista, e nem informam a autoria dela. Provavelmente, a fotografia da capa seja da visita feita pelo presidente à cidade de Tuxtla Gutiérrez, no estado de Chiapas, no sul do México, pois o primeiro texto da edição da revista apresenta um discurso realizado por ele na cidade.

Figura 22
Capa EMR, março/abril de 1940



Os editores da revista explicam que esse discurso tinha sido feito pelo “*señor Presidente de la República en su reciente jira por el estado de Chiapas y con motivo del segundo aniversario de la expropiación de la industria petrolera*” e que foi “*radiado en todo el país.*” Eles explicam também que “*varios fueron los tópicos que tocó el Primer Magistrado en su mensaje*”, mas que a revista só “*reproduce [...] la parte correspondiente a educación.*” (EMR, mar/abr, 1940, p. 2)

O título dado pela revista ao texto em que reproduz parte desse discurso foi “*El presidente Cárdenas y el art. 3º. Constitucional.*” No texto da revista, toda a fala do presidente foi colocada em caixa alta, o que não era comum nas publicações que EMR fazia dos discursos de autoridades, mesmo do presidente. Outra coisa diferente dos discursos anteriores de Cárdenas publicados em EMR é que a página desse texto também apresenta uma fotografia dele com certo destaque, pois, mesmo sendo de tamanho pequeno, ela mostrava apenas o rosto do presidente (figura 23). Acreditamos que essas estratégias editoriais mostram a importância que foi dada pelos editores da revista para essa fala do presidente em Chiapas.

Figura 23
EMR, março/abril de 1940, p. 2



Na primeira parte reproduzida do discurso, o presidente Lázaro Cárdenas adota um tom combativo, ao falar dos “*enemigos de la Revolución.*” Segundo o presidente, eles teriam “*combatido la reforma de la Escuela Socialista, siguiendo los pasos de los que pugnaron por mantener el sojuzgamiento de las conciencias con la escuela confesional, y el privilegio de la cultura para las clases capitalistas.*” Na sua visão, a educação socialista teria sido criada justamente para mudar esse cenário, pois

la Revolución reconoce que no basta el ejemplo de las generaciones reformadas, ni es posible cimentar la organización de un nuevo orden social, más justo y humano, si no se prepara a la niñez y la juventud para defender y continuar la obra emprendida. La Escuela Socialista es una institución de servicio social, y no de interés privado, que propugna por la capacitación integral de todos los individuos, en beneficio de la colectividad. Anhela la verdadera libertad, porque busca la luz de la razón como norma de conducta, en lugar de la ciega obediencia al dogma. [...] La Revolución es fundamentalmente un

proceso de integración de la patria [...], no puede despreocuparse por la formación de la conciencia nacional. [...] Para esa cruzada, cuenta la Revolución con todo el magisterio. (CÁRDENAS, EMR, mar/abr, 1940, p. 2. Grifos nossos)

Nessa fala, já no fim do cardenismo, podemos ver que o presidente Cárdenas vai além de falar do seu governo como “Governo da Revolução”, como fez antes em outros discursos. Nesse discurso em Chiapas, no aniversário de um ano da expropriação petrolífera, ele fala em nome da própria Revolução. Provavelmente pelo contexto de exaltação nacionalista pelo tema do petróleo, ele destaca a questão da nacionalidade, a “integração da pátria” e a “formação da consciência nacional” como grandes objetivos da Revolução. Na fala do presidente, a educação socialista é colocada como o caminho para a criação dessa consciência e os professores como os principais agentes para isso, por isso “a Revolução” contava com a atuação dos professores.

O último discurso do presidente Cárdenas que encontramos em EMR aparece na edição de julho/agosto de 1940. A revista EMR explica que se trata de uma fala dele em Michoacán, seu estado natal durante uma cerimônia “*organizada por el antiguo Colegio de San Nicolás, hoy Universidad Michoacana, para conmemorar el IV centenario de su fundación.*” Na ocasião, o presidente proferiu “*un mensaje a la juventud de todo el país*”, que a revista reproduz na íntegra, com o título: “*El deber de la juventud universitaria.*”

Em seu discurso, o presidente inicia falando que iria aproveitar a ocasião de estar naquela instituição universitária para saudar a todos os universitários do país em nome do governo. Ele começa a mensagem falando exatamente da Revolução:

Sabido es que la Revolución Mexicana es el producto directo de una serie de esfuerzos populares, plenos de heroísmo y de espontaneidad. A diferencia de otros movimientos de su misma índole, las acciones de armas no fueron precedidas por el pensamiento sistemático de los filósofos o de los economistas. La teoría de la Revolución se hizo en los mismos campos de batalla por hombres que en su mayoría poco habían estudiado. Así, sin negar las voces aisladas de los precursores que, en sus periódicos, libros o tribunas, recogieron los síntomas del malestar social y los anhelos de reivindicación colectivos, puede afirmarse que, en cierto modo, la historia de la Revolución Mexicana, en su primera etapa, se hizo sin el concurso directo de los intelectuales. [Pero] no hemos dejado nunca de creer que, si el movimiento inicial de liberación en México se hizo como mero acto de espontaneidad popular, los pensadores y los artistas de hoy, los profesionistas y los técnicos, tendrán que darle al país un mayor

impulso plasmando los ideales humanistas que han informado el programa instituido por los hombres de la Revolución. [...] Serán ustedes, universitarios, quienes, en una u otra forma, vengan a darle a la Revolución una voz con mayor eco. (CÁRDENAS, EMR, jul/ago, 1940, p. 3. Grifos nossos)

Podemos perceber que nesse discurso, diferente dos anteriores, o presidente Cárdenas apresenta uma visão de conjunto e uma interpretação a respeito da Revolução Mexicana. Como já comentamos no início da dissertação e tocamos em alguns momentos ao fazer a interpretação dos discursos de EMR sobre ela, tratou-se de um processo revolucionário muito complexo, pois contou com a participação de vários grupos sociais diferentes, com propostas muito distintas.

Mas as interpretações da historiografia sobre o processo revolucionário começaram a ser feitas quase que junto com a própria guerra revolucionária. Portanto, acreditamos que ao discursar para o público universitário, Cárdenas lançou mão da historiografia sobre a Revolução produzida na época, pois a visão que ele passa em sua fala, publicada na revista, reproduz exatamente a visão das “interpretações clássicas” da Revolução Mexicana, que se desenvolveu nas décadas de 1920 e 1930. (BARBOSA, LOPES, 2001)

As interpretações dessa época, consideravam a Revolução como um processo exitoso e enfatizavam a luta camponesa como sua principal característica. Por isso, geralmente, consideravam que as ideias, as ideologias, não foram um fator de condução da luta revolucionária. O principal expoente dessa primeira corrente de interpretação da Revolução Mexicana foi o historiador estadunidense Frank Tannenbaum, que foi um grande admirador da revolução do México e inclusive tinha proximidade com Lázaro Cárdenas. (TANNENBAUM, 1960; WEINSTEIN, 2021)

Além de replicar e endossar a grande interpretação teórica da época sobre a Revolução Mexicana, observamos que esse último discurso de Cárdenas adiciona a ela um aspecto, que tem a ver com o caráter político, de ação, do seu discurso: se a luta revolucionária não se baseou em ideias ou ideologias, cabia agora aos intelectuais, pensadores, artistas etc., dotar a Revolução de um sentido, uma ideologia e um caminho próprio.

A análise dos discursos de Lázaro Cárdenas publicados em EMR entre 1935 e 1940 revelam a centralidade que o presidente atribuía à educação e à juventude no processo de continuidade da Revolução Mexicana. Ao longo desses anos, Cárdenas

construiu uma narrativa na qual a escola socialista, os jovens e os professores foram apresentados como protagonistas da transformação nacional. A educação foi constantemente vinculada aos ideais revolucionários de justiça social, emancipação das classes trabalhadoras e defesa da soberania nacional.

Ao justificar a “Escola Socialista”, convocar a juventude ao engajamento político, ou defender a expropriação do petróleo como um desdobramento legítimo da Revolução, Cárdenas reforçou a ideia de que o seu governo era parte do movimento iniciado em 1910. Em seus discursos, a Revolução Mexicana não era apenas um marco histórico, mas uma força ainda ativa e orientadora das políticas do presente.

Além disso, seus pronunciamentos reproduzidos na revista enfatizam o papel do povo como agente indispensável das mudanças, mobilizando o sentimento de pertencimento nacional e exortando à disciplina, ao sacrifício e à responsabilidade social. Professores e jovens foram frequentemente destacados como os principais executores dessa “missão”, cabendo a eles disseminarem os valores revolucionários e consolidar as conquistas sociais alcançadas até então. Dessa forma, os discursos de Cárdenas publicados em EMR funcionaram como importantes instrumentos de legitimação não apenas do seu governo, mas do próprio Estado pós-revolucionário.

Considerações finais

O objetivo da nossa pesquisa foi identificar como a Revolução Mexicana foi mobilizada no discurso da revista EMR durante todo o seu período de publicação, de 1932 a 1934. Como é muito comum nos trabalhos que usam publicações periódicas como fontes, não tivemos acesso a todas as edições da revista, principalmente no início da publicação, antes do cardenismo. Mas possuímos as duas primeiras edições de EMR e não temos lacunas tão grandes entre as publicações, sendo possível ter uma amostra de todos os anos da publicação.

Dessa forma, é possível afirmar que a Revolução foi um tema muito mais presente na revista durante o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) do que no período anterior. Embora EMR tenha homenageado líderes revolucionários, principalmente Emiliano Zapata e Francisco Madero, durante todo o período que foi publicada, podemos observar que durante o governo de Abelardo L. Rodríguez (1932-1934), em seus pronunciamentos oficiais que foram reproduzidos na revista e os do secretário de Educação Pública Narciso Bassols, não encontramos menções diretas à Revolução Mexicana.

Essa situação se altera significativamente com a chegada de Cárdenas à presidência. Observamos que durante o cardenismo os discursos oficiais tanto do presidente quanto dos secretários de Educação mencionam recorrentemente a Revolução Mexicana e não apenas como um marco fundamental para a formação nacional e para o próprio sentido da educação rural, mas também se referindo a ela como um processo ainda em andamento.

Tanto o presidente Cárdenas quanto seus secretários de Educação Ignacio García Téllez (1934–1935) e Gonzalo Vázquez Vela (1935–1940) publicaram pronunciamentos na revista em que mobilizaram a Revolução como a principal justificativa para as reformas educacionais em curso, especialmente a construção de uma “educação socialista.” Esses discursos reforçavam a função pedagógica da memória histórica, ao mesmo tempo que alinhavam os educadores ao papel de agentes de continuidade do processo revolucionário no campo.

Também em relação às homenagens aos líderes revolucionários, observa-se algumas mudanças durante o cardenismo. Embora presentes no período anterior, destacamos que as referências a Emiliano Zapata se intensificaram de forma notável e esse personagem passou a ocupar lugar de destaque nas páginas da publicação. EMR passou a divulgar artigos, textos biográficos, vários *corridos*, além de um volume

significativo de fotografias e ilustrações sobre o líder camponês revolucionário. O discurso da revista durante o cardenismo não apenas resgata a atuação política e militar de Zapata, mas também o transforma em ícone da justiça social, reforma agrária e fidelidade aos princípios revolucionários. Ao fazer isso, EMR erigia a figura do Zapata como figura emblemática de uma Revolução “desde baixo”, alinhada aos interesses das massas camponesas, que eram o público central das políticas educacionais do período, bem como da própria revista.

Outras figuras revolucionárias também foram mobilizadas no discurso da revista no processo de construção de uma memória a respeito do processo revolucionário. Francisco Madero foi o principal líder revolucionário destacado, depois do Zapata. Representado de forma elogiosa e crítica, Madero teve sua imagem estampada em capas da revista.

Álvaro Obregón, por sua vez, foi destacado por meio de textos que salientavam tanto seu papel de líder militar durante o processo revolucionário quanto no processo de institucionalização do regime pós-revolucionário. Venustiano Carranza foi representado principalmente em associação ao constitucionalismo e à promulgação da Constituição de 1917. Mas, diferentemente de Zapata, Madero e Obregón, a revista chegou a publicar um texto mais crítico sobre Carranza, que foi assinado pelo historiador Agustín Cué Cánovas, que era um colaborador recorrente da revista.

Em contraposição a essas presenças marcantes, a figura de Pancho Villa foi quase que absolutamente apagada da memória da Revolução que foi construída nas páginas de EMR. Suas pouquíssimas aparições no discurso da revista foram pontuais, secundárias e inclusive críticas, com a figura de Villa sendo apresentada como um “rebelde”, que lutava contra as instituições – encarnadas nos constitucionalistas –, e o seu exército descrito como “hostes”, passando uma visão de que ele seria inclusive um inimigo da Revolução.

As análises desenvolvidas ao longo desta dissertação evidenciaram que EMR desempenhou, entre 1932 e 1940, um papel fundamental na divulgação e consolidação de um discurso oficial sobre a Revolução Mexicana. Especialmente no período cardenista, a revista foi utilizada como um instrumento de orientação ideológica, de formação de professores e de construção de uma memória coletiva funcional ao projeto político vigente. Os discursos, artigos, efemérides, biografias e pronunciamentos publicados não apenas lembravam o passado revolucionário, mas também reinterpretavam seus eventos e personagens, adequando-os aos objetivos do Estado pós-revolucionário.

Ao selecionar certos líderes, valorizar determinadas narrativas e silenciar outras, a revista operava como um importante dispositivo de construção de uma memória e uma interpretação oficial da Revolução que eram veiculadas no ambiente escolar do campo em todas as regiões do México. Utilizando-se de um discurso composto por inúmeras imagens, juntamente com os textos escritos, EMR atuava como um veículo privilegiado para que o Estado alcançasse as massas camponesas com uma linguagem mais acessível e que se esperava que fosse reforçada pelos *maestros rurales*, vistos como agentes centrais na transformação da mentalidade tradicional camponesa.

Embora não seja possível saber até que ponto foi vitorioso o projeto de transformar o campo mexicano em uma sociedade moderna e secular, como buscou fazer o Estado pós-revolucionário, acreditamos ser possível afirmar que EMR foi um instrumento muito bem construído para esse fim. Mostramos nesta dissertação como a Revolução Mexicana foi mobilizada no discurso da revista visando esse objetivo.

Fontes e referências bibliográficas

Fontes

BARTRA, Armando. **Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la revolución mexicana de 1910 a través de su periódico de combate**. México: Era, 1985.

DURÁN, Leonel. **Lázaro Cárdenas: Ideario político**. México: Era, 1984.

MÉXICO, **Diario Oficial**. Tomo V, 4ª Época, N°. 30, 05/02/1917. Disponível em: <https://pdpa.georgetown.edu/Constitutions/Mexico/mexico1917.html>. (acesso em 28/12/2024).

_____. **Decreto que reforma el artículo 3º y la fracción XXV del 73 constitucionales**. **Diario Oficial do México**, 13/12/1934, p. 849-851. Disponível em: https://dof.gob.mx/nota_to_pdf.php?fecha=13/12/1934&edicion=MAT. (acesso em 24/06/2025).

_____. Iniciativa presentada por el PNR para reformar el Artículo 3º de la Constitución Federal (1933). Congreso de la Unión, Derechos del pueblo mexicano. **México a través de sus Constituciones**, México: Cámara de Diputados, 1967, t. III, p. 310.

REED, John. **México insurgente** [1914]. México: Tlalaparta; INAH, 2005.

SEP-MÉXICO. **El Maestro Rural** (edições de março de 1932 a dezembro de 1940).

TANNENBAUM, Frank. Lázaro Cárdenas. **Historia Mexicana**, vol. 10, n°. 2, Oct.-Dic., 1960, p. 332-341. Disponível em https://www.jstor.org/stable/25129803?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents. (acesso em 06/06/2025).

VASCONCELOS, José. **Un llamado cordial. El Maestro**: Revista de Cultura Nacional. México-SEP, Tomo I, n° 1, Abr.-Sep., 1921, p. 5-8 (edição facsimilar). In: Revistas literárias mexicanas modernas. México: FCE, 2018.

Referências bibliográficas

AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: EDUSP, 2000.

ÁLVAREZ BARRET, Luis. Justo Sierra y la obra educativa del Porfiriato, 1901-1911. In: SOLANA, Fernando; CARDIEL REYES, Raúl; BOLAÑOS MARTÍNEZ, Raúl. **Historia de la educación pública en México**. México: FCE; SEP, 2011, p. 83-115.

ARIAS, Javier; SANMARTÍN CAVA, Josep Francesc. Agustín Cué Cánovas (1913-1971). **Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano**, 2013. Disponível em: <https://www.centrolombardo.edu.mx/agustin-cue-canovas-1913-1971/>. (acesso em: 26/03/2025).

ARNAL, Ariel. El río que cambia. Vicisitudes historiográficas de una fotografía de Emiliano Zapata. **Revista de la Dirección de Estudios Históricos del Instituto Nacional de Antropología e Historia**. México, n° 93, jan-abr de 2016, p. 63-78.

ÁVILA AMEZOLA, Rafael D. **Henequén, evolución y socialismo em Yucatán**: de la guerra de castas al Partido Socialista del Sureste. UACM-México, 2021.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; LOPES, Maria Aparecida S. A historiografia da Revolução Mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas. **História**. São Paulo: UNESP, vol. 20, 2001, p. 163-198.

BORGES, Ana Cristina. Entre o popular e o massivo: os corridos pós-Revolução Mexicana de 1910. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 32, p. 169-186, jan.-jun. 2016.

BRUNK, Samuel. **La trayectoria póstuma de Emiliano Zapata**: Mito y memoria en el México del siglo XX. Tradução de Mario Zamudio Vega e Víctor Altamirano. São Paulo: Grano de Sal, 2019. (versão Kindle). Disponível em: <https://www.amazon.com.br/trayectoria-p%C3%B3stuma-Emiliano-Zapata-memoria-ebook/dp/B07T997Q5Y?asin=B07T997Q5Y&revisionId=d048fc26&format=3&depth=1>. (acesso em: 26/06/2025).

CARR, Barry. **El movimiento obrero y la política en México**. México: Era, 1981.

CARRANZA PALACIOS, José Antonio. **100 años de educación en México (1900-2000)**. México: Noriega Editores, 2008.

COCKCROFT, James. **Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana**. México: Siglo XXI, 1971.

CÓRDOVA, Arnaldo. Los maestros Rurales en el cardenismo. **Cuadernos Políticos**, n. 2, México, D. F., editorial Era, octubre-diciembre de 1974, p. 77-92.

DE LA TORRE VILLAR, Ernesto. Agustín Cué Cánovas (1913-1971): In Memoriam. **Revista de História da América**, n. 72, p. 535-541, jul./dez. 1971. Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20139030>. (acesso em: 26/03/2025).

DE LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanegi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

DGSCA-UNAM – Dirección General de Servicios de Cómputo Académico. **Publicaciones Digitales**. Verbete List Arzubide, Armando. Disponível em: http://biblioweb.tic.unam.mx/diccionario/htm/biografias/bio_afuera/list_arzu.htm. (acesso em: 03/06/2025).

DIAS, Natally Vieira. DIAS, Natally Vieira. **A Revolução Mexicana nos debates político-intelectuais brasileiros**: projeções, leituras e apropriações (1910-1941). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Tese de Doutorado, p. 302.

_____. **O México como “lição”**: a Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915). Ponta Grossa-PR, 2020.

_____. Algumas considerações em torno ao imbróglio Posada: quando as imagens não

ilustram os textos. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, N° 29, Ago./Dez., 2020, p. 444-483.

DÍAZ FRENE, Jaddiel. Entre hojas volantes y máquinas parlantes: la otra historia de la llegada de Madero a la Ciudad de México (1911). **Hist. graf**, México, n. 58, p. 17-56, jun. 2022. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-09272022000100017&lng=es&nrm=iso. (acesso em 24/12/2024).

DUPRAT, Andréia Carolina Duarte. A luta contra o nazifascismo pelo taller de gráfica popular. **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**, n. 41, 2021, p. 834-844.

EDER, Rita. Muralismo mexicano: modernidad e identidad cultural. In: BELUZZO, Ana Maria M. (org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: Memorial; UNESP, 1990, p. 99-120.

ELEM – Enciclopedia de la literatura en México. Verbete “Crisol. Revista de Crítica.” Disponível em <https://www.elem.mx/institucion/datos/1800>. (acesso em 10/06/2025).

FABRIS, Marcos. Exemplo e atualidade de Manuel Alvarez Bravo. **Todas as Musas**, Ano 05, N° 02, Jan-Jun, 2014, p. 91-100.

FRIÁS GÁMEZ, Luis Gerardo. **La representacion nacionalista de Pancho Villa en el cine mexicano**: analisis de sus convenciones y rupturas estéticas e ideologicas. Instituto Ideológico de Monterrey, 2021.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONZÁLEZ SALINAS, Omar Fabián. El discurso patriótico y el aparato propagandístico que sustentaron a la expropiación petrolera durante el cardenismo. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, v. 52, p. 88–107, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0185262016300251>. (acesso em: 26/06/2025).

GUEVARA GONZÁLEZ, Rosa Iris. La educación en México. Siglo XX. **Textos Breves de Economía**. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Económicas, Miguel Ángel Porrúa, México, 2002.

KATZ, Friedrich; GUADARRAMA, Adriana. Pancho Villa y La Revolución Mexicana. **Revista Mexicana de Sociología**, vol. 51, no. 2, 1989, p. 87–113. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3540680>. (acesso em 03/01/2025).

KNIGHT, Alan. **La Revolución mexicana**: del porfiriato al nuevo régimen constitucional. México: FCE, 2012 [edição eletrônica].

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LÖWY, Michael. **Revoluções**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARTINS, Anderson Montagner. A política cultural da Secretaria de Educación Pública (SEP) e a “educação socialista” no México na década de 1930. **Faces da História**. UNESP Assis, vol. 5, nº 2, jul-dez. 2018, p. 283-296.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 11-36.

MORA, Francisco Javier. **El ruido de las nueces**: List Arzubide y el estridentismo mexicano. Valencia: Universidad de Alicante, 1999. Disponível em https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/9116/1/Mora_Ruido_de_las_nueces.pdf. (acesso em 07/06/2025).

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 16, n. 17, p. 179-199, 2014. Edição temática: Memória social.

ORTIZ-CIRILO, Alejandro. Laicidad y reformas educativas en México (1917-1992). **México: Instituto de Investigaciones Jurídicas (UNAM)**, 2015.

PALACIOS, Guillermo. **La pluma y el arado**: los intelectuales pedagogos y la construcción sociocultural del "problema campesino" en México, 1932-1934. México: El Colegio de México, 1999.

PILATOWSKY GOÑI, Priscila. **“Para dirigir la acción y unificar el pensamiento”**: propaganda y revolución en México, 1936–1942. 2014. Tese (Doutorado em História) – Centro de Estudios Históricos, El Colegio de México, México, D.F., 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291831447>. (acesso em: 26/06/2025).

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

POZAS, Ricardo. El Maximato: El partido del hombre fuerte (1929-1934). **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 9, p. 251-279, 1983. Disponível em: <https://moderna.historicas.unam.mx/index.php/ehm/article/view/69012/68940>. (acesso em 01/05/2025).

QUINTANILLA, Susana; VAUGHAN, Mary Kay. **Escuela y sociedad en el periodo cardenista**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 441-450.

RUIZ LAGIER, Verónica. El Maestro Rural y la Revista de Educación: El sueño de transformar al país desde la editorial. **Signos Históricos**. Departamento de Filosofía CSH/UAM/Iztapalapa-México, nº 29, enero-junio, 2013, p. 36-63. Disponível em: <https://signoshistoricos.izt.uam.mx/index.php/historicos/article/view/396/374>. (acesso em 03/01/2025).

RUIZ OJEDA, Tania Celina. Representaciones del México post revolucionario: el cine

de propaganda en el cardenismo y el Departamento Autónomo de Prensa y Publicidad. **Tzintzun. Revista de Estudios Históricos**, Morelia, n. 73, p. 131-157, ene./jun. 2021.

SÁNCHEZ ACOSTA, Norma. Pancho Villa, la construcción de un relato. **Fuentes Humanísticas**, año 35, nº 67, 2023, p. 173-185.

SILVA, Caio Pedrosa da. **Mártires de Cristo Rey: Revolução e Religião no México (1927-1960)**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, 2015.

SOSA ELÍZAGA, Raquel. Narciso Bassols, Ignacio García Téllez, Gonzalo Vázquez Vela: tres personajes en la construcción de la educación socialista. **XXXIV Jornadas de Historia de Occidente**. México: Centro de Estudios de la Revolución Mexicana Lázaro Cárdenas (UNAM), 2012, p. 193-208.

TUTINO, John. **De la insurrección a la revolución en México**: las bases sociales de la violencia agraria (1750-1940). México: Ediciones Era, 1990.

URFALINO, Philippe. A história da política cultural. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 293-334.

VAUGHAN, Mary Kay. La política cultural en la Revolución: maestros, campesinos y escuelas en México, 1930-1940. México, D.F.: **Fondo de Cultura Económica**, 2001.

VILLAÇA, Mariana; SCHMIED.ECKE, Natália Ayo; GARCIA, Tânia da Costa. Introdução: por falar em Política Cultural. In: **Políticas culturais na América Latina: entre conflitos e negociações**. São Paulo: Editora Unifesp, 2023.

WEINSTEIN, Barbara. Aprendendo com a América Latina: Frank Tannenbaum e uma releitura da utopia. In: PRADO, Maria Ligia (org.). **Utopias latino-americanas: política, sociedade, cultura**. São Paulo: Contexto, 2021.

ZICMAN, René B. História através da imprensa: Algumas considerações metodológicas. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 4, 1981, p. 89-102.